

**Universidade de Lisboa  
Instituto de Ciências Sociais**



**Viver “Além-Mar”: Estrutura e experiência de  
brasileiras imigrantes na Região Metropolitana  
de Lisboa**

**Gleiciani Maria de Oliveira Fernandes**

**I Curso de Mestrado em Antropologia Social e Cultural**

**2008**

**Universidade de Lisboa  
Instituto de Ciências Sociais**



**Viver “Além-Mar”: Estrutura e experiência de  
brasileiras imigrantes na Região Metropolitana  
de Lisboa**

**Gleiciani Maria de Oliveira Fernandes**

Tese Orientada pelo Prof. Doutor José Manuel  
Rodrigues Ferreira Sobral

**I Curso de Mestrado em Antropologia Social e Cultural**

**2008**

**Resumo:**

A dissertação que aqui se apresenta tem como eixo central a experiência quotidiana de mulheres brasileiras que trabalham no *mercado da simpatia* e residem na Região Metropolitana de Lisboa. Procurar-se-á explorar alguns aspectos de suas vivências diárias tentando perceber como lidam com as imagens representativas sobre a mulher brasileira. Como estratégias metodológicas parte-se de um *auto-etnografia*, para em seguida, através de uma observação participante e/ou vivência participante, perceber como estes actores social (re) constroem identidades.

Palavras-chave: Migração brasileira, mulheres, mercado de trabalho, experiência quotidiana e imagens representativas

**Abstract:**

The dissertation is presented here is as the lynchpin to everyday experience of women working in the Brazilian market for the sympathy and reside in the metropolitan area of Lisbon. It will search to explore some aspects of their daily lives trying to figure out how to deal with images representative on the Brazilian woman. As part methodological strategies is a *autoethnography*, then, through a participant observation and experience or participant, see how these social actors (re) construct identities.

Key words: Brazilian migration, women, labor market, experience daily and images representative

# *Agradecimentos*

A Deus, pela força que me faz acreditar que “Quando sou fraco, aí é que sou forte” (2Cor 12:10).

Aos meus pais, que sofreram a “dor da saudade” e mesmo distante continuaram a não medir esforços para que eu pudesse construir o meu caminho. A minha irmã Lidiane, pelo apoio e a amizade de sempre. Amo vocês.

À minha avó Nelsa (*in memoriam*), descobri que sempre ficará connosco. Eternas saudades.

Aos meus padrinhos Dinha e Victor pelo acolhimento em “Terras Estrangeiras”. Sem vocês não teria sequer vindo a Portugal.

Ao meu orientador Prof. Doutor José Sobral, pela atenção, gentileza, disponibilidade e por acreditar na pertinência deste trabalho.

Aos professores do I Mestrado em Antropologia Social e Cultural que foram essenciais nesta etapa de minha formação.

À todas do Gabinete de Pós-Graduação, pela dedicação com que conduzem os assuntos relacionados ao Mestrado. Obrigada também pela amizade e torcida por minha permanência.

Aos colegas do Mestrado, Raquel, Lena Cláudia, Murilo, Max, Ana Luísa, Jonas e Ana Rita pelos bons momentos dentro e fora do ICS.

Ao Ricardo Barbieri, pela dedicação em um momento difícil, a distância não foi obstáculo.

Ao Leonardo Vieira pela amizade e por me oferecer alguns momentos de distração.

Aos amigos Dália, Clodson, Willy, Cláudia, Juliana, Lira e Eduardo, pelas horas que compartilhamos vários aspectos de “viver em além-mar”.

Aos amigos que ficaram no Brasil pelo apoio e força para que a chama da amizade continuasse viva. Em especial: Patrícia, Simone, Rebeca, Manuella, Mayara, Mário Fábio, Anaxuell e Gilson.

À todos da Loja Isa Cris pela paciência. Em especial a Lina Marques que me ofereceu conhecimentos que não se aprendem na Universidade e que levarei para toda a vida.

À Sra. Maria e Sra. Fernanda pelas vezes que a boa conversa me fazia esquecer de como era difícil trabalhar e estudar. Sentirei saudades.

Às brasileiras que vivem em “Além-Mar”, a razão principal desta pesquisa. Em especial as minhas interlocutoras, obrigada pela disponibilidade.

À todos que participam activamente da Comunidade Brasileiros em Portugal do Orkut. Obrigada por compartilharem comigo muitos aspectos da “vida imigrante”.

Por fim, obrigada a cidade de Lisboa, por acolher tantos imigrantes.

# Índice

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo I. Percursos metodológicos</b> .....	12
1.1 A experiência da investigadora na pesquisa etnográfica.....	12
1.2 O observador sendo observado.....	17
1.3 Desfeitas as barreiras.....	21
<b>Capítulo II. O Movimento Migratório como Objecto de Estudo.</b> .....	22
2.1 Pesquisando as migrações .....	23
2.2 Migrações e o Brasil .....	25
2.3 Brasileiros em Portugal.....	28
2.4 A imigrante brasileira .....	29
<b>Capítulo III. Viver em “Além-Mar”</b> .....	32
3.1 Porquê imigrar .....	33
3.2 Como iniciar o empreendimento: o papel das tradicionais e das novas redes sociais .....	37
3.3 Os recursos para concretização da viagem.....	39
3.4 O que levar .....	41
3.5 Quem fica .....	43
3.6 A viagem .....	45
3.7 Onde e como morar.....	48
3.8 O trabalho .....	49
3.9 Os dias de folga .....	52
3.10 O lazer .....	54
3.11 As amizades .....	57
<b>Capítulo IV. Imagens e Reflexos</b> .....	59
4.1 Exotização do povo brasileiro .....	59
4.2 As mulheres brasileiras trabalhadoras do <i>mercado da simpatia</i> e sua relação com as imagens representativas .....	62
4.3 Estratégias no <i>jogo dos espelhos</i> .....	64
4.3.1 Corpo como expressão.....	64
4.3.2 A Brasileira e o corpo.....	66
4.3.3 A roupa como expressão de uma identidade e aproximação à <i>centralidade</i> .....	67
4.3.4 As performances e a aproximação à centralidade.....	69
4.3.5 O controle sobre o corpo para um distanciamento da <i>centralidade</i> .....	69
4.4 Imagens reflectidas em <i>mulheres invisíveis</i> .....	71
<b>Considerações Finais</b> .....	74
<b>Bibliografia</b> .....	78
<b>Anexos</b> .....	86

# *Índice de Gráficos*

## **Gráfico I:**

Gráfico da Imigração no Brasil (1884-1933) .....26

## **Gráfico II**

Gráfico da emigração portuguesa (1890 – 1950) .....27

## **Gráfico III**

Gráfico da Imigração no Brasil (1820-1975) .....27

Dedico este trabalho a meus pais, Maurício e Fanca, dois “bravos guerreiros” na arte de viver que fizeram do sonho de dias melhores uma realidade construída no dia-a-dia. Pelas vezes que fizeram da minha educação uma prioridade, mesmo que para isso tivessem que “saborear” a dor da saudade.



*“Coloque-se porém o leitor, o ingrato leitor, no papel de cronista. Dias há em que, positivamente, a crônica ‘não baixa’. O cronista levanta-se, senta-se, lava as mãos, levanta-se de novo, chega à janela, dá um telefonema a um amigo, põe um disco na vitrola, relê crônicas passadas em busca de inspiração – e nada. Ele sabe que o tempo está correndo, que a sua página tem uma hora certa para fechar, que os linotipistas o estão esperando com impaciência, que o diretor do jornal está provavelmente coçando a cabeça e dizendo a seus auxiliares: ‘É... não há nada a fazer com Fulano...’. Aí então é que, se ele é cronista mesmo, ele se pega pela gola e diz: ‘Vamos, escreve, ó mascarado! Escreve uma crônica sobre esta cadeira que está aí em tua frente! E que ela seja bem feita e divirta os leitores!’. E o negócio sai de qualquer maneira.”*

**Vinícius de Moraes<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> MORAES, Vinícius (1995). *Para viver um grande amor*. São Paulo: Cia das Letras. p.18.

# *Introdução*

O exercício de investigação científica demanda uma disposição constante para enveredar-se nos “labirintos da trama social”. O pesquisador tem como meta perceber os mecanismos que, por diversas razões, fogem ao olhar do “nativo”. Fica a cargo do cientista social a sensibilidade de entender as diferentes manifestações sociais surgidas no campo, aguçando os sentidos e procurando ver cada detalhe, que muitas vezes não está revelado e constrói-se nas entrelinhas (Fernandes, 2006). Cabe ao antropólogo a tarefa de conciliar dados etnográficos, sua própria experiência de vida e conhecimento teórico para, desta forma, encontrar caminhos de reflexão e entendimento da vida de determinados actores sociais. Esta foi uma “lição de vida académica” que me foi incorporada ao longo de minha formação no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará – Brasil e apreendida de forma bastante especial durante o Curso de Mestrado do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. De facto, o que aqui tento configurar foi construído à luz das posturas e convicções de mestres com quem tenho convivido em aulas e/ou em suas obras.

O trabalho que se segue é fruto de um esforço sistemático de tentar perceber alguns aspectos da experiência quotidianas de mulheres imigrantes brasileiras residentes na Região Metropolitana de Lisboa. Foi sendo realizado através da minha própria experiência de vida enquanto imigrante brasileira e estudante de mestrado, pois parto das minhas inquietações sobre a minha própria condição para reflectir sob luz de teorias antropológicas e de outras ciências sociais sobre um aspecto importante da contemporaneidade, que são os processos migratórios e seus significados para o imigrante e para a sociedade de acolhimento.

A estrutura apresentada neste trabalho é reflexo do mundo em que vive o imigrante, onde os processos transnacionais perpassam por sua vida fazendo com que ele se torne um indivíduo diferente, nem melhor e nem pior do que era no seu país de origem. Quando se trata em especial dos imigrantes brasileiros em Lisboa as singularidades tornam-se tão eficazes que implicam em todos os aspectos de sua experiência quotidiana. Não é por acaso que a própria escrita deste trabalho está “pluralizada”, ora usando a maneira característica do brasileiro escrever, ora tentando se aproximar da maneira portuguesa de usar o português enquanto língua. Isso foi reflexo do que se vivenciou em campo, faz parte da experiência de quase todos brasileiros em *terras estrangeiras* e não poderia ser diferente com a pesquisadora que aqui se

apresenta. Eu, como mulher, imigrante e brasileira parto de uma *auto-etnografia* para compreender como vivem os actores sociais que a mim me eram semelhantes.

Mas a minha experiência enquanto imigrante foi apenas um norte para que eu pudesse não só fazer uma *observação participante* como uma *vivência participante* e/ou *participação crítica*. Acompanhei ao longo de 1 ano e meio de pesquisa em campo a experiência migratória de pelo menos 40 brasileiras, porém, dediquei-me a vivenciar experiências com 18 delas. Essa escolha deveu-se por entender que acompanhar um número menor, mas mais de perto, tornava o trabalho etnográfico muito mais rico.

Nesta perspectiva convido o leitor a “embarcar nesta viagem” de mulheres brasileiras em “Além-mar”, percorrendo o roteiro da dinâmica expositiva que assim estruturei:

Na primeira parte, encontra-se a descrição do percurso metodológico, explicitando as posturas e procedimentos adoptados para realização da pesquisa e as dificuldades enfrentadas ao longo deste percurso.

O segundo capítulo é uma explanação sobre os contextos históricos, situando o leitor sobre quem é o “objecto” de estudo.

O terceiro capítulo intitulado “Viver em Além-Mar” é uma tentativa de descrição etnográfica sobre a vivência quotidiana de mulheres imigrantes brasileiras. Tento, de forma detalhada, mostrar aspectos que me foram revelados e que assumiram um papel importante enquanto experiências vividas.

O último capítulo, Imagens e Reflexos, não poderia deixar de existir quando se fala de mulheres imigrantes brasileiras em que as imagens representativas sobre elas podem interferir ou architectar muitos dos aspectos de sua experiência quotidiana.

Por último encontram-se as considerações finais sobre o trabalho e a apresentação dos anexos.

## Capítulo 01

# Percursos Metodológicos

*“... Os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separar seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma dessas coisas para enriquecimento da outra (...) Isso significa que deve aprender a usar a experiência de sua vida no seu trabalho continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe...”*  
(MILLS, 1965:212)

Nesta epígrafe Wright Mills (1965) ressalta a pertinência em associar as experiências vividas pelo pesquisador e o trabalho de investigação. Elabora uma ideia de que é fecundo congregar as trajetórias individuais e os processos sociais na tentativa de compreensão da realidade. Neste contexto, os caminhos que segui em minha vida recente foram fundamentais para que eu sentisse a necessidade de reflectir sobre o mundo a minha volta. O interesse em abordar as experiências de vida de brasileiras em Portugal surgiu da vontade de reflectir sobre a minha própria condição de imigrante em Lisboa sob luz das teorias antropológicas e dos contributos de outras ciências sociais.

### 1.1. A experiência da investigadora na pesquisa etnográfica

Em minha primeira viagem a Portugal, em Agosto de 2006, ainda no aeroporto de Fortaleza, despertou em mim uma curiosidade, aquela “coceira das ideias” no dizer de Rubem Alves (2002). Ao conhecer Júlia<sup>2</sup> surgiu-me pela primeira vez o interesse em investigar a vida dos brasileiros em terras estrangeiras.<sup>3</sup> Ao ouvir os relatos de vida desta rapariga de 24 anos nem imaginava que estava a dar os primeiros passos no exercício metodológico da *história de família* (Pina-Cabral e Lima, 2005). Só em escutar um pouco da sua história de vida, suas relações familiares, sua relação com o noivo português, seus constrangimentos e suas perspectivas, reparei que estava a tentar “dar conta do percurso de vida de um sujeito social, integrando-o nas relações

---

<sup>2</sup> Os nomes das interlocutoras foram modificados para proteger a identidade de cada uma.

<sup>3</sup> Conheci Júlia no aeroporto de Fortaleza. Como eu, ela viajava para Portugal pela primeira vez e pouco sabíamos como era “viver em terras estrangeiras”. Vivemos juntas as aflições e os medos de ter contacto com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF, órgão público responsável por fiscalizar a entrada de pessoas no país, dentre outras actividades.

subjectivas em que está envolvido através da constituição do seu universo de parentesco.” (Cabral e Lima, 2005).

Durante o curso de Mestrado fui definindo meu objecto de estudo e passei a fazer o exercício metodológico recomendado por Da Matta (1973) de transformar em exótico o familiar, construindo aquela “proximidade crítica” em que falava Boaventura de Sousa Santos (1994)<sup>4</sup>. Este exercício foi fundamental para que pudesse compreender o mundo em que eu estava imersa e fazer uma análise crítica das experiências de vida de mulheres imigrantes em Lisboa. Fiquei cada vez mais atenta aos acontecimentos quotidianos, observava as acções, as conversas e o comportamento de cada brasileira que encontrava na cidade. Uma simples ida ao café ou um jantar com os amigos do mestrado eram óptimas oportunidades de inserção no terreno, pois não era raro encontrar empregadas de mesa brasileiras e num prato e outro servido sempre buscava um “jeitinho” de aproximação. Essas conversas eram importantes porque davam-me rápida dimensão dos seus quotidianos, pois sempre procurava saber quantas horas de trabalho tinham, quanto tempo viviam em Lisboa e alguma de suas impressões sobre a cidade e seus habitantes. A passagem abaixo revela a importância que esses momentos de desconstracção tinham em minha pesquisa:

*“Ontem à noite fui jantar com os amigos do mestrado. Alguém sugeriu um restaurante no Bairro Alto e partimos todos para uma noite animada. Chegamos no local já passava das 22h, esperamos um pouco e logo depois fomos atendidos por uma brasileira. Não ouvi bem, mas acho que ela disse-me que era mineira. Ainda quando servia a entrada perguntei-lhe de onde era e logo aí percebi o cansaço em sua voz. O barulho que os meus amigos faziam abafava mais ainda aquela voz macia, mas ainda consegui saber a que horas tinham começado a trabalhar. Falou-me que estava ali desde as 10h da manhã. Aquelas palavras roeram-me por dentro porque já eram quase 22h 30min e eu sabia muito bem o que ela sentia, minha experiência em trabalhar em restaurante fez com que me sentisse culpada em estar ali. Acho que meus colegas nem notaram em sua fisionomia, nem se deram conta de que ali estava um ser humano no limite do cansaço. Mas eu sabia, eu via-me naquele rosto e imaginava quantas vezes eu deveria ter estado com aquele aspecto. Não comi muito bem nesta noite, fiz de tudo para apressar os meus amigos e a minha vontade era de fazer isso com todos os clientes daquele restaurante porque eu sabia como estavam as pernas daquela brasileira...” (Diário de Campo, 8 de Novembro de 2007)*

---

<sup>4</sup> Alguns autores das ciências sociais assumem o preceito metodológico do distanciamento crítico. Porém, chamou-me particularmente a atenção a perspectiva de Boaventura de Sousa Santos que prefere falar de “proximidade crítica” Diz ele: “A tradição sociológica é neste domínio ambígua. Tem oscilado entre distância crítica em relação ao poder instituído e o comprometimento orgânico com ele, entre o guiar e o servir. Os desafios que nos são colocados exigem que saíamos deste pêndulo. Nem guiar nem servir. Em vez de distância crítica, a proximidade crítica...” (Santos, 1994:21).

Mas a principal forma de inserção em terreno foi minha própria condição de estudante/trabalhadora. Esta situação foi fundamental tanto para eu conseguir interlocutores como para entender o dia-a-dia das imigrantes. Ser mulher, brasileira e trabalhadora deu-me um lugar privilegiado de *observação participante*. Minha experiência em campo constituiu-se em uma espécie de simbiose entre o “eu/pesquisador” e o “eu/trabalhador”. Transitei entre dois mundos: o mundo que observa e o mundo que se constitui como “objecto” a ser observado.

Esta proximidade com o “objecto” pesquisado deu-me oportunidade de realizar a técnica metodológica da *auto-etnografia*. Esta perspectiva consiste em o pesquisador documentar um grupo a partir da sua própria experiência individual, relacionando-a com a história social. Para Ellis e Bochner (2000) “a sua principal finalidade é compreender o *self* ou algum aspecto da vida vivenciada em um contexto cultural. No texto de narrativa pessoal os autores tornam-se 'eu', os leitores tornam-se 'você' e temas tornam-se 'nós'.” (p. 742).<sup>5</sup> Por tanto, a *auto-etnografia* é uma abordagem metodológica em que a experiência pessoal do pesquisador é valorizada de forma que seja “voz activa” dentro da narrativa.

David Hayano (1979) é comumente citado como o criador do termo *autoethnography*. Porém, outros autores fazem uso de termos similares, facto que contribui para uma certa imprecisão quanto a aplicação e definição exacta do termo. Pode-se encontrar expressões como: *Narratives of the self* (Richardson, 1994), *Personal experience narratives* (Denzin, 1989), *Self-stories* (Denzin, 1989), *First-person accounts* (Ellis, 1998), *auto-observation* (Adler e Adler, 1994), dentre outras.

Uma das características deste método é, segundo Denzin (1989), a de que o escritor não adopta a posição de um *estrangeiro objectivo*, convenção de escrita comum a etnografia tradicional, ele torna-se um *pesquisador íntimo* (Hodkinson, 2005). Alguém que além de observar, também vivencia as experiências em campo. A *auto-etnografia* implica a incorporação de elementos da própria experiência de vida ao escrever sobre os outros através de biografias ou etnografias. (Reed-Danahay, Deborah E., 1997). “(...) Os investigadores incorporam as suas experiências pessoais e posições em sua investigação, iniciando com uma história sobre si próprios, explicando sua ligação pessoal com o projecto, ou utilizando conhecimentos pessoais para ajudá-los no

---

<sup>5</sup> Tradução da pesquisadora: “Their primary purpose is to understand a self or some aspect of a life lived in a cultural context. In personal narrative text, authors become ‘I’, readers become ‘you’, and subjects become ‘us’” (Ellis e Bochner, 2000:742).

processo de investigação.” (Ellis e Bochner, 2000:741)<sup>6</sup> Portanto, as experiências de vida do *auto-etnógrafo* assumem papel de destaque pois, como ressalta Hayano (1979),<sup>7</sup> o pesquisador possui vantagens por sua auto-identificação com grupo, uma alta adesão interna e o reconhecimento tanto por si como pelo grupo que faz parte.

A escolha deste recurso metodológico motivou a forma como este trabalho está estruturado. A opção por dar voz ao investigador através do uso do texto em primeira pessoa é meu esforço de preencher de “carne e sangue” (Malinowski, 1975)<sup>8</sup> este corpo chamado pesquisa. Não significa, nem de longe, que o “eu”<sup>9</sup> que fala seja um “eu” onipotente, é antes um “eu” que dá os primeiros passos no fazer etnográfico, e que também possui certas limitações na maneira como percebe a realidade.

Os factos abordados neste trabalho foram uma tentativa do “eu/pesquisador” mostrar-se presente, e por assim dizer: não ausente, diante da realidade vivenciada. A história de vida do *pesquisador íntimo* é transcrita em algumas partes do texto como uma tentativa de não se limitar a uma *observação participante*, mas também fazer uma *participação crítica* diante da realidade a ser pesquisada, percebendo que o “eu” também é agente transformador desta realidade.

A oportunidade de trabalhar em actividades comumente ocupadas por brasileiras foi decisiva na maneira com que lidei com a prática etnográfica. Em dezembro de 2006 comecei a trabalhar num restaurante em famoso Centro Comercial de Liaboa. Essa

---

<sup>6</sup> Tradução da pesquisadora: “(...) researchers incorporate their personal experiences and standpoints in their research by starting with a story about themselves, explaining their personal connection to the project, or by using personal knowledge to help them in the research process” (Ellis & Bochner, 2000:741)

<sup>7</sup> O autor fala que o autoetnógrafo “possess the qualities of often permanent self-identification with a group and full internal membership, as recognized both by themselves and the people of whom they are a part.” (1979: 100)

<sup>8</sup> No seu célebre livro “Argonauts of the western Pacific : an account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of Melanesian New Guinea”, Malinowski (2002:18) diz que:

“Vivendo na aldeia, sem quaisquer responsabilidade que não a de observar a vida nativa, o etnógrafo vê os costumes, cerimónias, transacções, etc., muitas e muitas vezes; obtêm-se exemplos de crenças, tais como os nativos realmente as vivem. Então, *a carne e o sangue da vida nativa real preenchem o esqueleto vazio das construções abstractas*” [grifo meu].

<sup>9</sup> Em seu artigo “An Autoethnography on Learning about Autoethnography”, Sarah Wall (2006), fala desta dificuldade que encontrou para se pronunciar dentro do texto. “What I see as most significant is that traditional research and writing conventions create only the illusion that the knowledge produced is more legitimate. (...) When I wrote my first autoethnography, I asked my supervisor if I was “allowed” to write that kind of article, given that it was not research. (...) the use of “we” somehow symbolic of corroborated and therefore more legitimate knowledge than just something “I” had to share. This is the first article I have ever written in the first person, so difficult is it to break away from long-held beliefs about the legitimacy of what I know.”

proximidade com o objecto estudado faz lembrar o que Bourdieu (1980:30) fala sobre familiaridade no trabalho de campo: “a familiaridade, que não se adquire nos livros, com o modo de existência prático daqueles que não têm liberdade de colocar o mundo à distância pode ser assim, simultaneamente, o princípio de uma consciência mais aguda da distância e de proximidade real, uma espécie de solidariedade para além das diferenças culturais”. Este *locus* privilegiado foi muito valioso para minha compreensão das experiências de vida no mercado de trabalho, que é um local demasiado importante nas relações quotidianas dos imigrantes. Como diz Sobral (1999:30): “Deve estar suficientemente perto, no quotidiano e nos sentimentos, para que se lhe abram as portas e possa compreender. Compreensão que não passa apenas pela recolha de informações locais, sob a forma verbal ou de fontes escritas, mas por um aprendizado que permita o acesso ao seu modo prático de agir. Um acesso que só a observação participante proporciona”.

Esta minha *vivência etnográfica*, que foi muito mais que uma experiência em campo, pois não me limitei em observar, mas sim compartilhei e vivi momentos com o “objecto” investigado, deu-me oportunidade de presenciar factos que talvez não fossem possíveis serem ditos em uma entrevista. Acontecimentos que talvez não sejam possíveis traduzir em palavras e que me foram ditos através de uma compreensão mútua das piscadelas (Geertz, 1978), coisas ditas através de sorrisos ou mesmo de silêncios. Um facto que marcou muito minha trajetória em terreno aconteceu quando trabalhava no restaurante. Lembro-me bem do dia em que Liliane estava no limite do seu cansaço, tanto físico como psicológico. Sofria em silêncio de uma dor na coluna causada pelas horas que estava em pé e pelas caixas de frutas que tinha carregado no dia anterior. Aquele sofrimento silencioso era perturbador, denunciava o peso da longa jornada de trabalho. Neste mesmo dia Liliane recebeu uma ligação do Brasil e fui eu quem deu “cobertura” para que ela não fosse apanhada pelo chefe da equipa. As lágrimas que caíram depois do adeus e a frase “Portugal é a terra que se chora e o pai não vê” foram suficientes para que eu ficasse atenta a importância que as actividades desenvolvidas têm na forma como cada uma encara sua experiência em “Além-Mar”. Este acontecimento serviu também para que eu desse particular atenção ao papel dos familiares e das recordações e lembranças na prática migrante durante todo o resto da pesquisa.

De Maio a Julho de 2007 comecei a trabalhar em uma loja no metro de Lisboa. Este novo trabalho foi fundamental para que eu tivesse um olhar mais abrangente do perfil



profissional das brasileiras. A estação do metro era um *lugar de passagem* de muitas brasileiras<sup>10</sup>, tive contacto com domésticas, vendedoras e principalmente com mulheres que auxiliavam idosos. Logo depois, saí desta loja e fui contratada em outra loja de um prestigiado bairro de Lisboa. Aqui, consegui maior inserção no quotidiano de algumas brasileiras que iam acompanhar as idosas clientes, e também contacto com colegas de trabalho que eram brasileiras.

Trabalhar nestes locais deu-me duas oportunidades primordiais: 1. Conhecer de perto a realidade do grupo estudado e assim vivenciar o quotidiano no trabalho; 2. A facilidade de inserção no terreno. Sentia que muitas das informantes não se importavam em falar de suas experiências quotidianas com um “alguém igual”. Porém, revelar que estava a cursar um mestrado parecia-me um obstáculo, pois quando revelava minha condição legal de estadia em Portugal o “tom” da conversa mudava e sentia que apareciam certas reservas ou medos em falar. Estar por trás de um balcão preservava-me de maiores explicações e facilitava a aproximação.

## 1.2 O observador sendo observado:

*“Acho que o meu sotaque fez com que Érica se sentisse acolhida e agora sempre que passa pela rua entra na loja e me cumprimenta. É sempre simpática. Outro dia chegou meio assustada e queria saber informações sobre o SEF e como eu tinha conseguido meu visto. Expliquei-a tudinho e tive que falar da minha condição de estudante/trabalhadora. Falar sobre isso sempre era uma dificuldade na outra loja, sentia que elas mudavam ou sentia uma certa diferença quando sabiam que eu era formada e tirava um mestrado. Passava a ser “estrangeira”, diferente. Sentia uma mudança hierárquica, passava rapidamente de “igual” para a Mestre, como muitas vezes Marta (uma cliente da outra loja) me chamava...”. (Diário de Campo, 13/02/2008)*

Nesta passagem do meu caderno de campo conto um pouco da dificuldade em revelar minha condição de pesquisadora e estudante de Mestrado. Nunca neguei as minhas interlocutoras o meu objectivo de viver em Portugal, mas sentia que não ser vista como “igual” significava um obstáculo para que elas revelassem algumas aspectos de sua vida como imigrantes. Mesmo assim levei à sério o que propõe Sobral (1999:29): “O antropólogo tem de contar sua história pessoal, que permita a sua inserção local

---

<sup>10</sup> A loja do metro era muito frequentada por mulheres brasileiras. Muitas delas passavam por lá todos os dias antes de ir ao trabalho. Algumas vezes compravam, outras vezes apenas paravam para conversar comigo. O que era um “não-lugar” (Marc Auge, 2005) ou um simples lugar de passagem, assumiu os mais variados sentidos e significados para os mais distintos atores sociais que por ali transitavam. Para algumas das brasileiras com quem convivi aquele era um “lugar” de encontro, ou “lugar” de trabalho (para nós vendedoras das lojas e os vendedores de internet “banda larga”), ou “lugar” de namoro ou ainda “lugar” de sociabilidade.

como indivíduo, abrindo aos outros o conhecimento de si próprio, criando intimidade”. Mas, em muitos casos, procurei não criar “uma situação caracterizada pela segregação entre observador e observados” (Sobral, 1999: 29), tentando fazer com que a minha posição de estudante de pós-graduação não se constituísse uma barreira hierárquica. Por tanto, abordar uma informante na condição de pesquisadora, para mim, causava um distanciamento do “objecto” que me incomodou por toda a pesquisa de terreno. Ser mulher, trabalhadora e, desta forma, “igual”, foi fundamental para que vivenciasse aspectos importantes do quotidiano das minhas interlocutoras.

Rodrigues Júnior (2007), baseado em sua interpretação sobre as teorias de Norbert Elias (2000) e Bourdieu (2004a), chamou atenção para uma relação hierárquica que pode surgir entre os agentes sociais. Para ele, existem diferenças na maneira como as pessoas ou grupos se relacionam entre si, estabelecendo relações *outro-acima*, *outro-abaixo* e *outro-ao-lado*. O *outro-acima*, a exemplo do *establishment* (Elias e Scotson, 2000) é um indivíduo ou grupo que se autopercebe e que é reconhecido como pertencente a “uma boa sociedade”. Já os *outsiders* (Elias e Scotson, 2000) são aqueles que estão fora dessa “boa sociedade”, ou seja, aqueles que não possuem uma identidade construída na combinação de tradição, autoridade e influência (Neiburg, 2000), seriam, por tanto, os *outro-abaixo*. O *outro-ao-lado* é alguém com quem se comungue de símbolos. Alguém com quem se compartilha um certo *capital simbólico* (Bourdieu, 2004b)<sup>11</sup>.

Esta perspectiva chamou-me a atenção durante a investigação. Para mim, ser tratada como *outro-ao-lado* era sinal de que comungávamos de certos símbolos e por isso a aproximação dava-se de maneira menos tensa. Em muitos casos, revelar que eu era mestranda me colocava no posto de *outro-acima*, causando um desconforto que atrapalhava a minha relação com o “objecto”. A relação assemelhava-se a tratada por Elias e Scotson (2000) em que “os indivíduos ‘superiores’ podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – jugando-se humanamente inferiores.” A carga simbólica que um curso de mestrado garrega consigo

---

<sup>11</sup> Para Pierre Bourdieu (2004b), “o capital simbólico é uma propriedade qualquer – força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira *força mágica*: [grifo do autor] uma propriedade que, por responder às crenças, exerce uma espécie de acção à distância, sem contacto físico (...) esse capital simbólico é comum a todos os membros de um grupo.” (p. 170/171).

proporcionou-me, por vezes, uma relação desigual com minhas entrevistadas. Sobre esse valor simbólico que pode possuir um título Bourdieu (2004: 148/149) diz:

O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. É um capital simbólico institucionalizado, legal (e não apenas legítimo). Cada vez mais indissociável do título escolar, visto que o sistema escolar tende cada vez mais a representar a última e única garantia de todos os títulos profissionais, ele tem em si mesmo um valor e, se bem que se trate de um nome comum, funciona à maneira de um grande nome (nome de família ou nome próprio), conferindo todas as espécies de ganhos simbólicos (e dos bens que não é possível adquirir directamente com a moeda”.

Por isso, quando falo em carga simbólica refiro-me aos valores simbólicos atribuídos a um título, que neste caso, demonstra uma disparidade de “bens simbólicos”. Grande parte das brasileiras com quem convivi não possuíam curso superior completo ou mesmo nunca tiveram acesso à Universidade. Por tanto, eu, inevitavelmente passava a ser o “outro-acima”.

Uma outra dificuldade encontrada foi a de que muitas das minhas interlocutouras tinham medo de falar, a sua própria condição de não regularizadas era motivo para manterem-se reservadas. Padilla (2007) deu-nos um bom exemplo da paranoia em que vivem as mulheres brasileiras em Portugal: “Marcela, do Mato Grosso do Sul, às vezes tem medo de falar na rua já que pode ser identificada facilmente como Brasileira pelo sotaque, e esta facilidade de identificação faz com que tenha medo de rusgas”. O medo faz calar e por isso compromete um pouco o trabalho de um pesquisador que deseja saber sobre as experiências quotidianas. Por este motivo também, foi mais difícil criar uma relação de proximidade quando me apresentava como investigadora. Em algumas ocasiões encontrei certa rejeição ou a recusa de dar qualquer tipo de informação. Apesar de que em Portugal a cultura do medo da denuncia não seja algo tão repressor como é no caso da realidade norte-americana na qual nos fala Ribeiro (1998), existe um certo temor que isso possa um dia vir a acontecer.

A denuncia funciona como um mecanismo panótico: qualquer um pode anonimamente denunciar qualquer um, a qualquer momento (...) É comum que as pessoas restrinjam sua vida social, saiam pouco para não se expor, evitem pessoas e lugares suspeitos, limitem suas redes a antigos amigos, evitem entrar em conflitos para não serem denunciados (Ribeiro, 1998:12).

Mesmo que em Portugal o controle do Estado seja relativamente menos activo em comparação à política adoptada nos EUA, existem actividades de repressão policial à imigração ilegal. Como exemplos podemos citar: A “Operação Galera” em Fevereiro de

2003 realizada na Costa da Caparica (ver: Oliveira, 2006) e a rusga do Martim Moniz<sup>12</sup> em 2008.<sup>13</sup> Todas estas acções somadas ao medo de ser denunciado inibem quase todos os imigrantes ilegais.

*Ângela Torresan (1994:106) compara o medo da denúncia entre brasileiros em Londres, ao tipo de controle social exercido pela feitiçaria, “a crença numa ‘maldade invisível’, que não pode ser verificada”. Para ela a denúncia também funciona como ‘um instrumento de controle, regulador de acúmulo de bens e prestígio’. Em Londres, como em São Francisco, em muitos dos relatos sobre remoção de brasileiros do Reino Unido existe uma desconfiança não verificável (e muita especulação) de que a vítima da remoção fora denunciada... por alguém conhecido e, geralmente, por um brasileiro.” (Ribeiro, 1998: 12)*

Por essas razões nem sempre o meu interesse sobre as experiências quotidianas de brasileiras em Portugal foi visto com bons olhos. Em campo, tive que lidar com as desconfianças e os medos, pois fui vista, em alguns casos, como o “*outro-acima*” ou simplesmente aquele em quem não se pode confiar.

Por tanto, mesmo tendo essa abertura para inserção em campo por ser uma mulher, brasileira, imigrante e trabalhadora, o meu contacto com o “nativo” nem sempre foi harmónico. Minha relação por vezes foi conflituosa, pois em todo trabalho etnográfico é necessário conquistar a confiança dos informantes, como bem salienta Sobral (1999): “o trabalho de campo exige o convívio com um mínimo de intimidade com os que propõe estudar e leva ao estabelecimento de relações aprofundadas com o objecto de estudo – se houver êxito, alguns dos «objectos» serão também amigos” (p.28/29). A estratégia que usei com a maioria das brasileiras que entrevistei foi tentar manter uma relação próxima ou de amizade.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> <http://sic.aeiou.pt/online/arquivo/2008/4/pais/2/Rusga+no+Intendente.htm> (Acesso em 26/07/08)

<sup>13</sup> Sobre esse medo do SEF posso citar mais uma vez meu diário de campo:

“Combinei com uma amiga de irmos à praia e esta, por sua vez, convidou 2 amigos, um guineense e outra brasileira. Quando estávamos a caminho da Costa da Caparica avistámos uma viatura do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Imediatamente a brasileira ficou nervosa e deixou escapar sua situação irregular de permanência no país. Vivemos minutos de tensão naquele dia, confesso que tive medo do SEF parar o carro. Não tive medo por mim, mas por ver o pavor nos olhos daquela brasileira...” (Diário de Campo, 03/07/08).

<sup>14</sup> É importante lembrar que grande parte das imigrantes que conheci sentia necessidade de fazer amigos. Porém, as que estavam em situação irregular de residência tinham medo e resistência em manter uma relação próxima com alguém estranho, como já foi falado acima. Outras também, mesmo que estivessem regularizadas, têm medo de se envolver com outros brasileiros por já terem interiorizado alguns preconceitos existentes sobre a “imagem representativa do povo brasileiro”. Portanto, as relações de amizade são criteriosas ou mesmo reservadas. Há uma certa selecção com quem se envolver. Mas claro que ser mulher e brasileira facilitou muito a minha inserção em campo.

### **1.3 Desfeitas as barreiras...**

Em um segundo momento da investigação, já ultrapassadas as barreiras do primeiro contacto e feitas as devidas aproximações, passei a conviver mais de perto com as informantes e a partir daí recolher dados qualitativos através de entrevistas. Com algumas foi possível formalizar entrevistas, já com outras utilizei outros recursos, tais como, entrevistas informais, acompanhamento ao local de trabalho e aos momentos de lazer. Em muitos dos casos o maior empecilho para entrevistas formais deveu-se à falta de tempo disponível. Grande parte das imigrantes que trabalhei nesta pesquisa tinham pouco tempo livre, e os dias de folgas eram usados para resolver problemas pessoais ou fazer outras actividades,<sup>15</sup> por isso tornava-se demasiado complicado e até mesmo constrangedor “tomar” seu tempo livre. Em muitas das situações as conversas aconteciam no local de trabalho, quando isso me parecia pertinente e havia certa liberdade, noutros casos eu acompanhava-as nas actividades em dias de folga.

Por fim, procurei, ao longo da pesquisa, combinar dados qualitativos com recolha de dados quantitativos. Para isso, fiz uso de uma demorada pesquisa sobre dados estatísticos, censo demográfico e dados fornecidos pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, actividade esta que proporcionou fazer um apanhado geral de quantos e quem são os brasileiros residentes em Portugal. Um levantamento histórico sobre as especificidades imigração brasileira ajudou-me a traçar um perfil global do “objecto” investigado.

---

<sup>15</sup> Ver descrição do quotidiano nos capítulos a seguir.

## *Capítulo 02*

### *O Movimento Migratório como Objecto de Estudo*

As migrações internacionais não se constituem como um acontecimento novo, sendo determinantes em vários momentos da história da humanidade. Como exemplo, poderíamos citar o século XVI, quando viu-se um processo migratório em direcção as colónias. Segundo Castles e Miller (2003), o colonialismo europeu deu origem a vários tipos de migrações, inicialmente a título permanente ou temporário feitas por soldados, comerciantes e agricultores e logo em seguida as migrações forçadas feitas pelos trabalhadores escravos. Este acontecimento teve papel fundamental na construção dos impérios europeus e trouxe mudanças em nível económico e cultural tanto para Europa quanto para as colónias. Passado o período colonial, a Europa passou por profundas mudanças económicas e sociais, aspecto fundamental para que as pessoas procurassem novas oportunidades fora de seu lugar de origem, como foi o caso, por exemplo, da emigração laboral para os EUA no século XIX.

Porém, desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) as migrações internacionais ganharam especial significância em termos de volume e crescimento. Após os anos de 1970 a economia mundial passa por sérias crises que alteraram os padrões do comércio global, exigindo mudanças em termos industriais e tecnológicos. De acordo com Castles e Miller (2003), houve neste período três tipos principais de migração: trabalhadores oriundos dos países periféricos da Europa em direcção a “Europa Ocidental”; Migração de trabalhadores em direcção à antiga metrópole; e permanente migração para América do Norte e Austrália, primeiro a partir da Europa e depois pelos países da Ásia e América Latina. Como consequência dessas mudanças há aumento nos fluxos migratórios a partir das décadas de 1980 e 1990. “Esta fase envolve novos e complexos padrões de migrações, que afecta tanto os antigos como os novos países que recebem”. (Castles & Miller, 2003:68)<sup>16</sup>. Este momento histórico marcado por importantes mudanças e uma verdadeira inversão dos fluxos, caracterizou-se por

---

<sup>16</sup> Tradução da pesquisadora: “This phase involved complex new patterns of migration, affecting both old and new receiving countries” (Castles & Miller, 2003: 68).

evidenciar que lugares antes descritos como “países de emigrantes” passaram a ser “países de acolhimento” e vice-versa.

Estimou-se que, em 1990, “a população mundial migrante era superior a 80 milhões de pessoas” (Giddens, 2003:260). Especula-se que este número só tende a crescer nos primeiros anos do século XXI, o que leva a Castles e Miller (2003) a chamar a esta época a “era das migrações”. Hoje, não é possível fazer uma estimativa concreta sobre os números, tendo em vista o crescimento das migrações ilegais e/ou não registadas. O que podemos determinar é que “as migrações podem trazer mudanças às estruturas demográficas, sociais e económicas, e trazer uma nova diversidade cultural, que muitas vezes coloca em questão a identidade nacional.” (Castles e Miller, 2003:03)<sup>17</sup>. Mudanças que são a cada dia mais perceptíveis, a começarem pelo incansável crescimento dos fluxos.

As teorias neo-clássicas caracterizavam as migrações como um processo individual, ou seja, enfatizavam-nas como um processo dependente de uma decisão individual, baseado no cálculo racional dos custos e benefícios de se deslocarem do seu local de origem. Outras pesquisas, porém, justificavam os processos migratórios como resultado de uma distribuição desigual do poder político e económico. Investigações mais actuais caracterizam as migrações como um processo resultante da interacção entre macro e micro-estruturas. (Castles e Miller, 2003). Os processos migratórios são comumente associados a um movimento colectivo que provoca mudanças em várias dimensões da vida social.

## **2.1 Pesquisando as migrações**

Alejandro Portes (1999) afirma que os fenómenos ligados às migrações são tão diversos que estudá-los através de uma teoria única e englobante não faria grande sentido. “Defendia, em alternativa, que a agenda da investigação neste domínio deveria contemplar o desenvolvimento de teorias de alcance médio, assentes na exploração de áreas estrategicamente seleccionadas para o entendimento das sociedades e dos processos em que estas se encontram envolvidas” (Marques, 2006:09).

---

<sup>17</sup> Tradução da pesquisadora: “Migrations can change demographic, economic and social structures, and bring a new cultural diversity, which often brings into question national identity” (Castles & Miller, 2003: 3).

Neste sentido, uma das características dos estudos sobre as migrações é a interdisciplinaridade. As análises históricas e estatístico-demográficas contribuem para o entendimento da evolução do fenómeno migratório, enfatizando a consistência dos fluxos e as características sócio-demográficas-ocupacionais dos imigrantes. (Bógus e Bossanesi, 1999). As análises sócio-psicológicas também contribuem no diagnóstico de questões referentes a inserção e integração nas sociedades de acolhimento. Estão preocupadas sobretudo na análise das redes sociais e apontam para as dinâmicas de interacção social.

Uma outra contribuição importante foi dada pelas análises económicas que se preocupam com as relações entre migração e desenvolvimento económico. Dão especial atenção aos movimentos migratórios como consequências directas da divisão social do trabalho, do desenvolvimento desigual e da *precarização* do trabalho em contextos mundializados. (Bógus e Bossanesi, 1999)

Usufruindo dessas diferentes análises, os estudos de caso têm contribuído significativamente para agregar conhecimento acerca dos movimentos migratórios. Estes estudos têm direccionado as reflexões para o campo das práticas sociais, dando especial atenção a reconstrução de trajectórias e aos factores que influenciam a escolha pelo êxodo. Voltam-se também para os componentes subjectivos e as estratégias individuais e familiares sem esquecer das especificidades de cada caso. Este modo de interpretação tem ajudado a entender a mobilidade social, compreendendo suas heterogeneidades, e assim, desenvolver modelos de interpretação que favoreçam a criação de novas hipóteses.

Kate Gardner (2001:03) comenta que o tema migração tem permanecido marginal à antropologia clássica, apesar de ser um assunto que envolve quase todos os países do mundo. Mesmo assim, ressalta que as diversas abordagens sobre esta questão não são inteiramente satisfatórias. Em suas palavras:

“Muitos trabalhos invocam teorias com excesso de generalizações e não conseguem lidar adequadamente com a heterogeneidade dos fenómenos migratórios e com os significados que os indivíduos ou suas comunidades os atribuem. Outros estudos concentram-se em dados de nível micro, que fornece informações detalhadas sobre mudanças socioeconómicas, mas raramente discutem as dimensões ideológicas concomitantes à migração, para além das questões de etnicidade, classe ou género.”<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Tradução da pesquisadora: “Much work relies upon over-generalized theories which fail to deal adequately with the heterogeneity of migratory phenomena and the meanings which individuals or their communities give to in. Other studies focus upon micro-level data which gives detailed information on socio-economic change, but rarely discusses the ideological concomitants of migration beyond questions of ethnicity, class, or gender.” (Gardner, 2001:03)



Algumas pesquisas mais universalizantes tentam compreender as migrações através de uma perspectiva que reduz o mundo em termos hegemónicos dividindo-o em categorias simplistas, baseadas na dicotomia centro/periferia como partes de um todo homogéneo. Para Gardiner (2001:13) “tais perspectivas não têm nada a dizer das diferentes reacções dos povos subjugados, nem como eles existiam antes do capital penetrar seu mundo. O que a periferia faz para si mesma, a sua autonomia, bem como a capacidade de mudança, é largamente ignorado”.<sup>19</sup>

## **2.2 Migrações e o Brasil**

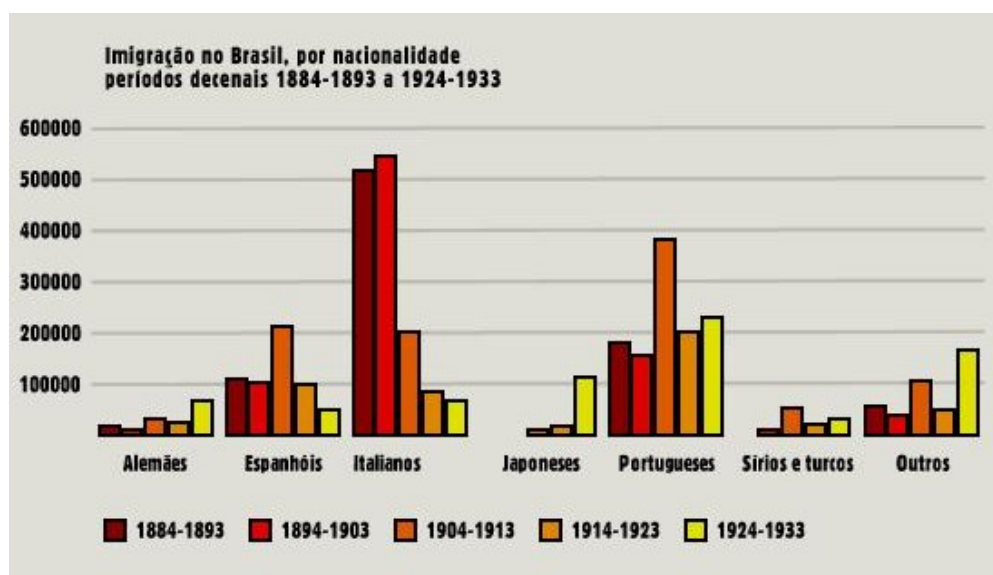
Desde o século XVI o território que hoje constitui o Brasil recebeu grande quantidade de cidadãos estrangeiros. Primeiro os portugueses e logo em seguida franceses e holandeses iniciaram o processo de colonização. Segundo os dados apontados no Dicionário de História de Portugal dirigido por Joel Serrão (1963: 21), “dever-se-á considerar colonizadora a emigração que se dirige ao Brasil durante cerca de cem anos: de meados do século XVI a meados da centúria seguinte”. Porém, de acordo com este mesmo dicionário, a partir de 1667 avolumou-se o êxodo, transformando-o em um fenómeno puramente emigratório. Durante os séculos XVII e XVIII registaram-se inúmeros textos legais alertando para a saída da população com destino ao Brasil e regulamentaram-se leis de controlo à emigração. (Serrão, 1963)

No século XIX deu-se o apogeu das migrações para o Brasil. Segundo Rowland (1998), este período foi marcado pelo crescimento das populações de imigrantes vindas de vários países da Europa. Na primeira metade deste período os dados já demonstravam o crescimento do número de portugueses a desembarcar nos portos brasileiros. Porém, já no ano de 1818 viu-se os primeiros imigrantes não-portugueses chegaram ao país durante a regência de D. João VI. Em busca de oportunidades na terra nova, migraram os suíços em 1819 e se instalaram no Rio de Janeiro, os alemães em 1824, que foram para o Rio Grande do Sul, os escravos, originários da Ucrânia e Polónia, habitando o Paraná, os turcos e os árabes, que se concentraram na Amazônia, os italianos de Veneza, Gênova, Calábria, e Lombardia, que em sua maior parte vieram para São Paulo, os japoneses, entre outros. (Rowland, 1998). O gráfico a seguir, que

---

<sup>19</sup> Tradução da pesquisadora: “such perspectives have nothing to say of the various reactions of subjugated peoples, nor how they existed before capital penetrated their world. What the periphery does for itself, its autonomy, and capacity to change, is largely ignored”. (Gardiner, 2001:13)

cobre o período entre 1884 a 1933, dá uma ideia quantitativa dos imigrantes oriundos da Europa e Ásia:



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>20</sup>

Este êxodo esteve relacionado, principalmente, a mudanças económicas, sociais e políticas na Europa do século XIX. Factores como crescimento populacional, deslocamento da população rural para as cidades e mecanização na agricultura teriam contribuído para a busca por melhores condições de vida. O cenário português não se configura diferente, tanto é que:

O século XIX alterou, demográfica e socialmente, os quadros tradicionais e suscitou, na esfera psicológica, a vivência de necessidades novas, particularmente no atinente à promoção social e económica. Por isso se pode afirmar que, se a causa geral, ou mais funda, da emigração nos países de estrutura agrária ainda rotineira ou insuficientemente inovadora, como Portugal, era o baixo nível económico da população rural, nada nos autoriza a suposição de que, entretanto, baixara tal nível, ou era inferior a épocas transactas. (Serrão, 1963:23)

Deste modo, Portugal apresentava naquele período um lento crescimento, sendo “incapaz de satisfazer as necessidades que o próprio progresso geral estimulava” (Serrão, 1963:23).

Portugal teve um papel significativo no crescimento da população estrangeira residente no Brasil, sendo o século XIX um marco importante. O gráfico a seguir, retirado do Dicionário de História de Portugal (1963), dá-nos uma melhor dimensão do fluxo migratório português entre 1886 a 1950. Após uma rápida depressão na virada do

<sup>20</sup> [http://www1.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/imigracao\\_nacionalidade\\_84a33.htm](http://www1.ibge.gov.br/brasil500/tabelas/imigracao_nacionalidade_84a33.htm) (Último acesso em 01/05/2008)

século, verifica-se um crescimento vertiginoso a partir de 1911, mas que por conta da I Guerra Mundial (1914/1918) o número volta a decrescer consideravelmente. Segue-se oscilando até o início da segunda metade do século XX. Este gráfico oferece uma dimensão muito clara do ocorrido no final do século XIX e início do século seguinte, marcado por ciclos de ascensão e declínio dos processos migratórios.

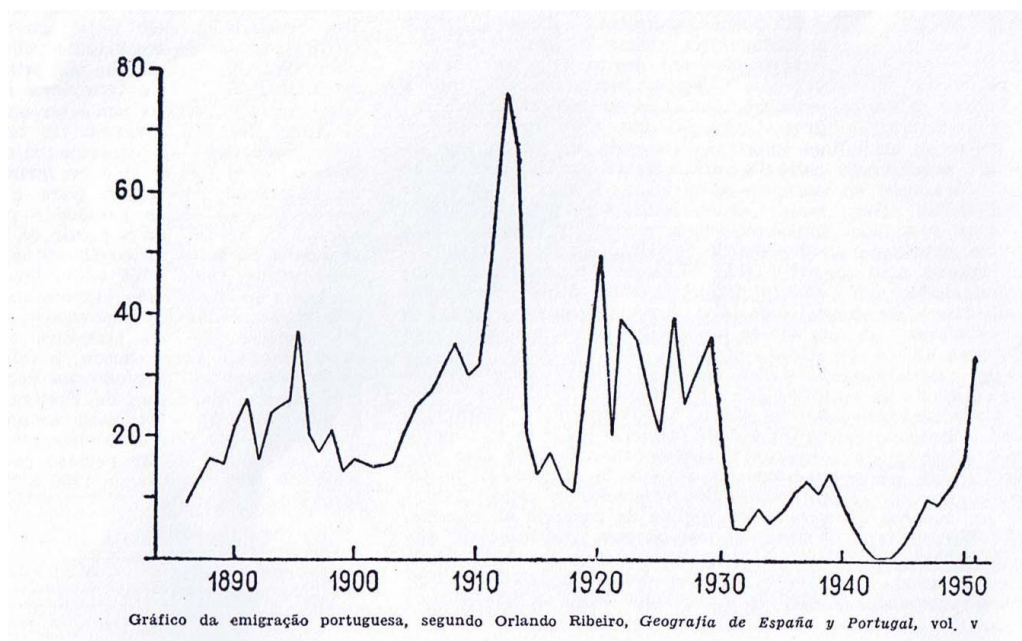
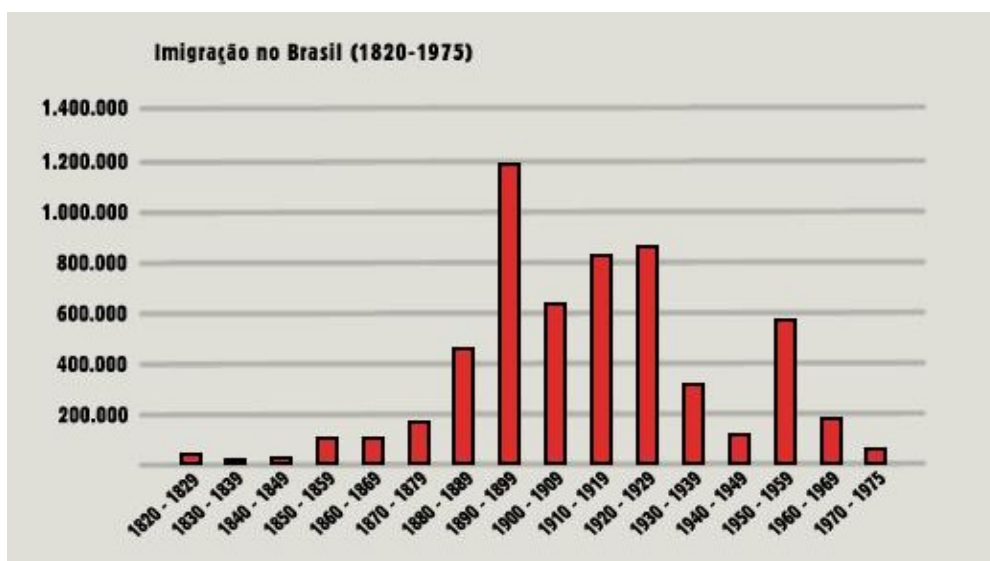


Gráfico da emigração portuguesa, segundo Orlando Ribeiro, *Geografia de España y Portugal*, vol. V  
(Serrão, 1963:24)

Após o período assinalado, verifica-se uma desaceleração da entrada de imigrantes europeus no Brasil, como mostra o gráfico a seguir:



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Assim, até meados de 1980 o Brasil era somente reconhecido como país de acolhimento. Neste período o país experimentou um aumento no fluxo de migração para o estrangeiro. Intensificou-se a saída de brasileiros com destino aos Estados Unidos, Japão e países da Europa e, desta forma, passou a ser reconhecido como país “fornecedor” de mão-de-obra.

São muitas as justificativas para o movimento migratório dos brasileiros, e uma das razões mais debatidas são as de carácter económico. Segundo Margolis (1994), que realizou estudo sobre imigrantes em Nova Iorque, há várias razões para o crescimento da diáspora brasileira. Entre estas, destacam-se alguns factores históricos que ajudam a compreender este fenómeno migratório. A pesquisadora cita, por exemplo, a grave crise económica pela qual passou o Brasil nos anos de 1980, onde a inflação atingiu níveis elevados, chegando a uma média de 84% ao mês. Porém, outra autora que investigou a experiência dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos salienta que os motivos predominantes da migração dos brasileiros são a busca de ascensão social que lhes foi negada no Brasil (Sales, 2005).

### **2.3 Brasileiros em Portugal.**

A presença de brasileiros em Portugal é relativamente antiga, pois já em 1960 constituíam uma das maiores comunidades estrangeiras no país (Bógus, 2007). Após um período de estagnação entre 1960 a 1980 no número de residentes, em meados de 1980 a entrada de brasileiros no país tomou novo fôlego. A chamada primeira leva caracterizava-se por ser um movimento de profissionais qualificados (dentistas, publicitários, informáticos, etc.). “Durante o processo de preparação à integração plena na (então) Comunidade Europeia, profissionais altamente qualificados do Brasil foram contratados para prestar assistência técnica e treinamento para portugueses.” (Feldman-Bianco, 2002:387). Este perfil sofreu mudanças significativas após 1998/1999, quando o número de imigrantes aumentou consideravelmente e estes inseriram-se em seguimentos menos qualificados do mercado de trabalho. (Malheiros, 2007). Alguns estudos já apontam que hoje há um número considerável de brasileiros com pouca escolaridade e oriundos da classe média-baixa e trabalhadora:

“...a maioria das pessoas é pobre e com baixa formação escolar. Há mais empregados de mesa que dentistas, mais músicos que professores de ginástica, mais jogadores de futebol que todas as categorias de profissionais liberais juntas. Segundo

dados do Instituto Nacional de Estatística português (INE), para ter-se uma ideia, dos 1.334 pedidos de atribuição de estatuto de residente em 2000, 56% era de indivíduos com ensino básico ou secundário, 16% de analfabetos e apenas 18% de portadores de diploma de curso superior.” (Machado, 2003:27).

Os brasileiros são actualmente a maior comunidade estrangeira residente em Portugal com 66.354 cidadãos legalizados, como informa os dados do o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras<sup>21</sup>. Na realidade existe uma estimativa de que esse número chegue aos 100 mil<sup>22</sup>, tendo em conta o grande número de pessoas sem a devida autorização de permanência no país. Estão espalhados em sua maioria pelas cidades de Lisboa, Porto e Faro. São predominantemente mulheres, confirmando uma tendência mundial de que o êxodo feminino tem mudado suas características, sendo hoje não só para reagrupamento familiar, mas também um movimento em resposta à inserção da mulher no mercado de trabalho.

## **2.4 A imigrante brasileira**

Uma das principais características dos fluxos migratórios actuais é a feminização. Há alguns anos atrás, a imigração era vista como um fenómeno predominantemente masculino. Actualmente, sabe-se da importância da participação feminina nos processos migratórios e que as experiências de homens e mulheres imigrantes são diferentes, porém não há muitos trabalhos voltados a entender as “especificidades do processo de adaptação e quotidiano da mulher imigrante” (Padilla, 2007).

Por muito tempo acreditou-se no papel coadjuvante da imigração feminina ressaltando-se apenas como frutos de processos de reunificação da família. Mas na actualidade sabe-se que a mudança no mercado de trabalho tem acarretado alterações significativas, pois diariamente, aumenta o número de mulheres que tomaram a iniciativa de emigrar sozinhas (Kofman,1999). O crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho e o seu protagonismo na chefia da família tendem a delinear um novo perfil da participação da mulher nas decisões familiares reflectindo na escolha por emigrar.

---

<sup>21</sup> Para ver reportagem completa aceder:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080714\\_brasileirosportugal\\_jr\\_ac.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/07/080714_brasileirosportugal_jr_ac.shtml)  
(acesso em 03/09/08)

<sup>22</sup> Ver notícia da casa do Brasil em:

[http://www.casadoBrasil.info/spip.php?article243&debut\\_articles\\_rubrique=8](http://www.casadoBrasil.info/spip.php?article243&debut_articles_rubrique=8) (acesso em 03/09/08)

As imigrantes brasileiras acompanham este decurso e é crescente a estimativa que cada vez mais estas mulheres partam do Brasil sozinhas. Mesmo as que vêm acompanhar o marido conseguem assumir um importante papel no contexto familiar, pois participam activamente na sobrevivência financeira da família. Uma grande parte está inserida no mercado de trabalho e colabora juntamente com o marido nas despesas familiares. Em alguns casos, percebe-se que mesmo que tenha sido o marido a tomar a decisão de emigrar, as mulheres assumem um carácter emancipador, principalmente aquelas que trabalham e contribuem para a renda familiar. Este é o caso de Maria Cláudia, uma das brasileiras entrevistadas nesta pesquisa. Natural de Santa Catarina, veio a Portugal para reunir-se ao marido que tinha chegado meses antes. Hoje, os dois trabalham na mesma actividade, e, mesmo havendo uma discrepância salarial entre os dois, Maria Cláudia tem um importante papel na renda familiar.

Em outros casos, onde é a mulher quem decide mudar de país, é comum os laços com o país de origem permanecerem, pois continua seu papel de importante apoio financeiro aos que ficam. Isso acontece com Érica, uma senhora de 51 anos, que sonha em terminar de pagar os estudos do filho e trazê-lo para Portugal.

Segundo alguns estudos, o perfil da imigrante brasileira é basicamente de jovens que, em grande parte, imigraram sozinhas e que trabalham em nichos específicos do mercado de trabalho, geralmente em actividades voltadas para o atendimento ao público (restaurantes, cafés e lojas), no sector de limpeza e auxilio a idosos. Uma parcela significativa é proveniente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. No entanto, observou-se um crescimento do número de mulheres naturais de Goiás, Rondônia e de alguns estados do Nordeste brasileiro (Wall, Nunes e Matias, 2005; Diniz, 2004).

Todas essas mulheres convivem diariamente com um aspecto muito significativo na experiência migrante: as imagens e representações sobre a identidade brasileira. Segundo Padilla (2007:125) “o tema da imagem da mulher brasileira em Portugal, em directa relação com o estereótipo da prostituta, não pode ser ignorado quando se fala da brasileira imigrante em Portugal”, e por esse motivo “existe uma reclamação generalizada quanto à maneira como são vistas e tratadas na sociedade receptora. Pois o facto de serem mulheres brasileiras e o estereótipo associado a isso trazem-lhes muitas vezes constrangimentos” (Diniz, 2005:201). Esta imagem associada a prostituta tem consequências directas e indirectas (Padilla, 2007) na experiência

quotidiana, que muitas vezes comprometem a inserção no mercado de trabalho e as relações afectivas dessas mulheres.

O trabalho aqui proposto segue esta perspectivava, procurando perceber como as brasileiras imigrantes lidam com essas imagens representativas, através de uma análise de suas experiências quotidianas.

## Capítulo 03

### *Viver em “Além-Mar”*

*“Somos parte da história que começaram nas expedições ao Brasil, e como para todo começo deve se haver um imigrante. Aqui estamos nós não em busca do ouro nem da nova terra, mas na velha Europa, em Portugal... Tentando de alguma forma semi-honesta conseguir levantar a cabeça nessa lamaçal de burocracia... Somos homens, mulheres crianças, negros, brancos, índios, de todas as partes do Brasil varonil que nos expurgou num convite a se auto exilar para achar nestas terras aquilo que a mãe pátria que nos pariu não tem peito pra dar... Aqui estamos... Somos legais e ilegais assim somos conhecidos, os ilegais que foram ilegais em seu continente, os legais que já foram ilegais... ilegais ou não somos da mesma fonte e bebemos das mesmas águas salgadas do atlântico, das saudades daquilo que desejamos alcançar... São tantos papeis, burocracia, e ignorância... Leis sem emendas, emendas sem lei... E tudo não passa de uma ilusão, uma toalha morna para nós alicerces e engrenagens dessa sociedade. Pensarmos que "um dia qualquer" iremos gozar a felicidade de ser chamados legais, ou residentes...*

*Convoco a todos os brasileiros ilegais ou legais, fugitivos ou desesperançados, caídos ou erguidos nesta sociedade que nos recebe, nos ama, e nos critica, mas que é pai de nossos gens e amou uma meretriz chamada Brasil a 500 anos atrás.... Que levantemos nossas cabeças, firmemos nossos passo, deixando de lado nosso futuro individual para alcançar um futuro inesgotável para nossos filhos e netos e os que vierem depois... demonstrando racionalmente o nosso papel fundamental em qualquer sociedade, quanto mais nesta que nos atribuiu valores que ainda carregamos... Eu tenho um desejo... que um dia possamos no dia do imigrante, simplesmente parar e como protesto singelo e silencioso cruzar nossos braços... E por um dia veremos que os ponteiros não vão girar devido essas pequenas engrenagens chamada imigrante estarem parada, assim valorizarão os imigrantes não como imigrantes mas como peças fundamentais de um país...” (Mateus, 20/04/08)<sup>23</sup>*

Nesta epígrafe o autor aborda alguns aspectos sobre como ele percebe sua experiência de vida em Portugal. Abaixo irei abordar alguns aspectos e acontecimentos sobre a experiência quotidiana das mulheres brasileiras em Portugal, em que a vida laboral tem ligação directa com muitos outros aspectos de sua vivência pessoal.

---

<sup>23</sup> Este texto foi tirado literalmente dum *site* de relacionamento na internet - Orkut. Foi escrito em um dos fóruns da comunidade virtual “Brasileiros em Portugal” no dia 20 de Março de 2008. Foi apoiado e elogiado por muitos participantes da comunidade, tanto homens como mulheres. A responsabilidade pela edição do texto é de minha total responsabilidade, pois entendi que era preciso fazer algumas correções, tendo em vista que o texto foi escrito em linguagem da internet, porém o conteúdo em nada foi mudado. As modificações são apenas uma “transcrição” da linguagem da internet para a escrita formal. Para ver original:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=204940&tid=2595509802897343212&kw=isso+%C3%A9+um+pouco+do+brasil+i%C3%A1+ia!!!> (último acesso: 03/08/08). Porém, é necessário que o leitor esteja devidamente cadastrado no *site*.



### 3.1 Porquê imigrar...

Muito se tem falado sobre os factores que justificam a imigração. Teorias de cunho economicista – que dedicam atenção a relação existente entre migração e desenvolvimento económico – como também teorias que focam nos factores de “atração” e “repulsa”<sup>24</sup>, ressaltando o fenómeno migratório como um processo baseado em duas dinâmicas, uma de *push* (empurra) em que as condições do país de origem obrigam as pessoas a emigrarem, e outra de *pull* (puxa) em que os países de destino atraem os imigrantes em busca de prosperidade. Essas dinâmicas de compreensão percebem as migrações como um fluxo unidireccional (Portes, 2006) em que a fuga às privações por parte dos imigrantes conjuga-se à busca por mão-de-obra nos locais de acolhimento. Porém, essas reflexões têm dado lugar a teorias que ressaltam as migrações como um processo de “construção de redes sociais”<sup>25</sup>, onde os imigrantes encontram estratégias para viverem ligados a dois locais em simultâneo. Desta forma,

“tornou-se cada vez mais comum o uso da metáfora da “rede social” como representação de um sistema migratório onde determinadas regiões espaciais **trocam** pessoas, recursos materiais e informações, e estabelecem **laços** ou **conexões** sólidas que poderiam explicar a origem, o desenvolvimento e o recrudescimento de tais fluxos (Kritz e Zlotnik, 1992; Fawcett, 1989;)” (Fazito, 2002)

A partir daí, chegar-se-á as teorias sobre *transnacionalismos*, ideias essas que se baseiam na complexidade que há entre as fronteiras internacionais e a forma em que estas interferem na vida de indivíduos e/ou comunidades inteiras. (Portes, 2006). Portanto, estas visões dão ênfase ao processo pelo qual os imigrantes constroem dinâmicas sociais que ligam o país de origem ao país de acolhimento.

No caso brasileiro, muitas justificativas mostraram o papel que as crises económicas exerceram sobre o fenómeno das imigrações internacionais, como já foi referido no capítulo anterior (Margolis, 1994; Sales, 2005). Estas argumentações baseadas na perspectiva de que os problemas económicos que surgiram no Brasil, principalmente nos fins da década de 1980, foram factores que impulsionaram o desejo de milhares de brasileiros de sair do país atrelados a atractividade que alguns países europeus e os EUA exerciam sobre o cenário socioeconómico mundial, foram determinantes para o entendimento dos “porquês” da emigração brasileira.

Durante toda minha pesquisa de terreno fui confrontada com essas ideias de que a imigração brasileira em Portugal, e principalmente a imigração que constitui a

---

<sup>24</sup> Ver, por exemplo: Castles & Miller (2003); Giddens(2003)

<sup>25</sup> Sobre redes sociais ver, por exemplo, Tilly (1990), Boissevain, (1976), Boyd, (1989).

*segunda vaga*<sup>26</sup>, foi impulsionada por factores económicos. O campo revelava-me que perceber as motivações da imigração como um fenómeno puramente económico não era satisfatório, ou pelo menos, essas teorias não pareciam totalmente suficientes para explicar o que eu acompanhava no terreno. As histórias de vida contadas por minhas interlocutoras e mesmo as histórias que fui ouvindo ao longo de minha estadia em Portugal mostravam-me um grau de complexidade de análise que não encontrava nos referidos trabalhos.

No decorrer de toda pesquisa fiquei mais atenta para estas questões e procurava dar maior amplitude ao meu universo de reflexão. Chamou-me particularmente a atenção as ideias de que uma das razões para a emigração era a busca por uma ascensão social que lhes foi barrada no Brasil (Sales, 2005). Esta percepção pareceu-me ser o caminho a seguir, pois nem negava inteiramente os factores *push and pull*, que também são caminhos para pensar a imigração brasileira, como também não se limitava na proposta de a ver como um fenómeno unidireccional. Esta ascensão social desejada pelos emigrados é para mim entendida não só como uma busca de prosperidade económica, como também abrange fenómenos mais subjectivos, como, por exemplo, fuga da violência, o desejo de autonomia perante os familiares, a interiorização de um imaginário de “europeização” ou a ideia de Europa como símbolo de modernidade a ser alcançada.

Neste sentido, o desejo de imigrar pode estar relacionado ao sonho de alcançar um *status* ou um ideal de prosperidade que não lhe foi possível no Brasil. Esta ânsia por prosperidade, que não é somente económica, verá na migração um meio mais prático de se aproximar à *modernidade*. Este termo aqui utilizado é em referência a perspectiva de James Ferguson que propõem pensar a modernidade não só como “passagem de tempo”, mas também enquanto *status* (cf. Mapril, 2008:21) e um padrão a ser seguido. Desta forma, as motivações para emigrar estariam também inextrincavelmente ligadas às *expectativas da modernidade* (Ferguson cit. in Mapril, 2008:33). A Europa seria esse espaço geográfico que caracterizaria um modelo de desenvolvimento que só é possível

---

<sup>26</sup> Costumeiramente chama-se de *segunda vaga* o período de intensificação do fluxo migratório de brasileiros para Portugal compreendido a partir da segunda metade da década de 1990. Caracterizou-se pela alteração do perfil socioeconómico e educacional dos imigrantes, que a partir desse período apresentavam níveis de instrução mais reduzidos em comparação a *primeira vaga*, composta por indivíduos altamente qualificados. (Ver, por exemplo, Pinho (2007), Peixoto & Figueiredo (2007), Malheiros (2007), Casa do Brasil de Lisboa (2004))

alcançar através de um deslocamento físico. Assim sendo, Portugal seria a porta de entrada a esse mundo moderno.<sup>27</sup>

Este discurso de desenvolvimento e progresso em associação à Europa, e mais recentemente aos EUA, tem suas origens na maneira como se constituiu o Brasil como nação no período pós-colonial. Segundo Rowland (2003: 367), em todo continente americano os processos de independência foram marcados pelo esforço de definir identidades nacionais próprias. No Brasil, esse esforço deveu-se através de três atitudes: oposição à metrópole, valorização das singularidades e constituição de uma nação através da combinação de elementos europeus e americanos, a “ideia de uma civilização europeia dentro dos tópicos”. Estas três atitudes conciliadas são importantes para ilustrar a ideia aqui proposta de que no Brasil pós-independência formulava-se um modelo de *modernidade/europeização* a ser seguindo. É importante frisar que naquela época foi importante para o estabelecimento de uma identidade nacional a oposição a Portugal, que talvez seja hoje uma das explicações para a ex-metrópole ser vista apenas como um “portão de entrada” a essa “civilização europeia”, já que no passado este país foi visto como sinónimo de tradição e por isso, um modelo a ser abandonado.<sup>28</sup>

Esta *modernidade* tão sonhada pelas elites brasileiras (Velho cit. in Pina-Cabral, 2007:97) e que foi importante para o processo de construção da identidade nacional<sup>29</sup> pode ser um caminho para pensarmos a migração como um reflexo contemporâneo desse desejo de se tornar *moderno*. Paralelo a isso, podemos pensar, a exemplo do que nos propõe Mapril (2008) no seu trabalho sobre os bangladeshis em Lisboa, em “expectativas face ao consumo”, ou o desejo de possuir certos bens que lhes são negados no país de origem e que vêm a migração como a única possibilidade de acesso.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> É importante notar que aqui a discussão dicotómica entre *modernidade e tradição* (Ferguson, 1999) talvez não seja devidamente suficiente para explicar como as imigrantes percebem o Brasil e Portugal, mas pode ser uma chave para percebermos como estes actores sociais dão sentidos e significados a um ideal de desenvolvimento em que a Europa e os EUA são modelos. O Brasil seria, portanto, um país em desenvolvimento, mas que ainda sofre com a violência, o desemprego e problemas sociais típicos de países *não modernos*. Outro factor que também tem grande importância é reflectir como os imigrantes brasileiros percebem as “fronteiras” que lhe são imposta e suas estratégias de rompimento.

<sup>28</sup> Sobre as imagens representativas sobre Portugal e os portugueses no pós-independência ver Rowland (1998) e Rowland 2003.

<sup>29</sup> Identidade nacional aqui é entendida como o sentimento de se pertencer a uma nação, com os seus símbolos, cultura, território, história. (Guibernau cit. in Sobral, 2007). Sigo a proposta de Sobral (2007) quando propõe que “não estamos a pensar a identidade nacional como algo de estático ou fixo, mas como um processo que emerge em determinadas situações e contextos.” (p.6)

<sup>30</sup> Sobre a possibilidade de adquirir certos bens através do projecto migratório ver o que fala Gardner (1995) sobre os investimentos na construção de casas feitos pelos emigrantes bangladeshis. (cf. Mapril, 2008).

As conversas que tive com minhas interlocutoras e meu acompanhamento de suas vivências migratórias revelaram-me essa complexidade de análise. Histórias como a de Tânia, uma pernambucana que havia saído do Brasil por conta de duas tentativas de violação por qual passou, ou de histórias como a de Michele que estudava na melhor e mais cara Universidade Particular de sua cidade, que tinha um emprego administrativo em famosa e conceituada empresa do estado e era filha de um vereador da segunda maior cidade do Ceará, ou ainda a história de Tatiane, uma paulistana que saiu pela primeira vez de sua terra natal porque seu pai foi sequestrado e logo depois por não se adaptar a nova cidade resolveu vir para Portugal, eram-me muito reveladoras e mostravam-me a fragilidade que as justificativas de cunho economicista tinham para dar conta de todas as motivações para imigração.

Emigrar seria para elas a oportunidade de alcançar uma ascensão social, e por tanto, a mudança física seria um passo importante para concretizar um sonho de inserção a uma *modernidade*, que caracteriza-se por um ideal de desenvolvimento, *glamour*, estilo de vida e, por que não dizer, progresso. Não bastava para Michele ser filha de um vereador de uma cidade do Ceará e estudar na mais cara universidade do estado, é preciso mais, é necessário deslocar-se, e nada melhor do que Portugal, onde os contextos históricos unem os dois países através de similitudes, como por exemplo, a língua e a cultura.

Fugir à violência também é uma demonstração de que se deseja aceder a uma modernidade que se opõe a “selvageria” dos actos criminosos tão comuns no Brasil. Nos dois casos, tanto de Tânia como o de Tatiane, essa fuga não me pareceu um acto concreto de exílio, mas sim o desejo de romper com um *Brasil não moderno*. O temor da violência e a fuga, nestes casos, pareceu ter ligação directa com o desejo de pertencer à *modernidade*.

Um outro aspecto importante que a pesquisa de campo me revelou é que para as imigrantes mais jovens o desejo de autonomia também apareceu como um factor que motivou a emigração. Tanto Michele, como Tatiane, como Liliane, Francilene e Laura, todas jovens entre os 21 e 30 anos, ambicionavam uma autonomia perante a família e esta só foi possível com o deslocamento: a saída da casa dos pais e a entrada em um país em que estariam livre dos olhares censuradores de um contexto familiar. Ao me falarem sempre da diferença que sentiam de agora terem certas responsabilidades que não teriam na casa dos pais, a relativa “liberdade” de horários, a necessidade de administrar o próprio dinheiro e prover o próprio sustento são bem ilustrativos dessa

busca por auto-afirmação e/ou independência. Já para Patrícia, Érica e Maria Cláudia, mulheres na faixa etária dos 35 e 51 anos, o desejo de autonomia veio em função ou de uma recente separação conjugal ou a possibilidade de se inserir no mercado de trabalho e assim assumir uma postura de emancipação financeira no contexto familiar.<sup>31</sup>

Por último, um dos aspectos com que também fui confrontada na pesquisa foi o facto de alguma de minhas interlocutoras terem migrado em função de “agrupamento familiar”, onde se deslocavam para viver junto ao marido, que em geral era cidadão português. Este aspecto que para mim pareceu bem interessante, mas por questões de espaço e tempo não será abordado com riqueza de detalhes neste trabalho.

### **3.2. Como iniciar o empreendimento: o papel das tradicionais e das novas redes sociais.**

O projecto de imigrar inicia-se muito antes de entrar em um avião. É preciso planeamento ou pelo menos tomar certas providências. Neste momento o papel das redes sociais é muito importante. Como salienta Padilla (2004b), grande parte dos brasileiros faz uso das redes sociais desde antes da saída do Brasil, no momento da chegada até à inserção no mercado de trabalho. Sempre se encontra alguém ou algum meio que possa ser elo de ligação entre o imigrante e o local de acolhimento. Os familiares, amigos ou conhecidos auxiliam na saída com apoio moral ou financeiro; na chegada, facilitando a moradia e ajudando nas primeiras necessidades; na integração com a cidade, colaborando com informações sobre documentos, que locais seguir, quais os melhores transportes, etc.; e ajudam também na inserção no mercado de trabalho, indicando onde e como procurar emprego.

A escolha por Portugal como país de destino tem várias justificativas. Factores de ordem histórico-colonial, pois como propõe Padilla (2005), o Brasil foi sempre um lugar privilegiado para emigração portuguesa, desde a colonização até mesmo depois da Revolução de 1974, o que teve como consequência a imigração de retorno ou a de luso-descendentes. As vagas de imigração a partir de 1964, ano de início da ditadura militar no Brasil que contribuiu para crescimento do número de exilados, também podem ser enquadradas como um dos factores. (Padilla, 2007). A língua comum e a familiaridade cultural, que muitos acreditam existir, são outros factores que influenciam esta escolha. Um outro aspecto importante deve-se ao facto de desde 1991 Portugal fazer parte da

---

<sup>31</sup> Sobre as migrações e o desejo de adquirir autonomia ver Gardner (1995); Mapril (2008); Bordonaro & Pussetti (2006).

zona de “livre fronteiras”, estando enquadrado dentro do *espaço Schengen*. Este aspecto dá a ideia de que uma vez inserido dentro deste espaço é mais fácil circular pelos países europeus que são abrigados por essa zona de “livre circulação”. Desta forma, como para os brasileiros não há obrigatoriedade de visto para entrar em Portugal, este torna-se uma boa “porta de entrada” para uma “livre circulação” pela Europa. Por último, podemos citar os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001, em que a entrada de estrangeiros nos EUA foi dificultada, e por isso muitos brasileiros viram Portugal como outra opção.

Segundo alguns estudos, como os de Padilla (2004 a/b), Padilla (2007), Assis (2003), as mulheres brasileiras vivenciam a experiência migrante de forma diferente dos homens. Para as autoras, a imigrante procura manter suas redes sociais baseadas em laços familiares, enquanto os homens estabelecem-nas através dos laços de amizade. Com minhas interlocutoras porém, percebi que nem sempre as redes de contactos baseavam-se nas relações familiares. Apenas alguns casos, como por exemplo o de Fernanda e Cátia, que vieram do Rio de Janeiro e Minas Gerais respectivamente para se juntarem aos familiares que já aqui estavam instalados, podem ser assim enquadrados. Entretanto, parcela significativa delas mantiveram contactos através de amigos ou conhecidos, talvez este facto deva-se pela própria característica da emigração destas mulheres, onde o projecto migratório iniciou-se sozinho.

Para iniciar o empreendimento, faz-se necessário saber o mínimo de informações sobre o lugar de destino para conferir a viabilidade do projecto. Para além das redes sociais tradicionais existem outras formas de encontrar informações. Pude observar nesta pesquisa que uma das estratégias encontradas para obter conhecimentos é a internet. Através dos *sites* de relacionamentos, *blog*, *fotologs* e *sites* especializados em fornecer informações sobre como morar na Europa<sup>32</sup>, o futuro emigrante tem ideia das condições do empreendimento, e, assim, encontra-se uma rede de informações rápidas e dinâmicas. Um dos exemplos mais significativos é do que acontece no Orkut<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Existe *sites* na rede que dão informações de como viver em alguns países da Europa. No caso de Portugal são dadas informações sobre documentos, transportes, saúde e os melhores lugares para se estabelecer por algum tempo. (Ver: <http://www.fcdef.up.pt/neb/dicas.html>, acesso 17/08/08)

<sup>33</sup> O Orkut é uma comunidade on-line criada em 24 de Janeiro de 2004 e filiada ao Google, uma das maiores marcas globais na actualidade. Seu nome é originado do projectista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro do Google. Segundo a definição descrita no próprio site, o orkut é uma comunidade on-line criada para tornar a vida social dos usuários e de seus amigos mais activa e estimulante. A rede social do orkut pode ajudar a manter contacto com amigos actuais por meio de fotos e mensagens, e a conhecer mais pessoas. Este sítio de relacionamento tornou-se muito popular no Brasil a partir do segundo semestre de 2004, tanto é, que em Agosto/Setembro de 2004 a proporção de brasileiros usuários do Orkut oscilava entre 50% e 55%, segundo dados divulgados pelo próprio site que, inclusive, resolveu produzir uma versão em português. Até então a o site era todo escrito em inglês. Nele os usuários, conectados via

Através de comunidades *on-line* os usuários do Orkut interagem entre si e estabelecem redes de contactos.<sup>34</sup> Existem várias comunidades virtuais que abordam temáticas sobre brasileiros no estrangeiro.<sup>35</sup> Nelas são debatidos assuntos referentes ao processo migratório, as principais dificuldades, os documentos exigidos, bem como os acontecimentos relevantes e de interesse dos brasileiros que residem fora do seu país. Cada um desses “lugares” tem sua própria dinâmica, mas a grande maioria funciona como uma forma de fazer amigos e trocar informações. Portanto, o Orkut tornou-se mais um veículo para o estabelecimento de contactos entre os que desejam imigrar e o país de acolhimento. Assim, as redes sociais tornam-se cada vez mais dinâmicas e acompanham as mudanças da contemporaneidade.

### 3.3. Os recursos para concretização da viagem:

De acordo com Padilla (2005), inspirada nas ideias de Goza (2003), os imigrantes provêm de uma classe média, tanto alta como baixa, mas nem um deles se dispõe a migrações voluntárias. “Os ricos viajam por prazer ou trabalho, mas não emigram e os pobres, que assim manifestam o desejo de imigrar, não o podem fazer porque não reúnem os recursos, nem materiais e nem apoios para fazê-lo.” (p.10) Por tanto, é necessário ter um mínimo de capital económico para o sucesso de tal investimento, o que significa que imigrar não é um privilégio para todos.<sup>36</sup> Entretanto, há de se levar em conta a heterogeneidade do perfil dos imigrantes. Existem casos em que os emigrados vivem em estado de grande pobreza e vêm na imigração a

---

Internet, enviam mensagens a uma central. Essas mensagens são publicadas no seu respectivo site e ficam visíveis para os demais usuários.<sup>33</sup> Segundo Dornelles (2004): “A *difusão do Orkut transforma radicalmente a forma e o resultado da sociabilidade contemporânea. Ele encarna a terceira forma do processo que rompe com a necessidade de ligação tempo-espacial para o encontro social. Ele surge em um contexto onde já existem outras plataformas com o mesmo princípio. Entretanto, por motivos intrínsecos ao seu funcionamento, tornou-se a "sensação do momento". Ele pode ser considerado como um marco no início de um tipo de sociabilidade desvinculada das dimensões de tempo e de espaço para encontro social. O resultado é a geração de uma diversidade ampla de subjectividades colocadas em contacto. O que significa a possibilidade de contacto entre indivíduos de diferentes segmentos sociais (em termos de renda e idade, por exemplo) e possuindo diversos estilos de vida. Cada dia cresce mais o número de usuários no mundo. Actualmente a maior parte deles é composta por brasileiros.*”

<sup>34</sup> Sobre o orkut e sociabilidade ver:

[http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Internet/ponencias/GT18\\_8%20Moreira.pdf](http://www.alaic.net/alaic30/ponencias/cartas/Internet/ponencias/GT18_8%20Moreira.pdf)

<sup>35</sup> Como exemplo posso citar as comunidades: “Brasileiro no Exterior”, “Brasileiros em Madrid”, “Eu quero morar na Europa”, “Brasileiros pelo mundo”, “Brasileiros em Portugal”, “Brasileiros em Lisboa”, etc.

<sup>36</sup> Sobre este assunto Mapril (2008:21) diz: “emigrar é um empreendimento para o qual são necessárias quantias significativas de capital económico, quantias estas que não são acessíveis a todos. Mais, na imigração manter relações sociais através das fronteiras com familiares e amigos exige capital económico que revela como existem pessoas mais transnacionais do que outras.”

possibilidade de melhorar de vida. A título de exemplo pode-se citar o caso de muitos imigrantes oriundos do continente africano que, em seu país de origem, vivem no limiar da pobreza. Há casos também em que as mulheres já estavam ligadas a rede de prostituição no país de origem e ao imigrarem continuam a exercer a mesma actividade<sup>37</sup>. Esses dois exemplos dão uma rápida dimensão da complexidade em que está inserido o perfil dos imigrantes, e por isso, sendo impossível enquadrá-los em um todo homogéneo.

Diante deste cenário, grande parte de minhas interlocutoras fez de alguma forma um esforço financeiro para concretizar a viagem. A grande maioria delas era oriunda de uma classe média e/ou trabalhadora. Exerciam actividades como educadoras infantis ou professoras, estudantes, secretárias, assistente administrativa e guia turística, e por isso, o custo das passagens estava muito acima do que disponibilizavam. A forma de pagamento variou entre empréstimos a juros ou a parentes<sup>38</sup>, venda de bens duráveis (carro, móveis e electrodomésticos) e utilização de cartão de crédito próprio ou de amigos. Algumas também receberam algum tipo de financiamento por parte algum parente. Liliane, por exemplo, contou-me em uma entrevista informal que tinha decidido imigrar depois que conheceu alguém na internet e que a convidou para trabalhar como técnica de radiologia. Como tinha feito um curso de especialização, resolveu pedir dinheiro emprestado para custear a passagem e algumas despesas logo de início. Um ano depois que nos conhecemos, ainda não tinha terminado de pagar tal empréstimo. Já Michele, revelou-me que antes de viajar abandonou a faculdade, juntou algum dinheiro com a venda de alguns bens, pediu demissão do emprego e assim conseguiu financiar sua viagem e os primeiros meses em Lisboa. Já Francilene, teve as despesas custeadas pelo patrão que lhe trouxe a Portugal e por isso trabalhou vários meses a ganhar apenas 200€, pois o restante era o pagamento das despesas. Estas histórias foram-me repetidas em quase todas as entrevistas e conversas que tive com mulheres brasileiras. Histórias que sempre estavam associadas à ideia de juntar os poucos bens que tinham e apostar

---

<sup>37</sup> Não foi possível recolher para este trabalho dados muito concretos, mas especula-se que existem redes de prostituição que recrutam mulheres que já exerciam esta actividade em muitos dos estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

<sup>38</sup> Procurar por empréstimos, avalistas e ao pagamento a prazo é uma prática recorrente. Este factor tem bastante importância dentro de suas experiências nos primeiros momentos de estadia no país de destino. Convive-se por grande período com a responsabilidade do pagamento, por isso muitas justificaram a sua permanência em Portugal, mesmo depois de muitas desilusões, por conta das dívidas deixadas no Brasil. Por esse motivo também se submetem a jornadas de trabalho estafantes para conseguir mais dinheiro e assim quitar os débitos.



tudo em Portugal. Maria Cláudia contou-me que por ter viajado para Portugal depois do marido, ficou no Brasil a tentar se desfazer de alguns bens que tinham para juntar com o dinheiro que o marido havia enviado para custear suas despesas.

### 3.4. O que levar...

Após organizar todo o empreendimento, recolher informações e arranjar os assuntos de ordem prática é hora de se preparar para a vigem. Emigrar não é como uma viagem de turismo em que se sabe mais ou menos quantos dias vai passar e tem-se mais ou menos uma previsibilidade do que irá ocorrer durante aquele período. Portanto, faz-se necessário escolher a melhor estratégia para uma vigem que não se sabe ao certo quanto tempo irá demorar, pode ser por alguns meses, um ano ou mais tempo. E assim, é importante fazer escolhas.

O emigrante brasileiro que sai de sua terra para trabalhar em *terras estrangeiras* sabe que não é possível carregar consigo todos os seus bens. É preciso escolher o que levar, pois carregar muitas coisas é uma forma de auto-incriminar-se perante as autoridades alfandegárias, já que, no caso dos imigrantes ilegais, a entrada no país é feita com visto de turista que tem validade máxima de 3 meses. Ora, quem vai supostamente passar 3 meses não pode carregar muitos bens, é necessário escolher aqueles de necessidade maior e aqueles de maior valor sentimental. Portanto, é necessário escolher alguns poucos objectos, mas objectos suficientes para serem utilizados em uma viagem que não tem data certa para terminar. Esse desligamento “(...) na verdade começa no ponto de partida, quando há decisões que têm de ser feitas sobre para onde ir, o que levar e o que deixar e não como pode parecer mais evidente, durante a viagem e a reinstalação fora de casa.”<sup>39</sup> (Parkin, 1999: 308). Sobre esse assunto Emanuele revelou-me em entrevista:

*“...Eu vim sem documento e depois aqui que tive que correr atrás de tudo (...) Eu vim pela Espanha, mas também não tive nada. Eu vim como se tivesse fazendo turismo, entendeu? E já tinha mandado minhas coisas antes por um amigo que vinha. Ele já tinha vindo com tudo. Ele é legalizado e tudo aqui. Então ele é legalizado e trouxe minhas coisas. Eu vim mesmo só com uma malinha contendo poucas coisas...”* (Emanuele, entrevista em 27/08/08)

Esta tarefa, que pode parecer corriqueira, tem um significado muito forte para a emigrante. Saber o que levar e desfazer-se daquilo que não convém é o primeiro

---

<sup>39</sup> Tradução minha “while it may seem most evident during actual flight and re-settlement away from home, actually begins at the point of departure, when decisions have to be made about where to go, what to take and what to leave behind”.

processo de desligamento. É onde ela toma consciência ou, pelo menos, sente o primeiro impacto de que é preciso deixar algo, desligar-se. Algumas de minhas interlocutoras falavam sempre da dificuldade em deixar para trás certos bens. Desfazer-se do carro, da casa ou qualquer bem material torna esse processo de desligamento muito mais doloroso.

Agora, é preciso juntar tudo e escolher o máximo de coisas que possam caber nos 60kg estabelecidos pelas empresas aéreas. A escolha não é fácil. Deve-se evitar levar fotos dos familiares ou peluches, pois isso pode chamar atenção das autoridades de que você não é turista e veio para ficar. As roupas devem ser bem escolhidas e fazer atenção se as peças condizem com a estação do ano. (Padilla, 2005). Uma das moças brasileiras que conheci durante este período de pesquisa falou-me uma vez da dificuldade encontrada no aeroporto de Lisboa, pois quando teve sua mala vistoriada foi questionada do porque de não levar roupas de frio se estavam em pleno Dezembro invernos. Na conversa, ela dizia-me que em meio ao nervosismo ainda teve a iniciativa de dizer que mora em região quente do Brasil e por isso não era possível comprar roupas de frio na altura. No seu discurso, ela enfatizava sempre do medo que teve de ser “deportada”, pois tinha “escolhido” mal suas roupas.

Além de roupa também é preciso escolher alguns objectos que servirão de recordação. Mas tudo feito com bastante cuidado e discrição para que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF não perceba que sua estadia será demorada. Tudo isso torna-se difícil em meio a todas as memórias de um passado, assim sendo, estes objectos são rigorosamente contados e verificados quanto a pertinência, escolhidos de acordo com os significados que possuem e a importância atribuída. Neste sentido, Marcoux (2001) sugere que as coisas que as pessoas levam consigo nos seus deslocamentos encontram-se no cerne da constituição da memória, pois o objecto pode ligá-las ao passado, a pessoas ou a momentos importantes, ou melhor, as pessoas associam o objecto a tudo que pode representar estabilidade.

### 3.5 Quem fica...

Claudia Pedone (2005), em seu estudo sobre as mulheres equatorianas imigrantes em Espanha, assinala que “a mulher se tornou o primeiro elo da cadeia de migração, de modo que este desafio migratório redefine a sua posição quanto à manutenção do grupo doméstico.”<sup>40</sup> Já Beatriz Padilla (2007), em sua pesquisa sobre as mulheres brasileiras em Portugal, ressalta que “evidencia-se uma tendência crescente de mulheres que emigram sozinhas ou que fazem parte duma estratégia de migração familiar, nem sempre liderada pelo marido ou pelo pai”. O que estas pesquisas apontam é que as mulheres, que antes eram vistas como coadjuvantes no processo migratório, hoje são percebidas como protagonistas do projecto e são cada vez mais as responsáveis pelo empreendimento.

As mulheres com quem trabalhei nesta pesquisa reflectem bem esta perspectiva. Por volta de 80% de minhas interlocutoras iniciaram sozinhas o processo migratório. As 20% restante vieram acompanhar o marido, mas tinham um papel “emancipador” na sua experiência em Lisboa.<sup>41</sup>

Nesta perspectiva, o papel daqueles que tiveram que ficar para trás é muito significativo. Em quase todos os casos estudados a importância da família que ficou no Brasil assumiu um carácter relevante e em alguns foi o catalisador da decisão de emigrar. Garantir o sustento dos pais ou dos filhos foi uma das razões apontadas para iniciar este empreendimento. Este foi o caso, por exemplo, de Érica, que imigrou há 6 anos para conseguir financiar os estudos do filho que ficou no Brasil. Já no caso de Patrícia, mesmo tendo imigrado para casar com um cidadão português, sua experiência foi marcada pela ajuda financeira prestada a mãe. Segundo ela, a casa onde hoje mora sua mãe em Natal - Rio Grande do Norte - foi fruto do seu esforço como vendedora de uma loja no Centro Comercial do Saldanha. Muitas das minhas interlocutoras tiveram uma experiência semelhante à das mulheres estudadas por Sertório & Pereira (2004:

---

<sup>40</sup> Tradução da pesquisadora: “La mujer se convertía en el primer eslabón de la cadena migratoria; de este modo, este reto migratorio redefinía su posición con respecto a la manutención del grupo doméstico.” (Pedone, 2005, p.01)

<sup>41</sup> Inseri dentro desta amostra de 20% as mulheres que vieram para casar em Portugal. Os casamentos mistos são cada vez mais comuns. “Entre 2001 e 2005 a formalização de uniões envolvendo estrangeiros a residir em Portugal passou de 3,6 por cento para 8,9 por cento do total de casamentos realizados em Portugal, aumentando de 2.093 para 4.332, o que representa uma subida de 107,8 por cento.” ([http://www.inforpress.cv/index.php?option=com\\_content&task=view&id=7032&Itemid=2](http://www.inforpress.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=7032&Itemid=2), acesso: 17/08/08). Segundo notícia publicada no site da Casa do Brasil, houve crescimento de 46,6% no número de casamentos entre brasileiros e portugueses. (<http://www.casado brasil.info/spip.php?article286>, acesso: 17/08/08). Porém, mesmo que o motivo para emigrar seja para estar próximo ao marido, estas mulheres assumiram um papel de carácter emancipador, principalmente do mercado de trabalho. (Padilla, 2007). E isso foi muito significativo nesta pesquisa.

80), onde o afastamento dos filhos e parentes implicava uma oportunidade de uma vida melhor. Para as autoras, as mulheres emigrantes

“Conseguem, no entanto, viver vários anos separadas dos filhos, mesmo quando estes são muito pequenos, sacrificando a sua afectividade à construção de um futuro melhor para aqueles pelos quais se sentem responsáveis. Mais importante do que ver crescer os filhos, tê-los sempre ao seu lado, prece ser assegurar-lhes condições de frequentar a escola, de poderem mais tarde aceder a um bom emprego, de terem uma vida melhor do que aquelas próprias tiveram”.

Em uma entrevista com Liliane ouvi pela primeira vez a frase “Portugal é terra que a gente chora e o pai não vê.” A frase, que ressalta os sofrimentos, também é uma forma de mostrar a dor da distância e o papel que a família tem na sua experiência migratória. Neste caso, o sofrimento escondido é uma das formas de fazer-se acreditar no sucesso da empreitada. Deixar os familiares não é tarefa fácil e requer muito desprendimento. Mais uma vez o caso pesquisado por Sertório & Pereira (2004: 80) pode ser ilustrativo, pois assinala a “dureza do afastamento familiar”. Em suas palavras:

“Mais ou menos apoiadas pelas suas famílias para darem o passo da emigração, a frequência com que estas mulheres se referem aos seus familiares, e muito especialmente aos filhos, mostra bem a dureza do afastamento familiar que a emigração implica (...) Além de separadas dos filhos, ficam naturalmente separadas dos seus familiares mais próximos e rompem as relações primárias tidas nos seus países. Este afastamento é sentido de forma muito intensa e dolorosa, agravado pela solidão e o isolamento que sentem em Portugal...”.

Essa experiência de se estar afastada dos familiares foi muito comentada nas entrevistas. Todas elas falavam das dificuldades de estar distante dos parentes. Acompanhei alguns dos telefonemas feitos por Liliane aos seus pais. Toda vez em que terminava a chamada havia um silêncio profundo que só era interrompido por um sorriso forçado e a palavra saudade dita em um esforço de prender o choro. Já Michele falou-me da saudade que sentia das reuniões organizadas todos os anos pelos seus familiares. Para ela, não participar desses eventos era uma das maiores dificuldades encontradas por estar distante:

*“A Minha família é muito unida, muito apegada. Toda reunião que tem, por exemplo... a minha família tem uma associação, a associação da família Cidrack. A minha mãe é presidente da associação. É um barato. É assim... de dois em dois meses tem uma reunião e todos da minha família se juntam. E uma vez por ano tem uma convenção. Porque aí todos os meus parentes do mundo inteiro vão para o Brasil, uma vez por ano a gente se reúne. (...) Vai todo mundo, até dos EUA e de todo o Brasil. (...) Uma vez por ano tem essas convenções e eles fazem sempre em lugares diferentes (...) [nas convenções] Tem banda, por exemplo, na festa junina, eu quando estava lá organizava a festa junina, mandava comunicado para todo mundo da família ir e a gente contrata banda, tem comida, barraca, comida típica (...) É disso que sinto falta, desse contacto, dessa família que tenho saudade grande.” (Michele, Entrevista concedida no dia 27/05/2008).*

Esses exemplos são bem ilustrativos da importância que tem “àqueles que ficam”. São “peças” fundamentais na experiência quotidiana e assumem um papel importante em suas decisões e na maneira como enfrentam a experiência migrante. Maria Cláudia, Emanuele, Érica e Patrícia eram as provedoras do sustento de suas famílias no Brasil, mesmo com a distância, assumiam um papel de liderança e presença em suas famílias. Sobre isso Emanuele comentava:

*“Eu saí do interior da Baía para ir para o Espírito Santo por condições financeiras. O falecimento da minha mãe e meu pai deixou a gente um pouco com as condições financeiras mais sensíveis. Então, decidimos e fomos o restante da família, irmãos e irmãs, essas coisas. Então chegou lá e lógico é difícil e então tinha umas coisas lá que nós começamos, ter uma estabilidade, nosso próprio negócio. Isso é um objectivo e eu e minha irmã que é a mais velha estamos quase a conseguir. Falta pouco e muito pouco. Essa minha vinda para cá facilitou bastante, estamos quase a conseguir, era um sonho.” (entrevista concedida em 28/08/08).*

### 3.6 A viagem...

Chegado o dia da viagem é preciso preparar-se. A roupa deve ser muito bem escolhida. Os mais experientes recomendam que a roupa deve ser a mais discreta possível. Segundo alguns relatos que ouvi e mesmo a minha experiência nas viagens que fiz entre Brasil e Portugal, existe um temor quanto a imagem que se vai apresentar aos órgãos de fiscalização no aeroporto. Em muitas de minhas entrevistas as interlocutoras falaram do cuidado que tiveram com a roupa, o cabelo, a expressão e o tom de voz. Já em um dos fóruns da *Comunidade Brasileiros em Portugal* do orkut, pode-se encontrar casos bem ilustrativos. Uma das participantes perguntou em 26/07/08 como é a imigração em Lisboa<sup>42</sup>, ao que Meire, uma outra participante responde:

*“É só vir de sainha bem curta, um top com barriguinha de fora e uma pinta de pirigueti mesmo. Incrível, todas passam! E sempre que venho de férias tem umazinha assim! Elas chegam no guichê, sei lá o que falam, se é que é preciso, e passam! De repente farão um bom desconto para o funcionário que as atende, (risos). Brincadeiras à parte, infelizmente o lance da imagem e o saber conversar conta muito aqui. Tem que estar com a cabeça tranquila porque eles falam olhando nos olhos à espera de um vacilo para te encher de perguntas, (risos)!” (Meire, 27/07/08)<sup>43</sup>*

No mesmo fórum um rapaz também responde:

*“Não precisa ser simpática e sorridente, aqui as pessoas tem normalmente uma certa frieza que para eles é o normal e para nós é mau humor. Aqui, de modo geral,*

<sup>42</sup> A palavra *imigração* neste contexto é uma “expressão nativa” para se referir as autoridades alfandegárias ou reguladoras da entrada de estrangeiros em Portugal. Neste caso, a interlocutora procurava saber como era o tratamento oferecido pelo Serviço de Estrangeiros de Fronteiras aos recém-chegados.

<sup>43</sup>

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=204940&tid=5227210267091796394&kw=imigra%C3%A7%C3%A3o&na=3&nst=11&nid=204940-5227210267091796394-5227412744753919418> (acesso: em 17/08/08)

*"ser simpática e sorridente" é sinónimo de "oferecida", automaticamente, puta. Sendo assim, não vale a pena gastar seu sorriso com quem não o vai interpretar no bom sentido." (Wilton, 28/07/08)*

Outra participante responde:

*"Também estou indo a passeio visitar meu namorado, irei sozinha, minha primeira viagem internacional, estou com carta convite, seguro saúde, dinheiro... tudo direitinho, mas por ser mulher, baiana.....me sinto um pouco receosa. Foi muito bom ler esses comentários, afinal com tudo certinho, não devemos nada a ninguém, é encarar e pronto" (Ana, 28/07/08).*

Este exemplo foi tirado do site de relacionamento Orkut, mas ilustra muito bem os relatos contados por minhas interlocutoras. Júlia, uma das entrevistadas com quem tive a oportunidade de viajar, falava-me sobre o cuidado que teve em escolher a roupa, como mostra essa passagem do meu diário de campo:

*"Cheguei na sala de embarque ainda faltava muito tempo para o avião decolar. Sentei-me num canto e fiquei a observar todo aquele movimento. Do meu lado sentou-se uma moça, baixa, morena, e com boa aparência. Ela iniciou uma conversa, queria saber se ainda o avião ia demorar. Ela tinha um aspecto tenso. Ficamos ali a conversar, pareceu-me uma pessoa simpática. Fizemos a longa viagem juntas, afinal eu também estava nervosa. Conversamos de tudo um pouco. (...) Júlia disse-me que estava indo visitar o noivo, mas tinha muito medo de ser "barrada". Contou-me que a carta convite que ela carregava fora assinada pela mãe do noivo, que dizia ser sua madrinha. Ela tinha medo de ser apanhada se dissesse que viria visitar o noivo, preferia dizer que estava a vir a convite da madrinha. (...) Algumas vezes ouvi Júlia reclamar da roupa, sentia-se desconfortável. Disse-me que escolheu aquela roupa porque estava com medo de mostrar a tatuagem que tinha nas costas. Essa tatuagem poderia ser um agravante para desconfiarem do seu real motivo de vir a Portugal: ela tinha vindo para casar e trabalhar (...) Passou a viagem toda apreensiva e quando nos despedimos no desembarque em Lisboa, ela me olhou com um ar temeroso e disse: "boa sorte para nós duas..." (Diário de Campo, 04/01/ 2007)*

Como Júlia, muitas de minhas interlocutoras falaram destes cuidados que tiveram com a viagem. O cuidado com a roupa é muito significativo, neste caso não querer mostrar a tatuagem porque na sua ideia poderia denunciar algum desvio de carácter e poder comprometer sua entrada no país é ilustrativo sobre como sentem que devem ter cuidado com o corpo e o que ele comunica aos outros. "O corpo é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os homens moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado" (Mauss cit. in Almeida, 1996:4) E desta forma, o corpo torna-se emissor e receptor de informações (Almeida, 1996). Para as minhas informantes estas informações são decisivas para o sucesso do seu empreendimento.

A carta convite também é um dos instrumentos comumente usados para facilitar a entrada no país. Para tanto, é necessário que exista alguma rede de contacto, parentes, amigos ou namorado. Ressalta-se mais uma vez a importância que têm os

meios de comunicação, tendo a internet como principal recurso, para o sucesso do empreendimento. Aqueles com quem se mantém contacto na internet são grandes aliados tanto para informações como para facilitar a ultrapassagens dessas barreiras burocráticas<sup>44</sup>.

O momento do primeiro contacto com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF é muito significativo e é permeado de crenças e nervosismos. Criam-se e recriam-se estratégias para superar e conseguir sucesso. Não é suficiente apenas mostrar os documentos exigidos, é preciso manter uma postura, conter o nervosismo, mostrar seriedade. Cada um tem sua história de superação. Neste aspecto o papel das redes sociais, basicamente os parentes, amigos e as agências de viagem, é revelador da importância que assumem as informações por eles transmitidas. Essas informações muitas vezes podem estar desconstruídas, mas para o emigrante funcionam como estratégias para “driblar” as instituições reguladoras.

Assim sendo, em muitos casos preferem não enfrentar o SEF, tido como um órgão bastante repressor, e por isso escolhe-se entrar em Portugal por terra, ou seja, desembarcar em outros aeroportos no *Espaço Schengen*. Como, por exemplo, o aeroporto de Madrid ou o de Paris.<sup>45</sup> Mais uma vez o depoimento de Emanuele ao se referir a sua viagem pode ser ilustrativo:

*“...Porque as pessoas sempre falavam que vir directo, sem documentação é um risco que a pessoa vai correr. Não que por lá seria mais fácil, mas a pessoa vem como turista. Eu vim como se fosse fazer turismo e então era bem mais fácil e foi por isso que eu decidi vir por Madrid. Eu não vim directo, porque já sabia que seria bem mais difícil, então decidir vir por lá por isso. Tentar facilitar mais as coisas.”*  
(Emanuele, em 27/08/08)

Estas estratégias aparecem como fundamentais em seus depoimentos. Cada uma tem uma história para contar de um amigo ou parente que passou por problemas no aeroporto. Essas histórias contadas de um para o outro nem sempre são inteiramente verdadeiras, mas são importantes para percebermos como certas crenças fazem parte do projecto de emigração e muitas delas são repassadas pelas redes sociais.

---

<sup>44</sup> A carta convite é um bom exemplo. Este documento pode ser emitido por um cidadão português, onde se compromete com as despesas de permanência do cidadão estrangeiro.

<sup>45</sup> Durante a minha pesquisa de campo teve visibilidade a deportação de alguns brasileiros detidos no aeroporto de Madrid. Alguns estudantes brasileiros foram impedidos de entrar em Espanha em Março de 2008, tendo como justificativa o não cumprimento das exigências para permanência no país. Este acontecimento causou certo desconforto entre as autoridades brasileiras e motivou a política de reciprocidade, impedindo a entrada de muitos turistas espanhóis no Brasil.

### **3.7. Onde e como morar...**

Uma vez autorizada a entrada é hora de procurar se estabelecer no país. Mais uma vez o papel das redes de contactos é muito importante. São elas que vão dar suporte nos primeiros momentos de estadia no país. Escolher onde morar depende muito das informações recebidas pelos parentes e amigos.

No caso de minhas entrevistadas, quase todas foram recebidas por alguém nos primeiros dias. Liliane, por exemplo, contou-me que logo quando chegou se dirigiu a casa de umas pessoas conhecidas que a tinham convidado para trabalhar em Portugal. Neste local ela pagaria pela hospedagem. Logo nos primeiros dias se apercebeu que a promessa de trabalho era falsa e que deveria sair da casa. Procurou então contactos em jornais e indicação de conhecidos para conseguir outro lugar para residir. Já Laura, tinha vindo com o contacto de um amigo português que conheceu em Belo Horizonte e nos primeiros meses se estabeleceu em sua casa. Com Maria Cláudia foi um pouco diferente, pois o marido já estava em Portugal e por isso já tinha preparado a sua estadia em uma casa que dividia com outros casais.

O mais comum é ficarem inicialmente hospedadas em casa de amigos e parentes ou mesmo dividir as despesas na casa de algum conhecido. Mas logo que aparecem os primeiros trabalhos é necessário pensar em melhores acomodações, ou, pelos menos, mais convenientes. No caso de Liliane, a mudança de residência foi difícil e teve que passar os primeiros meses a dormir no local de trabalho. Como ela tinha conseguido um emprego temporário na colheita de frutas, dormia em um espaço onde não tinha cama e por isso dormiu os primeiros tempos no chão. Mas foi só quando veio morar dentro da cidade de Lisboa é que pôde alugar um quarto em que compartilhava com mais duas amigas.

Grande parte de minhas interlocutoras vivia em casas onde a renda é dividida entre outros brasileiros. Visitei algumas dessas casas e pude ver as condições em que viviam. Liliane, por exemplo, quando arrendou uma casa em Lisboa o fez juntamente com 9 pessoas. Era uma casa com 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha e 1 casa de banho. Ela dormia em um quarto pequeno com mais duas brasileiras. O outro quarto era de uma senhora com seu filho recém-nascido. As outras quatro pessoas dividiam espaço na sala da casa, que foi transformada em dormitório. O lugar era extremamente pequeno e eles dormiam em beliches e sofás. Havia muitas roupas penduradas em varais improvisados dentro da sala. Era tudo muito pequeno e os espaços eram muito bem divididos para proporcionar um mínimo de conforto aos moradores da casa.



Já Michele morava em uma casa que dividia com algumas amigas, porém, quando engravidou foi morar com o pai do seu filho em uma casa no bairro de Benfica. As despesas com a casa eram divididas com mais um casal. Na última conversa que tivemos ela revelou-me:

*“Agora eu estou morando em Laranjeiras. (...) Vivia em Odivelas, mas é assim... como em toda casa de bom brasileiro tinha muita gente e muita bagunça e eu não gosto de bagunça. Agora mudei para Laranjeiras porque é um apartamento maior, mais tranquilo, mais sossegado. Sou eu, o cunhado e mais um casal...” (Michele, em 29/05/08)*

Grande parte das minhas interlocutoras também vivenciavam esta realidade, com exceção de Patrícia, que na época desta pesquisa vivia em uma casa apenas com o marido. Entretanto, antes do casamento ela havia dividido apartamento com mais duas brasileiras. Esta realidade, compartilhadas por quase todas, exprime bem como é a experiência no que concerne a moradia, que são geralmente lugares pequenos em que as despesas são divididas e por isso, quanto mais pessoas puderem partilhar, menos será o valor gasto, que implica uma maior economia de seus rendimentos.

As mudanças e as incertezas quanto o local de moradia são constantes. Mudam-se de lugar por diferentes motivos, mas os mais comuns são busca por menores valores do arrendamento, melhores condições da casa ou por problemas de relacionamento com os demais moradores. A mala está sempre arrumada para qualquer hora mudar novamente. “A casa é a mala”, como me disse uma vez um brasileiro emigrado há 6 anos.

Situação um pouco diferente acontece com as imigrantes que cuidam de idosos e são internas. Marta e Érica, duas interlocutoras que acompanhei mais de perto moravam no local de trabalho. Mesmo não compartilhando a casa com outros brasileiros, a experiência cotidiana era marcada por pouca privacidade. Édna sempre me contava da preocupação que tinha com seus documentos, chegando a relatar que desapareceram alguns papéis indispensáveis para renovação de autorização de residência e que isso lhe trazia muito desconforto e desconfiança.

### **3.8 O trabalho:**

A experiência no ambiente do trabalho é uma das mais significativas do cotidiano da imigrante brasileira. Como bem ressaltam Sertório e Pereira (2004) “A procura de trabalho é, pois, a primeira preocupação de todas as mulheres entrevistadas, e provavelmente da grande maioria das mulheres emigradas hoje”. Entretanto, uma

parcela significativa só consegue encontrar trabalho em actividades muito aquém de suas qualificações profissionais. A precariedade das condições de trabalho é uma constante, fazendo com que procurem actividades em que não se exigem grandes qualificações, mas em que há uma oferta maior.

A exemplo das mulheres entrevistadas por Sertório e Pereira (2004), as minhas interlocutoras também estão dispostas a realizar qualquer função profissional e também tendem a achar natural que as tarefas mais difíceis e menos qualificadas lhes sejam atribuídas, “mesmo quando não se conformam com a discriminação de que são vítimas, vêm preparadas para enfrentar.” (Sertório e Pereira, 2004). Esse foi mais ou menos o caso de Emanuele, que me revelou na entrevista:

*“Quando a gente vem do Brasil, a gente tem mais ou menos uma noção que não vai trabalhar na mesma área que você trabalhava lá. Entendeu? A não ser que seja uma coisa assim de transferência de uma empresa para outra, aí você... Mas quando você vem sozinha que nem eu vim, então eu sabia que mais ou menos era a restauração. Que é o que a maioria dos brasileiros é o que fazem aqui. Então foi nesta área que eu fui procurando”. (Emanuele, em 27/08/08)*

A busca por emprego é uma actividade cansativa e por vezes desmotivadora. Para aqueles que não estão legalizados o mercado é mais restritivo, mas sempre existem empregadores dispostos a contratar mão-de-obra ilegal para diminuição dos encargos. Esta força de trabalho é inteiramente lucrativa, pois não desconta para os serviços de previdência, está disposta a trabalhar horas excessivas e não pode fazer muitas exigências.

Como explicarei mais à frente com maior riqueza de detalhes, esta pesquisa foi realizada com um grupo bem definido de brasileiras. Direcionei minha investigação para aquelas que trabalham no *mercado da simpatia*, ou seja, pessoas envolvidas em actividades direccionadas ao atendimento ao público. Também dei especial atenção para as mulheres que cuidam de idosos, pois ao longo de minha pesquisa tive bastante contacto com pessoas que exerciam esta actividade. Optei por não direccionar meu *olhar investigativo* para mulheres que trabalham no “mercado do sexo” ou alternes, mesmo que estas também possam ser enquadradas em actividades em que se valorizam o uso da simpatia.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Minha ideia inicial, ainda no projecto de pesquisa, era tentar perceber a experiência quotidiana das mulheres que trabalhavam no mercado da simpatia, mas que eram pouco visibilizadas pelos meios de comunicação, tendo em vista que muitas das imagens representativas sobre as mulheres brasileiras estão atreladas a actividades relacionadas a prostituição e que são tão bem apresentadas pelos *médias*. Este foi o caso, por exemplo, da polémica das *mães de Bragança*. Este episódio, em que tanto a imprensa internacional como a portuguesa deram especial atenção, consistiu em um movimento organizado em 2003 por mulheres denominadas as mães de Bragança contra as prostitutas brasileiras (acusadas de causar

Minha primeira experiência etnográfica pode ser a que eu própria vivi durante o tempo em que trabalhei e estudei em Portugal. Trabalhei quatro meses em um restaurante em Lisboa. Minha jornada de trabalho era de 40h semanais, mas, como tinha que ir às aulas, folgava em dois dias da semana. Para compensar essas folgas, durante o fim da semana eu trabalhava das 9h da manhã às 24h. Eram, aos finais de semana, 15h diárias, em pé, com apenas uma hora de descanso, que muitas vezes se transformavam em apenas alguns minutos, pois dependia da movimentação dos clientes. Na citação abaixo relato um pouco de como era os dias de trabalho:

*“Sábado entrei às 9h da manhã no trabalho. Antes de entrar no metro vi o lindo dia de sol que fazia e que eu não aproveitaria nada, pois aquele era o único momento que teria o prazer de ver o sol<sup>47</sup>, depois era só trabalhar. Só saí às 24h. Foi um dia de trabalho normal, com bastante movimento e almoço entre 16h e 17h...” (Caderno de campo 12/02/07)*

Como eu, haviam muitas outras brasileiras na mesma situação. Neste restaurante que me referi trabalhavam 6 brasileiros, dois homens e 4 mulheres. Destes seis, duas eram ilegais e por conta disso eram muito mais sujeitadas a horas de trabalho excessivo do que nós legalizados<sup>48</sup>. Laura, por exemplo, uma mineira que vivia em Portugal sem documentação, trabalhava das 09h às 24h de segunda a segunda. Tinha apenas algumas horas de folga durante alguns dias da semana. Já Emanuele, confessou que trabalhava 12h seguidas em um restaurante, com apenas um dia de folga por semana. Em seu depoimento disse-me como eram suas jornadas de trabalho antes de conseguir o visto:

*“Você tem que está disponível praticamente, tem que está 24h disponível praticamente. (...) eles te chamam, você vai, entendeu? Você nunca pode dizer não (...) Eu já trabalhei 12 horas seguidas, 12h, muito tempo, trabalhar 12 horas, em pé, correndo o dia todo. Já fiz 3 lojas no dia só para conseguir.”*

É interessante notar que Emanuele continuou a trabalhar as 12h seguidas, mesmo depois de ter autorização de residência. Segundo ela, estava a fazer isso, porque já tinha se acostumado e assim conseguia mais dinheiro tanto para realizar seus projectos no Brasil como para sua viagem de férias ao Espírito Santo no Brasil. Michele também trabalhava muito mais do que as 40h semanais que são permitidas por lei. Quando trabalhou em

---

instabilidade familiar) instaladas em tal cidade. Ao decorrer da pesquisa apercebi-me que este era o caminho a seguir por questões metodológicas e pela minha maior facilidade de inserção em campo, levando-se em conta o meu contacto diário com vendedoras de loja, empregadas de mesa e mulheres que auxiliam idosos.

<sup>47</sup> Essa passagem onde comento do prazer de ver o sol é muito ilustrativa, pois outras interlocutoras falaram isso em suas entrevistas. Poucos dias depois de escrever essa passagem no diário de campo ouvi a mesma reclamação de Laura, esta realidade nos era muito comum.

<sup>48</sup> Expressão “nativa” para designar aqueles que possuem autorização de residência conferida pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF.

uma empresa de limpeza fazia um horário das 6h às 23h e aos finais de semana trabalhava por toda a noite. Agora no café seu horário de trabalho é entre as 11h às 23h, com uma folga semanal.

Sobre a experiência quotidiana no ambiente de trabalho me foram relatadas algumas queixas quanto aos colegas de trabalho. Não é raro ouvir queixas de colegas brasileiros e portugueses. O mais comum é ouvir problemas de relacionamento com brasileiros e queixa sobre competitividade dentro da empresa. Algumas falaram da desconfiança que sentiam pelos próprios compatriotas, pois achavam que muitos estavam interessados em ganhar o máximo possível de dinheiro, mesmo que fosse preciso prejudicar alguém. Quanto aos colegas portugueses as queixas estavam em torno de uma suposta falsidade encontrada. Esse é mais um exemplo da “paranóia” em que vivem muitas das imigrantes. As relações, mesmo que no ambiente do trabalho são sempre marcadas por desconfianças e incertezas. Em outros momentos também me foi relatado certa solidariedade, anunciando assim que nem sempre as relações são marcadas por competitividade.

### **3.9 Os dias de folga...**

Os dias de folgas para as minhas interlocutoras são dias bastante peculiares. Tanto para as que trabalhavam na restauração, como para as que trabalhavam em lojas e como para as que auxiliavam idosos, esse momento era marcado por ser a única ocasião em que tinham oportunidade de realizar todas as actividades que não é possível durante o horário de trabalho: serviços domésticos, serviços burocráticos e momentos de lazer. Abaixo descreverei três situações que ilustram bem este aspecto:

#### ***1.As folgas de Laura:***

*Quando eu ainda trabalhava no restaurante minhas folgas eram sempre dedicadas ao estudo. Por conta das aulas, eu tinha 2 folgas por semanas devidamente compensadas aos finais de semana. No restaurante trabalhava com 6 brasileiros, mas o caso de Laura me chamou particular atenção.*

*Sempre procurei saber um pouco sobre a vida de Laura, ao que ela sempre estava disposta a contar. Entre uma conversa e outra indaguei-a como eram seus dias de folga, pois de tão raros eu imaginava que fossem demasiadamente especiais.<sup>49</sup> Para minha surpresa ela relatou-me que não gostava muito dos dias de folga e justificou que eram dias em que ela não sabia o que fazer, pois vivia em uma rotina tão regularmente cumprida, que os dias de folga eram momentos que fugiam de todo o seu cronograma. Um outro aspecto relatado era que em dias de folga gastava muito mais, pois era*

---

<sup>49</sup> Todo o período que trabalhei com Larissa só a vi ter folgas umas poucas vezes. Cheguei a presenciar um mês inteiro onde ela se dedicou inteiramente ao serviço, trabalhando das 9h da manhã às 24h de segunda a segunda.

obrigada a fazer comida ou então comer fora de casa. Para ela os dias de trabalho eram bons, porque como trabalhava em um restaurante, poderia comer quando e o que lhe apetecesse.<sup>50</sup> Vi-a algumas vezes aparecer no restaurante em seus dias de folga e sempre próximo ao horário do jantar. Pedia para que servíssemos algo para ela comer e ficava umas poucas horas ali com a gente.

## **2. As folgas de Érica**

A Érica cuidava de uma senhora próximo a loja que eu trabalhava. Conhecemo-nos porque sempre acompanhava a senhora à loja. Às vezes ia ter comigo sozinha e sempre reclamava dos seus dias de folga. Sempre dizia que nos dias marcados para descansar ela gostava de ir a igreja ou visitar uns parentes que moravam próximo a Lisboa, mas a patroa nunca a deixava sair cedo e como era interna, os dias de folga transformavam-se em horas. Contou-me muitas vezes que tinha pena de deixar a senhora sozinha e por isso abdicava de algumas horas ou mesmo do dia de folga para lhe fazer companhia.

Érica era evangélica<sup>51</sup>, mas não era “congregada” numa igreja fixa, pois por conta desses dias de folga mal planeados ia à igreja que desse mais jeito. Mas sempre ia em locais onde o pastor era brasileiro, dizia-se mais à vontade. Uma vez falou-me que não pôde assistir o culto direito porque estava preocupada com a senhora que tinha ficado sozinha em casa.

Quando não ia à igreja ela estava sempre envolvida com serviços de cunho mais burocrático. Durante o tempo em que convivíamos ela estava encaminhando seus papéis para renovação de autorização de residência junto ao SEF. Por conta de problemas internos da instituição e por problemas de falta de documentação regular de Érica, nos dias de folga alternava entre ir à igreja e ir ao SEF. Até à data da escrita deste trabalho ela não tinha ainda sua AR (autorização de residência) e isso já durava há 8 meses.

## **3. As folgas de Francilene**

Não muito diferente das interlocutoras, meus dias de folga não eram para o descanso, pois eram dedicados ao Mestrado e/ou a resolução de documentação. Em determinado dia de minha folga, onde eu planeava ir à Universidade, encontrei com Francilene. Eu a tinha conhecido através de minha tia que por sua vez a conheceu por intermédio de sua irmã (irmã de Francilene) que morava na mesma cidade em que minha tia passava as férias.

Neste dia vi a aflição dessa moça para conseguir a documentação para solicitar a sua Autorização de Residência. Ofereci-me para acompanhá-la e esse foi um exercício enriquecedor. No consulado brasileiro de Lisboa pude ter contacto com outras dezenas e porque não dizer centenas de imigrantes. A grande maioria dos que

---

<sup>50</sup> Este relato sobre a comida no restaurante não era bem verdade. Poderíamos comer as saladas, especialidade da casa, mas tudo o que eram sobremesas ou salgados (*quiches*) não nos era permitido. Comer por conta do restaurante também não era uma das actividades mais confortáveis, pois não nos era dada a oportunidade de comer na mesma mesa dos clientes. A solução encontrada era: ou comer em pé na cozinha ou então procurar mesas dentro da “praça de alimentação”, o mais distante possível do restaurante.

<sup>51</sup> Termo mais comumente utilizado no Brasil para designar fieis seguidores de igrejas protestantes ou pentecostais.

*pude conversar<sup>52</sup> eram trabalhadores e estavam a aproveitar o dia de folga para solicitar ou autenticação de documento, ou cartão consular, ou procuração, ou ainda “segunda via”. Fomos também ao SEF e lá a situação não era diferente, havia um número considerável de pessoas das mais diferentes nacionalidades.*

### **3.10 O lazer...**

Como foi descrito acima, o dia-a-dia dessas imigrantes brasileiras tem como protagonista o ambiente do trabalho. As intermináveis horas de actividades, somadas ao desgaste físico, dificultam muito as horas de lazer. Mas não as exclui, pelo contrário, são acontecimentos importantes para a experiência migratória de cada uma.

Acompanhei alguns desses momentos e não por acaso estavam sempre relacionados com actividades voltadas para um público brasileiro, como foi o caso das vezes que fui às discotecas e bares no Bairro Alto acompanhada de duas de minhas interlocutoras. As casas escolhidas eram preferencialmente as especializadas em música brasileira. No local o sotaque que predominava era o brasileiro, desde os músicos aos empregados de mesa e, é claro, os clientes.

A data e o horário destes acontecimentos foram sempre intercalados com o horário de trabalho. Marcávamos à 1h da manhã, pois neste horário a minha interlocutora e seus colegas de trabalho já tinham terminado seus afazeres. Todos eles trabalhavam até às 24h e dedicavam um ou dois dias da semana para esse tipo de actividade de lazer. O grupo sempre era limitado ou determinado pelo círculo de amizades de trabalho.

Outros momentos que tive oportunidade de acompanhar foram os passeios com Tatiane. Eram momentos sempre muito animados, mas com grupo limitado de participantes, todos eles de nacionalidade brasileira. Um acontecimento marcante foi o dia em que fomos às festas do dia 12 de Junho, véspera de feriado de Santo António. Foi uma das poucas vezes que vi estes brasileiros participarem de eventos de carácter mais local, aproveitando um acontecimento bem característico da cidade de Lisboa. O passeio pelas ruas tradicionais de Alfama indirectamente mostrava o desejo de pertencer, mesmo que num evento, à cidade.

Também acompanhei o *Orkontro* em Lisboa. Este evento, que assim se denomina por serem organizados por membros do site de relacionamentos Orkut, foi

---

<sup>52</sup> Esse dia foi particularmente enriquecedor em termos de pesquisa etnográfica, mas muito cansativo em termos físicos. Nós, como todos que estavam ali, passámos quase o dia todo para resolver os problemas que ainda ficaram com algumas pendências.

marcado para que os participantes da *Comunidade Brasileiros em Portugal* pudessem manter um vínculo para além do *virtual*. O dia e local foi marcado de forma que a grande maioria pudesse participar, tendo-se o cuidado de escolher um ambiente tipicamente brasileiro. Neste caso, o sítio escolhido foi um restaurante de comida brasileira. Participaram em torno de 30 pessoas, entre elas algumas de minhas interlocutoras, como mostram as fotografias abaixo:



Foto tirada por Gleiciani Fernandes em 31/05/08



Foto tirada por Wagner em 31/05/08

Mesmo nos momentos de lazer, o trabalho tem força determinante. A escolha do local, o horário e as pessoas que participarão são escolhidos de acordo com as limitações que o emprego impõe. Mesmo no *orkontro*, que abrange um número maior de pessoas e que pôde assumir um carácter mais abrangente por ser um encontro marcado a partir da internet, as relações interpessoais são limitadas e determinadas por regras muito bem estabelecidas e que o ambiente do trabalho tem certo poder sobre ele.

Alguns momentos de lazer, como pude verificar, são acontecimentos “eticizados”. A escolha dos locais e a participação de membros brasileiros são determinantes para pensarmos como o ambiente de relações baseia-se numa identificação de grupo. O meu campo revelou que isso se deve a vários factores. Um deles tem a ver com o facto de que como elas trabalham grande número de horas por semana, o relacionamento com outros grupos, que não seja do trabalho, torna-se limitado. Outro factor deve-se à própria escolha dos locais de lazer que são geralmente escolhidos através da identificação que os membros possuem com o ambiente em si. Tenta-se, preferencialmente, participar de eventos que já frequentavam no Brasil ou que de alguma forma apresente semelhanças.

A inserção de membros de outras nacionalidades nestes acontecimentos é feita através de regras estabelecidas de forma a regular quem deve ou não entrar para o grupo. Observei em campo que nos momentos em que havia integração com pessoas não brasileiras, estes davam-se por factores como: serem colegas de trabalho, e por isso mantinham uma relação próxima e de confiança, ou alguém com quem se mantém um relacionamento afectivo ou ainda alguém que foi devidamente aceito pelo grupo por mostrar-se de alguma forma identificado com e pelo Brasil. A ideia de que “*pessoa X*” parece brasileiro, pois é muito simpático, é muito presente e determinante para o estabelecimento de relações e aceitação de um “não-brasileiro” no grupo.

Beatriz Padilla (2005) afirma que o grupo de brasileiros por ela estudados diziam manter relações de amizade e interacção com pessoas de outras nacionalidades. Predominava o contacto com portugueses e em menor proporção com cidadãos oriundos de países africanos. O meu campo revelou, porém, que estes contactos são limitados e só abertos para aqueles que possuem esta identificação com o Brasil. As regras impostas para acesso dos “outros” são rígidas e dependentes da maneira como cada um liga com uma “identidade colectiva” relacionada com o Brasil. O grupo aceita aqueles que se mostram simpáticos e alegres, características estas que são geralmente atribuídas como estereótipo ao povo brasileiro.



### 3.11. As amizades

Falar sobre as relações de amizades das brasileiras que pesquisei é uma tarefa bastante complexa. Primeiro, porque, como já foi assinalado, a vida de mulheres que trabalham no *mercado da simpatia* é marcada por dedicação quase exclusiva ao trabalho. Tanto na minha experiência de trabalho em restaurantes e lojas, como na de minhas interlocutoras, manter um grupo activo de amigos é complicado. Segundo, porque há certos aspectos sobre a imagem que se auto-constrói sobre o próprio grupo que determinam quem pode ou não pertencer ao meu círculo de amigos.

Para alguém que trabalha muito mais do que as 8h diárias permitidas por lei sobra-lhe pouco tempo para cultivar amizades. Momentos importantes de aproximação e estreitamento de vínculos são quebrados por conta das jornadas de trabalho excessivas. Os amigos vão sendo limitados ao ambiente de trabalho ou ao ambiente doméstico. No emprego as regras para o estabelecimento de amizades vão depender de muitos factores, mas o carácter de identificação nacional é um aspecto relevante. As minhas entrevistadas, em sua grande maioria, trabalhavam em lojas ou restaurantes em que os funcionários eram quase todos brasileiros. Já para as que cuidavam de idosos essa realidade é um pouco diferente por conta do isolamento que o trabalho lhes impõe.<sup>53</sup> O comum é todas elas não terem um amplo leque de amizades.

Podemos atribuir isso a outros factores importantes. Um deles é ao já referido medo da denúncia. Para quem ainda não possui a autorização de residência, o estranho pode parecer uma ameaça. Não se pode confiar em alguém que não faz parte da sua rede de contacto, pois corre-se o risco de ser denunciado. Deseja-se certa invisibilidade e as amizades pouco seleccionadas podem comprometer este empreendimento.

Outro factor, e não menos relevante, parte do pressuposto muito comum entre os brasileiros de que “no exterior, brasileiro derruba brasileiro”. Da mesma forma que o medo da denúncia assemelha-se a feitiçaria, por acreditar-se no *mal invisível*, (Ribeiro, 1998) existe entre os brasileiros uma ideia que os brasileiros querem prejudicar outros brasileiros em nome de seu próprio bem-estar. É muito comum ouvir histórias de alguém que ouviu dizer que outro brasileiro quis prejudicá-lo, ou alguém que viu algum

---

<sup>53</sup> Tanto Marta, como Érica e como as outras brasileiras com que conversei informalmente falavam da solidão em que viviam. As que eram internas conviviam basicamente com o idoso - que nem sempre estava lúcido - e com os parentes mais próximos dele. Érica, por exemplo, dizia-me sempre que trabalhava 24h e que sua convivência era quase inteiramente com a idosa e seus familiares, mostrando aí um numero limitado de relações de amizade.

compatriota querer o mal de outro(s) ou ainda alguém que foi supostamente prejudicado por um “brasuca”. Norbert Elias (2000) talvez preferia pensar em indivíduos que não possuem coesão ou identificação de grupo passarem a interiorizar os estigmas que são utilizados pelo grupo *estabelecido*<sup>54</sup> na consolidação do poder. O que se pode verificar, porém, é que existe no senso comum a ideia de que não se deve confiar em todo brasileiro e por isso deve-se evitar ajudar ou manter maiores intimidades com esses indivíduos.

O desejo de afastamento daquelas que podem de maneira inapropriada reforçar as imagens representativas sobre o Brasil também aparece como regulador dessas amizades<sup>55</sup>. Para algumas, não é bom ser amiga de quem, em locais e horas erradas, se aproxima da imagem da brasileira simpática e sensual. Os amigos devem ser aqueles que estão mais ou menos de acordo com as regras impostas pelo próprio grupo.

---

<sup>54</sup> No livro “Estabelecidos e Outsiders”, Norbert Elias e John Scotson (2000) investigaram as relações de prestígio e poder existentes em um bairro denominado por eles de Wiston Parva e que ficava localizado na cidade inglesa de Leicester. Nesta pesquisa os autores desenvolveram um modelo para pensar as relações sociais, bem como, a construção de identidades sociais no interior de uma comunidade, tentando perceber, através da relação entre os estabelecidos (grupo de moradores antigos) e os recém-chegados, como se davam as relações de poder no cotidiano das pessoas. Portanto, a pesquisa tratou de analisar processos de identificação a partir da relação entre grupos.

<sup>55</sup> Sobre este assunto ver capítulos a seguir.

## Capítulo 04

# Imagens e Reflexos

### 4.1 “Exotização” do povo brasileiro:

Como anteriormente foi mencionado, uma das características mais marcantes da segunda vaga de imigração brasileira para Portugal é a inserção em actividades profissionais que exigem baixa qualificação. Sabe-se que grande parte desempenha tarefas que não exigem formação académica ou grau mais elevado de especialização. O antropólogo Igor Machado (2003), na sua pesquisa realizada com imigrantes brasileiros na cidade do Porto, propôs que um número significativo desta população está directamente ligada à actividades vinculadas ao que ele chama de *mercado da alegria*, ou seja, trabalham em empregos que envolvem a animação (como músicos e dançarinos) e o atendimento ao público (empregados de mesa e balcão). Neste sentido, o autor afirma: “os empregadores portugueses pressupõem que, de alguma forma, os brasileiros são mais adequados para qualquer profissão que exija o trato com clientes, por conta da simpatia, cordialidade e alegria que esperam de qualquer brasileiro”. Ainda segundo o autor, “toda imagem sobre o Brasil, seja por parte de brasileiros ou de Portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz”. A “simpatia” brasileira torna-se uma necessidade no mercado português e, por isso, muitos imigrantes assumem essa imagem como condição para ser inserido no mercado de trabalho, passando a “exercer profissionalmente essa simpatia”, *locados* em actividades que exigem contacto com o público.

Nesta pesquisa, como já foi referido, direcionei o “*olhar investigativo*” para as mulheres imigrantes que desempenham este tipo de actividades. Porém, prefere-se adoptar a conceptualização teórica *mercado da simpatia*, pois acrescento a este perfil profissional as empregadas que cuidam de idosos e crianças. Portanto, a categoria *mercado da simpatia* tenta dar conta dessa camada profissional que também pressupõe uso de cordialidade e simpatia, mas não necessariamente a alegria. Por questões metodológicas, as interlocutoras escolhidas para este trabalho são imigrantes que

trabalham basicamente como empregadas de mesa e balcão, empregadas de cafés e as prestadoras de serviços a idosos.

Segundo Padilla (2007), os brasileiros em Portugal desfrutam duma etnicidade própria e por este motivo há na sociedade portuguesa a ideia de que os brasileiros são simpáticos, como se a simpatia fosse uma qualidade inerente e quase genética. Desta forma, a simpatia e a afinidade linguística facilitariam a inserção do brasileiro em actividades no *mercado da simpatia*. Porém, Machado (2007: 173) chama-nos a atenção para o que ele denomina de processo de exotização. Em suas palavras:

“Estes processos são fenómenos sociais de efectivação dos estereótipos – têm relação íntima com a sua produção – mas vão além da mera constatação da sua existência. Esses processos referem-se não apenas à imposição de imagens estereotipadas a determinadas populações, o que poderíamos chamar de «orientalismos», mas também à forma como determinadas imagens sobre o outro são construídas e passam a ter autonomia simbólica, num processo de «encarceramento simbólico» dos nativos”.

Assim sendo, os brasileiros não seriam apenas meros receptores dessas imagens essencializadas e construídas à sua revelia, seriam sim agentes activos e também protagonistas no reforço sistemático desses estereótipos. Esta população submete-se a estas representações para ter sucesso em sua inserção no mercado de trabalho, mas também lhes dá novas “roupagens”, criando e recriando suas próprias imagens. O autor indica que “a forma como os brasileiros, na cidade do Porto, organizam sua «vida colectiva» permite entender como eles progressivamente vão se tornando «exóticos», no sentido determinado por um universo simbólico português abarrotado de imagens sobre os brasileiros” (*Idem*, 2007:173).

Observou-se que, no caso das mulheres brasileiras residentes na Região Metropolitana de Lisboa, estas imagens representativas sobre o brasileiro, e particularmente, sobre a mulher brasileira têm papel decisivo em suas relações tanto profissionais, como pessoais e até mesmo afectivas. Segundo Malheiros (2007: 35), “as mulheres brasileiras parecem ter-se tornado as principais vítimas dos estereótipos da sociedade portuguesa, que tende a «exotizar» a imagem do(a) brasileiro(a), sendo frequentemente vistas como «exóticas e fáceis», quando não, associadas à prostituição”. Estas imagens representativas sobre as brasileiras têm um papel decisivo na sua relação com o “Outro” e também como percebem o “Nós”. Na passagem a seguir, retirada de um dos fóruns do Orkut, pode-se verificar que imagens representativas têm consequências directas e indirectas no dia-a-dia dessas mulheres. A proposta do fórum era falar sobre os preconceitos, então Joana inicia o seu relato:

*“Olha me aconteceu uma agora, que sinceramente fiquei de cara, entra um casal na loja, deve ter aí 50 anos, e quando vêm que sou brasileira lá vem a conversa de sempre: És brasileira? Porque saiu do Brasil um país tão grande para vir para um país tão pequeno? Mora aonde aqui? Tive que responder ao inquérito e ainda ouvir a esposa a dizer que Portugal só ta tendo gente que não presta, Cabo-Verdianos, ucranianos, brasileiros, brasileiras só na prostituição, tive que lhe dizer: calma lá, sou brasileira e não sou prostituta! Não é só as brasileiras que são prostitutas. Ela me disse que eu se for para outros países da Europa não vou ver portuguesas se prostituírem, e que não sei aonde aqui em Portugal mandaram vir brasileiros para cá, se fosse ela não aceitava uma coisa dessa, onde já se viu Portugal aceitar isso, aí tive que lhe dizer: Se todos pensarem assim, como ia ser a vida dos Portugueses que vivem fora de Portugal. Olha, tive que virar as costas porque senão eu ia brigar feio, e estava dizendo que no Brasil só marginal a matar as pessoas, tive mesmo que virar as costas. Sei que no Brasil tem muita coisa que não presta, a violência está demais, mas que prazer tem uma pessoa dessa a falar isso para mim, será que não vê que nós sofremos com isso, será que acham que só no Brasil tem prostituição e violência?”*

(Joana, 06/01/08)

Uma outra participante responde directamente a Joana:

*“Oi Joana! Você tem toda razão...estou há tantos anos aqui e ainda sofro alguma discriminação...os homens acham que somos artigo de feira...sabes como é, aquela imagem que somos demais...boas de cama....as mulheres nos odeiam...porque acham que toda brasileira é prostituta....(pura inveja)....e quando vêm que somos decentes e que estamos aqui para trabalhar na boa... na honestidade.... sem estar na prostituição....acabam por nos pegar com outras coisas...como a bandidagem no nosso país...ou a violência... pobreza ...e quando eles vêm e insinua que passamos fome no Brasil.. É... tens que dizer...ok... É mau, mas arroz e feijão sempre tem! Mas sabes o que mais minha linda....isso tudo é inveja porque falem o que falarem...Nós somos o melhor povo do mundo... Não existe povo tão alegre....tão amigo..... enquanto que aqui eles se preocupam com as aparências....nós com uma linguicinha na brasa.....uma cervejinha....e um bom pagode...fazemos a maior festa.....e isso ninguém tira do nosso povo!”*

(Bel, 16/01/08)

Estas duas passagens são interessantes para ilustrar o que acompanhei durante todo o meu trabalho de campo. Mostram que as brasileiras lidam com as imagens representativas sobre a mulher de forma plural. Elas podem aperceber-se aprisionadas (Machado, 2007) pois, “para a mulher comum, esta imagem de prostituta tem consequências directas e indirectas, no dia-a-dia...” (Padilla, 2007) e traz uma grande carga emocional que interfere directamente na sua relação com a sociedade portuguesa e com os outros brasileiros. Ou podem também usar das imagens representativas como afirmação de uma identidade própria do brasileiro e dela em si. Quando Bel diz: “Mas sabes o que mais minha linda....isso tudo é inveja porque falem o que falarem...Nós somos o melhor povo do mundo... Não existe povo tão alegre....tão amigo”, ela está a reforçar que a imagem do brasileiro alegre e simpático é uma distinção, ou seja, ela, através do estereótipo, se reafirma como pessoa e como pertencente a um grupo.

Todas elas parecem perceber que esta imagem da “brasileira simpática” é um factor que facilita a sua inserção em algumas actividades profissionais. Érica disse-me em entrevista informal em Dezembro de 2007: “se fosse outra, uma portuguesa, por exemplo, não a trataria como eu a trato. Ela se apegou a mim, porque eu cuido dela. Nunca aproveito minha folga toda, porque tenho pena dela ficar sozinha”. Neste discurso verifica-se como ela percebe a si mesma, a partir da sua diferença enquanto profissional brasileira em oposição a trabalhadora portuguesa; e por outro lado, como ela atribui sua permanência no emprego, em função de seu diferencial: a simpatia e à dedicação à patroa.

Portanto, essas representações sobre o brasileiro têm um importante papel na experiência quotidiana do imigrante, não só em contexto laboral, mas principalmente como o próprio brasileiro se vê a si mesmo e percebe-se diante do outro. Machado (2007) fala que o imigrante necessita fazer uma constante avaliação da sua *centralidade* em relação aos demais imigrantes, ou seja, existe uma certa disputa para estabelecerem diferenciações entre si e para chegar à questão de quem é mais ou menos brasileiro. Ele usa o conceito de “*jogo da centralidade*” para caracterizar o que acontece com os imigrantes na cidade do Porto no contexto do mercado de trabalho. Para o autor, a “questão é quem é mais ou menos brasileiro, ou seja, quem exacerba mais sua “brasilidade”, de acordo com os estereótipos vigentes em Portugal sobre o Brasil e os brasileiros.” (p. 174). O que há é “uma constante avaliação, por cada imigrante, da sua própria centralidade em relação aos demais imigrantes.” (p. 174). Desta forma, a imagem central é precisamente a representação *exotizada* de uma identidade brasileira mais alegre, simpática e sensual.

#### **4.2 As mulheres brasileiras trabalhadoras do *mercado da simpatia* e sua relação com as imagens representativas**

A ideia de *jogo da centralidade* proposta por Igor Machado (2007) não é completamente válida para as mulheres brasileiras residentes na Região Metropolitana de Lisboa e que trabalham no *mercado da simpatia*. No caso das mulheres com quem trabalhei, esta atribuição identitária não é inteiramente aplicável. O que percebi foi que esta *centralidade* aspirada pelos imigrantes no Porto referidas pelo autor, nem sempre é desejada pelas mulheres que investiguei. Se é possível aplicar uma metáfora, a minha proposta é que pensemos num *jogo de espelhos* semelhante à proposta de Caiuby Novaes (1997) com relação aos Bororo do Brasil Central, referida por Lepri (2005: 450)

quando diz que “segundo essa autora [Caiuby Novaes], a auto-imagem é determinada pelo modo segundo o qual um grupo ou indivíduo percebe a si mesmo como objecto da percepção de um outro. O caso dos Esse Ejja [pesquisados por Lepri] dá apoio à ideia de que a auto-imagem é múltipla, relacional e mutável tanto do ponto de vista do observador quanto do indígena”. Desta forma, fui percebendo ao longo da investigação que as minhas interlocutoras ora tinham interesse em se aproximar dessa “brasilidade”, ora queriam distanciar-se dessa imagem. E esta relação dúbia com as imagens dos brasileiros eram determinadas pela forma como percebiam suas experiências quotidianas em relação às demais brasileiras e/ou à sociedade portuguesa. Ou seja, as entrevistadas ora reflectiam, ora eram reflexo dessas imagens estereotipadas, construindo-se assim a sua identidade a partir de *jogos de espelhos*. A relação aqui pode ser entendida não como negação dessa “identidade colectiva” que é atribuída aos brasileiros, mas sim, como um jogo, onde se pode desejar está tanto perto como longe.

Fredrik Barth (1969) defende que as identidades não são fixas e mudam no decorrer do tempo, construindo-se através da interacção com o grupo. Para este autor o sentimento de identidade é necessariamente construído como resposta à experiência adquirida ao longo de sua vida através do seu contacto com o mundo. No exemplo que utiliza sobre um jovem paquistanês (Barth, 2003) que emigra para sociedade norueguesa, ele afirma que o jovem lutará contra os crescentes estereótipos da sociedade acolhedora em relação aos paquistaneses “com as quais lida de forma pessoal, sendo confrontado com inúmeras escolhas nas suas relações com a comunidade paquistanesa, cada vez maior e dividida por atitudes e facções.” Ou seja, “o posicionamento do jovem e o seu fundo de cultura – de conhecimento, competências e valores – são específicos e produto da sua experiência, encontrando-se em transformação, enquanto a sua identidade étnica, conforme manifestada dentro e fora da fronteira, evolui constantemente”. (*Idem*, 2003:23/24). Este caso citado é uma forma de apresentar que as fronteiras (*boundaries*) entre determinados grupos étnicos são marcadas por (re)construções de identidades plurais.

Através de alguns exemplos etnográficos que recolhi durante a investigação, proponho que a maneira como as mulheres brasileiras pesquisadas percebem suas experiências quotidianas e (re) constroem suas identidades também são plurais e não se restringem somente a um desejo de aproximação à *centralidade*. Estes actores sociais possuem múltiplas identidades, e por tanto, indivíduos com uma pluralidade identitária (Hall, 1997). As suas relações se constituem para além da visão unilateral e hegemónica

do “nós/outros”, são sim estabelecidas em função do “nós” que as diferenciam “deles/delas” (Barth, 2003). O que quero dizer é que, as relações em *jogos de espelhos* se baseiam em pluralidades que estão em constante transformações, que tanto podem ser de desejo de afastamento da “brasilidade” como de aproximação, dependendo basicamente das imagens que lhe são reflectidas ou que são reflexos a partir da sua relação com as outras brasileiras ou com a sociedade portuguesa. O meu campo revelou que quando a mulher brasileira pode, se assim lhe for pertinente, aproxima-se dessa *centralidade* ou “desempenhar” uma “brasilidade”. Neste sentido, Goffman (1993:49) sugere que

“O desempenho de uma prática de rotina apresenta, por meio da fachada, certas pretensões bastante abstractas quanto à audiência, pretensões que provavelmente serão expostas ao longo do desempenho de outras práticas de rotina. Trata-se de um dos modos através dos quais um desempenho é socializado, moldado e modificado de maneira a adaptar-se à interpretação e expectativas da sociedade em que se apresenta.(...) a tendência dos actores sociais para proporcionarem aos seus espectadores uma impressão a diversos títulos idealizada” .

Podem, a exemplo do pesquisados por Machado (2007), desejar *abrasileirar-se* como estratégia para inserção no mercado de trabalho ou uma conquista redes sociais ou ainda delimitação das relações de amizades. Assim sendo, monta-se estratégias de reforço sistemático dos estereótipos, exaltando-se a simpatia de modo a mostrar-se como “autêntica brasileira”. (Machado, 2007). Mas podem querer distanciamento dessas imagens que lhe associam a simpatia e sensualidade, encontrando estratégias para não serem identificadas como prostitutas.

### **4.3 Estratégias no jogo dos espelhos**

#### **4.3.1 Corpo como expressão**

Pina Cabral (1996: 204) assinala que “o *self* não é uma identidade sociocultural, mas sim um campo de identidades cruzadas, onde entram em jogo várias identidades socioculturais.” É neste sentido que proponho pensarmos o caso das mulheres brasileiras residentes em Lisboa, tendo em vista que “o processo de criação da pessoa social está inextrincavelmente relacionado com a sucessão de identificações com o outro” (Pina-Cabral, 1996: 205) e que “o processo de identificação está marcado por uma dinâmica associada à sua complexidade. Por um lado, a pessoa identifica-se com outrem, e, por outro lado, reconhece que existem características que a distingue desse outro.” (Cabral, 1996: 205)



Neste sentido, o argumento de Richard Jenkins (1996) baseia-se na ideia de que a compreensão do *self* conjuga-se na prática simultânea de uma auto-definição interna e a definição de si oferecidos por outras pessoas. Ou seja, uma *identificação dialéctica interno-externo* como um processo pelo qual todas as identidades individuais e colectivas são construídas. Em suas palavras, “não só nós nos identificámos – naturalmente – como também identificamos aos outros e somos identificados por eles, na dialéctica interno-externo entre auto-imagem e imagem pública. (*Idem*, 1996: 22)<sup>56</sup>. Desta forma “identidades individuais e colectivas são sistematicamente produzidas, reproduzidas e implicada uns nos outros.” (*Idem*, 1996:25)<sup>57</sup>

A partir dessa dinâmica de associação complexa, baseada na sua identificação com o outro e ao mesmo tempo no reconhecimento de suas singularidades é que penso o *jogo de espelhos*. Para mim, a mulher brasileira passa por um processo de reflexão e refração de imagens, ou seja, ela tanto recebe imagens que lhe são oferecidas no meio em que ela vive, como ela consegue reflectir e desviar estas imagens de acordo com a sua experiência quotidiana.

Neste jogo de imagens reflectidas e refractadas o corpo e a suas expressões assumem grande importância. Sobre o corpo e a expressão Viegas (1996) mostra que segundo as ideias propostas pela hermenêutica de Dilthey (1986) “o corpo faz parte do processo de relação do sujeito com o mundo que o rodeia: o corpo faz sentido por intermédio de expressões” (Viegas, 1996: 155), assim, “o corpo é expressão de sentidos, como tantos outros elementos do mundo”, já que as expressões “abrange uma grande amplitude de fenómenos desde manifestações corporais como o sorriso, a objectos matérias e textuais como um panfleto.” (Viegas, 1996: 155). Para além das críticas feitas a postura hermenêutica que fazem ultrapassar essa abordagem do corpo como expressão (Csordas, 1984 e 1994; Douglas, 1995; Toren, 1993), a autora sugere pensarmos nas intersubjectividades (Turner, 1985) como *experiências vividas*, voltando assim a base da teoria de Dilthey (1986). Para ela: “segundo esta perspectiva de que a realidade que nos é dada de modo imediato é a experiência vivida e que esta resulta de acções volitivas, cognitivas e afectivas que decorrem no contexto de processos

---

<sup>56</sup> Tradução da pesquisadora: “Not only do we identify ourselves, of course, but we also identify others and are identified by them in turn, in the internal-external dialectic between self-image and public image.” (p.22)

<sup>57</sup> Tradução da pesquisadora: “(...) individual and collective identities are systematically produced, reproduced and implicated in each other” (p.25)

intersubjectivos, não está excluída a possibilidade de o corpo ser, em si, uma experiência.”

É nesta perspectiva que pensamos a relação corpo, expressão e experiência vivida como fundamentais para se falar da experiência quotidiana de mulheres imigrantes brasileira. Uma das práticas que pude observar durante a pesquisa de terreno foi como o corpo pode revela-se “agente de informações” e como estas podem se transformar em expressões do *jogo de espelhos*. Há por parte das minhas interlocutoras um certo controlo sobre o corpo e o que pode ou não ser expressado por ele. Este controlo pode expressar-se ora como distanciamento, ora como aproximação a *brasilidade*. Mas a relação com o corpo também pode ser um prenúncio do *self* como campo de identidades cruzadas.

#### 4.3.2 A Brasileira e o corpo

Observei ao longo de minha pesquisa que as brasileiras do *mercado da simpatia* mantinham uma maneira muito especial de lidar com o corpo. Cheguei muitas vezes a questionar-me se essa valorização do corpo não seria uma resposta às imagens representativas sobre a mulher brasileira que enfatizam a simpatia e sensualidade, e que pode levar a uma aproximação ao estereótipo da prostituta, onde estes “estereótipos não são preconceitos ou julgamentos prévios individuais, mas reflectem crenças culturalmente partilhadas sobre outros grupos” (Leoussi, 2001:218)<sup>58</sup>. E por isso, ao se sentirem estigmatizadas enquanto indivíduo pertencente a um grupo elas adoptassem uma postura mais efusiva diante daquilo que as pode identificar enquanto brasileira. E neste sentido pode-se entender aqui como uma “compreensão inconsciente” de que a “sua auto-imagem individual contém uma imagem da sua nação” (Elias, 1996: 353)<sup>59</sup>

Existe entre as minhas interlocutoras uma “postura brasileira” de se estar no mundo. Esta “postura brasileira” realça a ideia de que “é uma das características mais elementares dos seres humanos não possuírem somente uma imagem de si mesmos como pessoas individuais que podem dizer “eu” mas também uma imagem de si mesmos como membros de grupos em relação aos quais podem dizer “nós”. (Elias, 1997:316). Desta forma, a brasileira pode expressar no seu andar, na sua fala, na sua

---

<sup>58</sup> Tradução da pesquisadora: “Stereotypes are not individual prejudgments or prejudices, but they reflect culturally shared beliefs about out-groups. (Leoussi, 2001:218)

<sup>59</sup> Tradução da pesquisadora: “(...) their individual self-image contains an image of their nation” (Elias, 1996: 353).

roupa ou no seu jeito de estar, toda a sua relação com o Brasil, com Portugal e a sociedade portuguesa e com os outros brasileiros.

Muitas das vezes fiz o exercício de tentar encontrar nas pessoas da rua essa identificação através do que eu ouvia minhas interlocutoras falarem e do que eu mesmo percebo de como é *uma mulher brasileira*. Tentava identifica-las através do seu andar, da roupa, da maneira de estar. Quando encontrava alguém que se encaixava neste perfil procura ouvir a sua voz e assim comprovar ou não se era brasileira, valendo-me da proposta de que “imagens de grupos «nós», como a nação, pertencem à auto-imagem de indivíduos e que, ao mesmo tempo, a estrutura da personalidade de qualquer indivíduo representa uma das inúmeras variações sobre um padrão nacional comum” (Elias, 1997:316). Esse exercício foi interessante num contexto onde não é tão fácil identificar o brasileiro em função de um fenótipo próprio, tendo em vista a diversidade existente no Brasil. A menos que o observador tenha “sentido de jogo” (Bourdieu, 2004b).

Por isso, é importante percebermos como as imagens representativas da mulher brasileira podem interferir na sua relação com “nós” e com os “outros/eles (as)”. Estas representações geralmente estão associadas às expressões do corpo, onde a sensualidade e a alegria podem ser identificadas através dos gestos e indumentárias do corpo.

#### **4.3.3 A roupa como expressão de uma identidade e aproximação à *centralidade***

Observei que algumas de minhas interlocutoras tinham uma relação muito interessante com a roupa. O vestuário tanto pode significar a recuperação de uma identidade através da estabilidade que sua materialidade oferece, como pode ser uma fonte reguladora de si própria e de outras brasileiras e esses elementos juntos podem caracterizar a construção do *self* a partir de *identidades cruzadas*.

É importante assinalar que para muitas das mulheres brasileiras com quem convivi a roupa possui um significado especial. Para muitas delas pode ter vários significados, desde a memória até uma postura a ser seguida. Diziam-me sempre da diferença do vestuário brasileiro para o encontrado em Portugal.

Como salienta Parkin (1999), há alguns estudos a documentar que as pessoas que se deslocam da sua terra transportam consigo não só aquilo que precisam para a subsistência como também procuram carregar artigos com valor sentimental “(...) no qual ambos inscrevem e são inscritos pelas própria memória do *self* e da personalidade.”

(*Idem*, 1999: 304)<sup>60</sup>. É neste sentido que se observa a importância de alguns objectos materiais para as imigrantes brasileiras em terras estrangeiras. Objectos que de imediato podem parecer meros artigos de uso diário, mas que para as imigrantes entrevistadas são permeados de valores para além do económico e que contribuem para “manutenção da identidade e auto-noção de pessoa” (Sarró, 2005).

O meu interesse sobre a importância de objectos pessoais para as imigrantes brasileiras surgiu a partir de uma entrevista em que uma catarinense falava da roupa como uma lembrança do Brasil. Desde este momento passei a observar com mais atenção a relação das minhas amigas brasileiras e das outras entrevistadas com as roupas. O carinho com que falavam de suas roupas e o valor dado a peças do vestuário foram essenciais para que eu os compreendesse para além de meros utensílios e assim, reflectir sobre questões como identidade, noção de pessoa e identidade nacional.

É comum ouvi-las falar da dificuldade em comprar calças em Portugal e por isso o apreço que têm às roupas trazidas do Brasil. Para mim, como para Sónia Sílvia (1999: 41) “os objectos materiais, da mesma forma que as pessoas, acumulam biografias culturais”. Portanto, estes objectos assumem carácter para além de serem mercadoria de consumo. O apreço revela uma identificação com o passado à semelhança das cestas dos refugiados angolanos e suas práticas de adivinhação que são modo de saber, modo de fazer, modo de trabalho-labor e modo de recordar (Sílvia 1999). Deste modo, os objectos brasileiros são uma espécie de modo de vestir, modo de identificar e modo de recordar.

Ao longo do período de estadia fora do seu país, os objectos assumem também um carácter de afirmação da identidade e *auto-noção* de pessoa. Em contexto em que são obrigados a partilhar casa, comida e intimidade com outros imigrantes, as roupas são talvez os únicos objectos não partilhados e portanto, a única coisa que faz manter sua particularidade, sua própria noção de “eu”.

Mas o vestuário não tem apenas essa característica de reafirmação de identidade individual, ela também pode expressar uma maneira como as brasileiras (re)constroem identidades colectivas, o que tem a ver com a sua identificação com o Brasil e com os outros brasileiros. Ao me falarem da roupa brasileira como mais bonita e que melhor se adequa ao corpo elas reforçam a sua distinção diante dos outros e sua identificação com

---

<sup>60</sup> Tradução da pesquisadora: “which both inscribe and are inscribed by their own memories of self and personhood” (Parkin, 1999:304)

o seu país de origem. E deste modo desejam a aproximação à *centralidade*. A roupa pode identifica-las como brasileiras e fazê-las aproximar-se de um ideal de brasilidade.

#### **4.3.4 As performances e a aproximação à centralidade**

Da mesma forma que a roupa também pode distinguir uma brasileira, os gestos também o fazem. E estes podem ser importantíssimos para aquelas que trabalham no *mercado da simpatia*. Neste sentido, o sorriso e a expressão alegre podem ser uma distinção e tidos como uma qualidade positiva do brasileiro e em especial das mulheres brasileiras. O sorriso para a brasileira assume papel parecido com o que nos foi apresentado por Hochschild (2003) no seu estudo sobre as hospedeiras, em que para estes actores sociais a simpatia e a expressão do rosto através do sorriso são parte do seu trabalho e portanto exige-se uma coordenação do *self* e do *feeling* de modo a que o trabalho possa parecer fácil (cf. Hochschild, 2003: 08).

Neste caso, o corpo assume-se como instrumento de um desempenho expressivo ou exercício de auto-controlo, pois “quando o indivíduo se apresenta perante os outros, o seu desempenho tenderá a integrar e a ilustrar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (Goffman, 1993: 49/50), fazendo com que ele sinta a necessidade de transmitir o que melhor se espera dele. No caso das brasileiras, espera-se delas simpatia, e elas por sua vez comunicam, através do sorriso, a imagem que delas é esperada. E, assim, aproximam-se das imagens representativas sobre o povo brasileiro.

#### **4.3.5 O controle sobre o corpo para um distanciamento da *centralidade* (a fala, os gestos, a roupa)**

Mas a mulher brasileira também pode desejar o distanciamento da *brasilidade* dando outros reflexos ao *jogo de espelhos*. Esse desejo aparece quando na sua experiência quotidiana não lhe convém ser associada a imagem corrente sobre as brasileiras. Esta relação tem muito a ver com o modo como elas se percebem a si mesmas, à sociedade portuguesa e às suas conterrâneas.

Para exemplificar o que estou a trabalhar, posso citar dois acontecimentos interessantes que percebi no campo. O primeiro foi uma constante em todo o meu percurso, e consiste em que algumas de minhas interlocutoras mudavam a forma de falar de acordo com as situações que iam aparecendo no quotidiano. Não era apenas

uma adaptação às expressões portuguesas, o que acontecia era a tentativa de falar o mais parecido possível com o modo particular de falar do povo português. Isso é bem interessante porque ora eu as ouvia falar com “sotaque brasileiro”, ora as ouvia falar de forma aproximada ao “sotaque português”, e isso dependia do ambiente em que estavam e quais eram os nossos interlocutores. Durante algumas vezes presenciei tanto Fernanda como Marta, por exemplo, mudarem a forma de falar. Geralmente, quando estávamos em ambiente público essa similaridade com o sotaque português aparecia com mais força, mas isso dependia dos interlocutores, do assunto e de quem estivesse nas proximidades. Às vezes até poderia ser um brasileiro ou português, ou qualquer cidadão que estivesse ao nosso lado, mas dependendo do contexto e do que elas queriam expressar, usavam o sotaque português, ou o mais parecido com o do Brasil.

Outro acontecimento deu-se em uma vez em que encontrei Tatiane e mais duas amigas brasileiras. Elas iam para um almoço de confraternização entre amigos. Estávamos todas no metro, quando ouvimos um rapaz brasileiro a falar no telemóvel. Ele falava alto e usava expressões bem brasileiras e algumas vezes palavras de baixo calão mais comumente usadas no Brasil. Durante o percurso todas as três criticavam a maneira de falar e de estar do rapaz. Diziam: “É por isso que temos má fama”, “Como fala bobagem!”, “Fala tão alto!”.

Estes dois exemplos etnográficos ilustram que também se pode desejar afastamento da *brasilidade* e que o corpo pode ser um instrumento para expressar essa vontade. Isto vai depender do contexto e de qual imagem se deseja reflectir ou refractar. Esse controlo da fala e essa regulação do outro depende da circunstância em se passa o acontecimento e de quais são os actores envolvidos.

Um outro exemplo que também pode ser aqui apresentado é o do papel da vestimenta. Ao contrário do que acontece quando se deseja a aproximação, o controle da roupa neste caso pode significar uma regulação do que se deve ou não usar em determinados momentos. É tão exigente consigo mesma como com as outras brasileiras relativamente ao controlo sobre a aparência, onde a roupa não é mais valorizada como instrumento para alguma individualização enquanto pessoa. O que acontece é que passam a anularem-se como pessoa através do controlo do que deve ou não ser usado como vestimenta. Isso me foi muito presente quando ouvia certas críticas feitas por minhas interlocutoras sobre a forma de vestir de algumas brasileiras. Isabel, por exemplo, sempre fazia críticas negativas sobre as roupas de algumas brasileiras dizendo que “algumas brasileiras realmente se vestem como prostitutas”. Várias vezes ouvi

críticas feitas por elas sobre o tamanho das saias, ou o decote da blusa de outras brasileiras, sempre justificando a crítica como “assim dão motivo para nos chamar [as brasileiras] de prostituta.”

A exemplo das reclusas estudadas por Cunha (1996), a postura também era objecto de controlo mesmo se por via da auto-inibição, sendo regulada a maneira de portar-se em determinados ambientes. Dependendo do local, uma brasileira que não se continha em mostrar a sua expressividade e seu “jeito brasileiro” de se comportar, poderia ser alvo de olhares reprovadores que inibem e “aprimoram” o “eu”.

Portanto, o controle tanto da fala, como da roupa, como da postura pode ser uma forma de desejarem distanciamento. Quando se auto-controlam e controlam outras brasileiras através do olhar de reprovação elas fazem-no como uma estratégia de distanciamento da centralidade, indicando que a mulher brasileira nem sempre pode expressar a sua *brasilidade*, que isso deve ser bem avaliado de acordo com as circunstâncias.

#### **4.4 Imagens reflectidas em *mulheres invisíveis***

Grande parte dos trabalhos que se detêm na análise das imagens representativas sobre o imigrante brasileiro, e principalmente da mulher imigrante, abordam as questões relativas ao *processo de exotização*. Reflete-se sobre a ideia de que “toda imagem sobre o Brasil, seja por parte de brasileiros ou portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz (Machado, 2007), como já foi mencionado acima. Os meios de comunicação também são veículos que participam activamente desse processo e têm papel decisivo na construção dessas imagens representativas.

“Nos telejornais portugueses os imigrantes brasileiros costumam ser referidos, fundamentalmente, em peças sobre clandestinidade, prostituição, expulsão, habitação, trabalho, crime e condições sociais. Nota-se, ainda, que a maioria destas notícias criminaliza ou vitimiza a conduta a conduta desses imigrantes em Portugal, fortalecendo interpretações de alteridade, isto é, da sua contínua percepção social enquanto Outro” (Silva Filho, 2006).

Um aspecto que ainda é pouco abordado e que cabe aqui dar certa ênfase é sobre as noções de *invisibilidade social* e o papel da mulher imigrante brasileira em Portugal. Para um melhor entendimento sobre esta conceptualização teórica convém trabalhar-se

o seu antónimo. O conceito de visibilidade, que é de interesse para este trabalho, refere-se à condição de ser efectivamente reconhecido; entende-se visibilidade como reconhecimento social, (cf. Rodrigues, 2007) ou seja, a capacidade de ser percebido como ser humano capaz de pensar, agir, tomar decisões, etc. “Parte-se da ideia de que ser *homo sapiens* é ser *homo socius* e *politicus*, havendo, logo, necessidade de ser visibilizado, reconhecido como tal”. (Rodrigues, 2007). Portanto, o termo visibilidade que é aplicado neste trabalho está relacionado com o reconhecimento social em que certos actores são visibilizados em detrimento de outros em campos sociais específicos.

Neste contexto, pode-se pensar a invisibilidade como um *não reconhecimento*. Para o antropólogo Luiz E. Soares (2005), uma das formas mais eficazes de tornar alguém invisível é lançar sobre ele ou ela um estigma que decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. O estigma dilui a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe é imposta (cf. Rodrigues, 2007). O estigmatizado é vítima de *violência simbólica* (Bourdieu, 2004) porque não corresponde aos valores e crenças de um grupo dominante. Esta violência é muitas vezes sentida, mas não é combatida, aceitando-se como algo natural, pois através do *poder simbólico* (Bourdieu, 2004) constroem-se significações que legitimam a diferença.

Neste sentido, as imigrantes brasileiras passam por um processo de *invisibilização*, na medida em que são associadas aos estereótipos de “povo alegre e sensual”. Os estigmas relacionados a essas imagens representativas encobrem a sua identidade como sujeito ou ser individual, transformando-as em um todo homogéneo. Desta forma, quando Francilene falava-me na entrevista que tinha que mostrar para todos que ela não era prostituta, isso demonstra uma tentativa de ser reconhecida através de sua individualidade e não ser invisibilizada enquanto estereótipo da brasileira. O mesmo acontece na passagem referida no capítulo anterior sobre como Joana falava sobre o que lhe aconteceu no trabalho. Quando diz “tive que lhe dizer: calma lá, sou brasileira e não sou prostituta! Não é só as brasileiras que são prostitutas”, ela está apelando para um reconhecimento como pessoa individual e por tanto, distanciando-se da *centralidade*.

Essa invisibilização torna-se ainda mais concreta pelo tipo de actividade profissional que as minhas interlocutoras exercem. As actividades no *mercado da simpatia* não exigem alta qualificação e muitas vezes são tidas como carentes de *status* social. Assim sendo, os indivíduos tornam-se cada vez menos reconhecidos e/ou valorizados.

Porém, as brasileiras pesquisadas podem criar e recriar formas de *invisibilização*. Não são apenas *invisibilizadas*, desejam por vezes não serem vistas, ou melhor, não só



recebem imagens de fora, elas também reflectem e refractam imagens. Elas também podem desejar não serem visibilizadas e assim, constroem estratégias de autoprotecção. Essa “invisibilidade desejada” torna-se concreta quando a imigrante tenta ser desvinculada ou dissociada da imagem da “mulher fácil” e sensual. Passa a desejar não ser reconhecida como brasileira, seja através das suas atitudes, seja através da maneira de vestir, de falar ou se comportar. É o que acontece, por exemplo, com Isabel, a interlocutora que por vezes criticava o comportamento de algumas brasileiras e mesmo a maneira de vestirem-se. Ela mostrava sempre o medo de ser comparada com prostituta, chegando a dizer que não se vestia como “certas brasileiras”. Este *não querer ser visto*, na concepção fisiológica do termo, não é nada mais do que a busca por reconhecimento de sua singularidade enquanto ser individual, voltando de novo ao distanciamento enquanto imagem estereotipada sobre as brasileiras.

Como foi acima referido, essas imagens estereotipadas ou “essencializadas” (Machado, 2003) também podem funcionar como agente invisibilizador, mas tanto podem vir de dentro como de fora, tanto podem ser imagens construídas pelos “outros”, sociedade portuguesa e os próprios brasileiros, como também ser construída em parte por elas, e assim caracteriza-se *identidades cruzadas* ou multifacetadas, que são reguladas de acordo com a experiência quotidiana de cada uma.

## *Considerações Finais*

Este trabalho foi um esforço para tentar perceber um pouco da experiência quotidiana de mulheres imigrantes brasileiras que vivem na Região Metropolitana de Lisboa. Escolheu-se pesquisar as que trabalham no *mercado da simpatia*, ou seja, em actividades onde há contacto com o público ou que pelo menos seja necessário o uso do que designamos habitualmente como “simpatia” para assim obterem um melhor desempenho profissional. A partir do conceito de *mercado da alegria* que serve a Machado (2003) para assinalar que uma parcela significativa dos brasileiros exercem algumas actividades que envolvem animação e atendimento ao público, como por exemplo, empregados de mesa, músicos, animadores e jogadores de futebol, propus-me a enquadrar as imigrantes que serviram de base à pesquisa para pensar no *mercado da simpatia*. As mulheres que cuidam de idosos também podem ser enquadradas na classificação de actividades em que reforçam o *processo de exotização*, já que os espaços oferecidos no mercado de trabalho português são atribuídos de acordo com os estereótipos (Machado, 2007), de que o povo brasileiro é mais simpático e alegre, e por isso, adequado para lidar com os clientes. Entretanto, o trato com idosos, bem como as outras actividades aqui referidas, não precisam necessariamente do uso da alegria, no entanto, a simpatia é uma das qualidades ressaltadas.

Através do uso do recurso metodológico da auto-etnografia, em que se valoriza a experiência individual do investigador e por isso ele assume o papel de um *pesquisador íntimo*, procurei abordar neste trabalho um pouco da prática quotidiana dessas mulheres, dando especial enfoque à sua vivência no ambiente do trabalho, onde protagoniza muito de suas relações. Munida de muitos dados etnográficos descrevi desde o processo de escolha por imigrar até aos aspectos do dia-a-dia do trabalho. Dediquei-me não só a uma observação participante, como procurei fazer uma vivência participante, compartilhando com minhas interlocutoras momentos importantes de suas experiências quotidianas.

Neste contexto, foi preciso fazer uma análise sobre o papel das migrações internacionais contextualizando historicamente o objecto da pesquisa para que o leitor pudesse perceber quem são estes actores sociais e porque são hoje tidos como a maior comunidade imigrante residente em Portugal. Tentei deslindar as motivações que levam um brasileiro a imigrar e aponte que não só as razões económicas justificam o

empreendimento, como também questões de cunho mais subjectivo como, por exemplo, o sonho de ascender socialmente ou o desejo de manter maior autonomia diante dos familiares.

No caso mais específico das mulheres, objecto fomentador das reflexões deste trabalho, as suas escolhas estão geralmente associadas àqueles a quem se deixou para trás. A família, mesmo distante, está sempre presente e de uma forma ou de outra condiciona a própria experiência quotidiana na sociedade de acolhimento, pois por ela (a família) pode-se dedicar todos os esforços para conseguir melhores condições de vida. Neste sentido, a ideia de pessoas transnacionais pode ser aqui assinalada, pois mesmo à distância, a mulher continua a assumir um papel importante no contexto familiar dos que ficaram no país de origem.

As mulheres pesquisadas vão estabelecendo estratégias ao longo de sua experiência migrante para que de alguma forma o empreendimento possa ter sucesso. O cuidado nos preparativos com a viagem, a escolha de quais objectos levar na mala, o estabelecimento de redes de contactos e a preocupação com o que o corpo comunica, fazem parte da vida daquelas que ainda no Brasil vivem essa experiência. Neste sentido, as novas formas de construir redes sociais assumem um papel de destaque, sendo hoje a internet um meio muito eficaz de contacto quando ainda se está no seu país ou já se está no país de acolhimento. *On line* conseguem-se informações, pesquisam-se trabalho e moradia, estabelecem-se contactos, namora-se e cria-se uma rede de relações de amizade, aproveitando a internet como um meio eficaz de manutenção de sociabilidades. Mas é importante notar que, para aqueles e aquelas que mantêm uma rotina de trabalho estafante, em que não se sabe o dia da folga e por isso não se pode planear minimamente a sua vida pós-trabalho, a internet torna-se um meio que possibilita desde casa, a qualquer hora, fazer-se certas actividades que lhe são impedidas durante o resto do dia.

A escolha das pessoas com quem se mantém contacto depende muito da experiência quotidiana de cada uma. As amizades são bem seleccionadas, pois existe uma determinação de quem pode ser merecedor de amizade. Neste caso, a confiança depende daquele “quem eu me certifico que não me vai prejudicar”, seja com a “denúncia da minha situação ilegal”, seja no ambiente de trabalho, e finalmente aquelas que se enquadram às posturas exigidas a uma mulher brasileira. Essas posturas sejam corporais, sejam de convívio com cidadãos de outras nacionalidades ou com brasileiros, são estabelecidas de acordo com a experiência quotidiana de cada uma.

É aqui que surgem alguns factores relevantes: a importância das imagens representativas que são atribuídas aos brasileiros, geralmente vistos como mais simpáticos, alegres e sensuais. Neste processo, eles próprios criam e recriam as suas próprias imagens. Para as mulheres brasileiras com quem trabalhei a aproximação ao *jogo da centralidade* (Machado, 2007), ou melhor a aproximação às imagens representativas sobre os brasileiros baseadas nos estereótipos, depende muito de sua experiência quotidiana e do que a mulher brasileira quer expressar. Nem sempre a mulher deseja esta aproximação e por isso as suas posturas diante da sociedade portuguesa e de outros (as) brasileiros(as) dependerá de como a sua identidade é construída através de um *jogo de espelhos*. Pode querer reflectir imagens ou pode querer refractar, ou seja, pode pretender uma aproximação às representações estereotipadas sobre as brasileiras ou um distanciamento delas.

É importante assinalar que estamos falando de um ambiente onde a mulher brasileira é vista como mais simpática, mais alegre e sensual e neste sentido associada à prostituição. Os dados etnográficos revelaram que as mulheres que trabalham no *mercado da simpatia*<sup>61</sup>, ora desejam ser associadas à simpatia tida por “inerente” ao brasileiro – por fazer parte do seu *estereótipo nacional* – ora desejam um distanciamento desta (e do estereótipo). O *jogo de espelhos* torna-se essencial para estas trabalhadoras que necessitam da cordialidade e simpatia no seu local de trabalho e em outros ambientes, mas que precisam de avaliar até que ponto devem transparecer essas qualidades.

É neste sentido que surge a ideia do controle do corpo. O corpo, visto aqui como expressão e instrumento de comunicação, é um dos meios utilizados para reflectir ou refractar imagens no *jogo de espelhos*. Quando deseja corresponder a uma imagem representativa dos brasileiros baseada numa identificação enquanto povo alegre e simpático, a mulher faz uso da expressão corporal adequada. O sorriso, por exemplo, é um dos recursos que pode ser utilizado para recriar uma imagem que deseja passar ao outro. As vestimentas também podem servir como aproximação a uma identidade colectiva quando se usa, por exemplo, uma roupa mais sensual, bonita e confortável, que são parte da imagem corporal estereotipada da brasileira.

Mas também o corpo pode expressar o desejo de afastamento à *centralidade*. O controlo da fala, por exemplo, pode servir de instrumento para se tentar fugir de uma

---

<sup>61</sup> É importante ressaltar mais uma vez que neste trabalho não dediquei atenção as profissionais do sexo.

identificação com a “brasilidade”. Quando se tenta aproximar de um sotaque português a partir de uma avaliação do contexto e dos interlocutores para quem fala, a brasileira deseja afastar-se dessa *centralidade*. Mais uma vez as vestimentas podem também servir de exemplo, não mais para aproximação, mas sim afastamento às imagens estereotipadas sobre a brasileira. Através do controlo do que vestir, procura roupas menos decotadas e curtas para que não seja associada a mulher fácil e/ou prostituta.

Se no trabalho exige-se dela a simpatia, ela deve avaliar qual o momento em que deve usar o seu sorriso, e que tipo deve fazer, porque sorriso a mais pode indicar, por exemplo, que ela não só é boa profissional como também está a se insinuar a um cliente. Falar com sotaque aproximado do sotaque português pode também dar uma ideia de que ela está inteiramente adaptada à sociedade de acolhimento e por isso distanciada do *brasileiro exótico*.

Outras estratégias também podem ser criadas e recriadas principalmente num ambiente em que a mulher pode ser tornada invisível enquanto “eu” e vista apenas enquanto brasileira. A mulher torna-se invisível na medida em que recaem sobre ela os estereótipos da brasileira como sensual, fácil e por assim dizer prostituta, anulando-se o “eu” e as suas particularidades. Sendo assim, a mulher brasileira também pode desejar um afastamento dessas imagens representativas sobre o Brasil e as brasileiras, tentando ela mesma ser invisível. Essa invisibilidade desejada faz com que ela assuma posturas diferentes de um padrão brasileiro. Mas ela também pode, quando se apercebe dessa ausência de visibilidade, reagir e assim reforçar ainda mais a sua qualidade enquanto pessoa, ressaltando que ela, o indivíduo, é melhor por ser mais simpático. Mais uma vez mostra-se aqui a pertinência de falar em *jogo de espelhos*, pois não é um *centro* onde se fecham todas as possibilidades e convergem sempre para um mesmo ponto, é antes um jogo de imagens que tanto são acolhidas como afastadas de acordo com a experiência de cada uma.

As alíneas aqui descritas apenas trataram de uma das experiências quotidianas das mulheres brasileiras, dando espaço para se reflectir outras experiências diárias. Este foi apenas um esforço de entender um ponto de todo o “mar de identidades” (Machado, 2006) que envolve a experiência de mulheres brasileiras em Lisboa. E neste sentido podemos pensar, por exemplo, as relações afectivas como um desses outros caminhos. Cabe agora, em trabalhos futuros, pensarmos nesses outros aspectos da vida da imigrante brasileira.

# *Bibliografia*

ALMEIDA, M.V. (org). (1996). *Corpo presente: Treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*. Oeiras: Celta Editora.

ADLER, P.A., e ADLER, P. (1994). “Observational Techniques”. in DENZIN e Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* ( pp. 377-392). Thousand Oaks, CA: Sage.

AUGÉ, M, (2005). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.

ALVES, R. *Curiosidade é uma Coceira nas Ideias*. Folha de São Paulo. 27/07/2002.

ASSIS, G. (2003). “De Criciúma para o mundo – Os novos fluxos da População Brasileira: Género e Rearranjos Familiares”. In *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Género e Redes Sociais*. São Paulo: Ed. Paz e Terra.  
Disponível em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/1586/1334> (acesso: 20/09/08)

BAGANHA, M. I. e GOIS, P. (1998/1999). “Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. (nov. 1998/ fev.1999).

BÓGUS, L. e BASSANESI, M.S. (1999). “Brasileiros na Itália: Movimentos Migratórios e Inserção Social”. In *Margem, Faculdade de Ciências Sociais/ PUC-SP*. vol. 10. São Paulo: EDUC/FAPESP pp. 211-227

BÓGUS, L. (2007). “Esperança Além-Mar: Portugal no “Arquipélago migratório” brasileiro”. In: MALHEIROS, J. (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: Observatório da Imigração.

BOISSEVAIN, J. (1976). *Friends of Friends. Networks, Manipulators and Coalition*. Oxford: Blackwell.

BOURDIEU, P. (1980). *Le Sens Pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.

BOURDIEU, P. (2004a). *O Poder Simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: 7ª Edição.

BOURDIEU, P. (2004b). *Razões Práticas: Sobre a Tteoria da Acção*. 5ª Edição. Campinas, São Paulo: Papirus Editora.

BORDONARO L. e PUSSETTI, C. (2006) “Da Utopia da Migração à Nostalgia dos Migrantes. Percursos Migratórios entre Bubaque (Guiné Bissau) e Lisboa”. In LIMA, A. e SARRÓ, R.(org). *Terrenos metropolitanos. Ensaio sobre Produção Etnográfica*, Lisboa: ICS

BOYD, M. (1989). "Family and Personal Networks". in *Interncional Migration: Recent Devepments and New Agendas*. Volume XXIII, n.3. Internacional Migration Review p.639- 669

CASA DO BRASIL DE LISBOA (2004) – A "Segunda Vaga" de Imigração Brasileira para Portugal (1998-2003). Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa.

CASTLES S. e MILLER M., (2003). *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. Third edition Revised and updated.

CSORDAS, T. (1994), "Introduction: the Body as Representation and being-in-the-world". In Csordas, Thomas (org.), *Embodiment and Experience: The Existential Ground of Culture and self*. Cambridge: Cambridge University press, p. 1-26.

CUNHA, M. (1996), "Corpo Recluído. Controlo e resistência numa Prisão Feminina". In ALMEIDA, M. V. (org.) (1996). *Corpo presente: treze Reflexões Antropológicas sobre o Corpo*. Oeiras: Celta Editora.

DA MATTA, R. (1973). *O Ofício do Etnólogo ou como ter Anthropological Blues*. Brasília: Simpósio sobre Trabalho de Campo em Etnologia.

DENZIN, N. (1989). *Interpretive Biography*. Newbury Park. Calif: Sage Publication

DILTHEY, W. (1986) (1910), "The construction of the Historical World in the Human Studies". In Rickman, H.P., W. Dilthey, *Selected Writings, Cambridge University Press, Cambridge*. Londres e Nova Iorque: New Rochelle, p.170-245.

DINIZ, E. C. (2005). "A Mulher Brasileira na Imigração em Portugal". In *Imigração e Etnicidade: Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*, Lisboa: SOS Racismo.

DORNELLES, J. (2004). *O Orkut e a Terceira Forma de Sociabilidade*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.megabaitche.hpg.com.br/orkut.htm>. Última actualização em 30 de Setembro de 2004.

DOUGLAS, M. (1995). "The Cloud God and the Shadow Self". *Social Antropology*. vol.3(2), p.83-94.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ELIAS, N. (1996). *The Germans: Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Cambridge: Polity Press

ELIAS, N. (1997). *Os Alemães: A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

ELLIS, C. (1998). "I hate my voice: Coming to terms with minor bodily stigmas". *Sociological Quarteyly*. 39, p.517-537.

ELLIS, C., e BOCHNER, A. P. (2000). "Autoethnography, Personal Narrative, reflexivity: researcher as subject". In Denzin e Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (2nd ed., pp. 733-768). London: Sage.

FAWCETT, J. (1989). *Networks, Linkages and Migration Systems*, in *International Migration Review*, 23 (3): 671-680.

FAZITO, D. (2002). *A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade*, Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil (disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_ST1\\_Fazito\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_ST1_Fazito_texto.pdf) - acesso em: 08/10/08)

FELDMAN-BIANCO, Bela. (2002). "Entre a 'fortaleza' da Europa e os laços afectivos da 'irmandade' luso-brasileira: um drama familiar em só um ato". In BASTOS, C., Almeida, M.V, Feldman-Bianco, B. (orgs). *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

FELDMAN-BIANCO, Bella. (2001). "Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference". *Identities – Global Studies*. In *Culture and Power*, vol. 8, n. 4, pp. 607- 650.

FERGUSON, J. (1999), *Expectation of Modernity. Myths and Meanings of Urban Life on the Zambian Copperbelt*, Berkeley: University of California Press.

FERNANDES, G. (2006). "Multifaces do Papel Passado : Os Significados do Título de Propriedade da Terra Urbana", Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

GARDNER, K. (2001) (1995). *Global Migrants, Local Lives: Travel and Transformation*. In *Rural Bangladesh*. Clarendon Press. Oxford.

GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar.

GIDDENS, A. (2003). *Sociologia*. 4ª Edição revisada e actualizada. In SOBRAL, J.M. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GOFFMAN, E. (1996). *Manicômios, prisões e conventos*. 5ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva.

GOFFMAN, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio D'Água Editores

GOZA, F. (2003). "Social Networks and the Incorporation of Brazilians in Canada and the United States". In BRAGA, A.C Martes y Soraya Fleischer (orgs.). *Borders Traversed: Ethnicity, Family and Social Network.*, pp. 263-288. São Paulo: Paz e Terra.

HALL, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.



HAYANO, D. M. (1979). *Auto-Ethnography: Paradigms, Problems, and prospects*, Human Organization, vol. 38, nº 1, pp.99-104

HOCHSCHILD, A. R. (2003). *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling, 20th Anniversary ed. with a New Afterword*. Berkeley: University of California Press.

HODKINSON, P. (2005), *Insider Research in the Study of youth Cultures*. Journal of Youth Studies. Vol8. n.2, June 2005. pp. 131-149.

JENKINS, Richard. (1996). *Social Identity*. Londres: Routledge.

KRITZ, M. e ZLOTNIK, H. (1992) “Global Interactions: Migration Systems, Processes and Policies”, in Mary Kritz et Alli (edx.) *International Migration Systems. A Global Approach*, Clarendon Press, Oxford.

KOFMAN, E. (1999). Female 'Birds of Passage' a Decade Later: Gender and Immigration in the European Union. In *International Migration Review*; v.33, n.2, p.269-299.

LEOUSSI, A. (ed.).(2001). *Encyclopaedia of Nationalism*. New Brunswick e Londres: Transaction Publishers.

LEPRI, I. (2005). “Identidade e Alteridade entre os Ese Ejja da Bolívia Setentrional”. *Mana* 11(2):449-472.

MACHADO, I. (2007). “Reflexões sobre as Identidades Brasileiras em Portugal”. In MALHEIROS, J. *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: ACIDI

MACHADO, I. (org.) (2006). *Um mar de identidades. A Imigração Brasileira em Portugal*. São Carlos: EduFSCar.

MACHADO, I. (2003). “*Cárcere Público: os Estereótipos como Prisão para os Brasileiros no Porto, Portugal*”. Tese de Doutorado, (<http://www.ufscar.br/~igor/public/carcere%20publico%204.pdf>), acesso: 10/05/2007

MARCOUX, J. (2001). “The Refurbishment of Memory”. In Miller, D. (ed.). *Home Possessions*. Oxford: Berg.

MARGOLIS, M. (1994). *Little Brazil: Na Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*, Princeton University Press, Princeton, New Jersey.

MALINOWSKI, B. (2002). *Argonauts of the Western Pacific: Na Account of native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanésia New Guinea*. Londres e Nova Iorque: Routledge.

MARQUES, M. (2006). “Prefácio”. In PORTES, A. *Estudos sobre as migrações contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda geração*”, tradução Frederico Ágoas Lisboa: Fim de Século.

MAPRIL, José (2008) *A “Modernidade” do Sacrifício Qurban, Lugares e Circuitos Transnacionais entre Bangladeshis em Lisboa*. Tese de doutoramento em Antropologia Social e Cultural apresentada à Universidade de Lisboa.

MILLS, C. W.(1965). *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MORAES, Vinícius (1995). *Para viver um grande amor*. São Paulo: Cia das Letras. p.18.

NEIBURG, F. (2000). “Apresentação à Edição Brasileira: A Sociologia das Relações de Poder de Norbert Elias”. In ELIAS, N. e SCOTSON, J. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

OLIVEIRA, S. P. (2006). “Sem Lenço, Sem documento: Brasileiros Não-documentados em Portugal”. In MACHADO, Igor José de Reno (2006). *Um mar de Identidades: A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: EdUFSCar.

PADILLA, B. (2007) “A Imigrante Brasileira em Portugal: Considerando o Género na Análise”. In MALHEIROS, Jorge, *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.

PADILLA B. (2005) *Redes Sociales de los Brasileños Recién Llegados a Portugal: ¿Solidaridad Étnica o Empatía Étnica?*, SOCIUS Working Papers, nº2/2005, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa

PADILLA, B. (2004a) – “Redes Sociales de los Brasileños Recién Llegados a Portugal: Solidaridad Étnica o Empatía Étnica?”, apresentado no Convegno Internazionale: I Latini Alla Scoperta Dell’Europa, Nuove migrazioni e spazi della cittadinanza, Génova

PADILLA, B. (2004b) – “Integration of Brazilian Immigrants in Portuguese Society: Problems and Possibilities”, apresentado na 9.<sup>a</sup> Metropolis Conference “Co-operative Migration Management: International, National and Local Answers, Genebra.

PARKIN, D. (1999). “Mementoes as Transitional Objects In Human Displacement”. In *Journal of Material Culture*, 4(3), p. 303 -320.

PINA-CABRAL, J. (2007). “A Pessoa e o Dilema Brasileiro: uma Perspectiva Anticesurista”. *Novos Estudos Cebrap*. Nº 78: 95-112

PINA-CABRAL, J. (1996) “Corpo Familiar. Algumas Considerações finais sobre Identidade e Pessoa. In ALMEIDA, M. V. (org.) 1996. *Corpo Presente. Treze reflexões Antropológicas sobre o Corpo*. Oeiras: Celta Editora.

PINA-CABRAL, J. e LIMA, A. (2005). *Como fazer uma História de Família: um Exercício de Contextualização Social*. Etnográfica. Vol. IX (2)

PINHO, F. (2007). “A Imprensa na Construção do Processo Migratório: a Constituição de Portugal como Destino Plausível da Emigração Brasileira”. in MALHEIROS, J. A *imigração brasileira em Portugal*, Lisboa: ACIDI.

PEDONE, C. (2005). “Relazioni di Genere e Catene Familiari in un Contesto Migratorio Internazionale”. In Ambrosini, M.; Queirolo Palmas, L. (eds) *I Latinos alla scoperta dell'Europa. Nuove migrazioni e spazi della cittadinanza*. Milan: Editorial Fratelli, [http://www.iudesp.ua.es/actividades/2007/IIIseminario\\_migraciones\\_docus/talles/Pedone/genovafinal.pdf](http://www.iudesp.ua.es/actividades/2007/IIIseminario_migraciones_docus/talles/Pedone/genovafinal.pdf), acesso: 17/08/08

PEIXOTO, J. e FIGUEIREDO, A. (2007). “Imigrantes Brasileiros e Mercado de Trabalho em Portugal”. In MALHEIROS, Jorge. *A imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.

PORTES, A. (2006). *Estudos sobre as Migrações Contemporâneas: Transnacionalismo, Empreendedorismo e a Segunda geração*, tradução Frederico Ágoas, Lisboa: Fim de Século.

PORTES, A. (1999). “Immigration Theory for a New Century”. In *The Handbook of International Migration: The American Experience*, p. 21-33.

REED-DANAHAY, DEBORAH E. (1997). *Auto-ethnography: rewritings the self and the social*, Oxford: Berg

RIBEIRO, G. L. (1998). “Goiânia, Califórnia. Vulnerabilidade, Ambiguidade e Cidadania Transnacional”. Série Antropologia 235, Brasília. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie235empdf.pdf> Acesso: 26/07/2008.

RICHARDSON, L. (1994). “Writing: A method of inquiry”. In Denzin e Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp.516-529). Thousand Oaks, CA: Sage.

RODRIGUES Jr., G. (2007). *(In)Visibilização Social: o jogo dramático de visibilidade e invisibilidade dos actores sociais*, Monografia apresenta à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal

ROWLAND, R. (2003). “Patriotismo, povo e ódio aos portugueses: notas sobre a construção da identidade nacional no Brasil independente”. In Jancsó, I. (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Editora Hucitec. p. 365-387.

ROWLAND, R (1998). “O problema da emigração: dinâmicas e modelos”. In BETHENCOURT, F. e Kirtichaudhri (org). *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Circulo de Leitores. pp. 305-323.

SANTOS, B. S. (1994). *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*: 3ª edição. Porto: Edições Afrontamento.

SALES, T. (2005). “Hard-working Newcomers: Brasileiros Imigrantes nos Estados Unidos”. In BARRETO, A. *Globalização e Migrações, Estudos de Investigação*, Imprensa de Ciências Sociais.

SARRÓ, R. (2005). “Se isso é um objecto...”. In *Análise Social*, vol XL (174), 177 – 185, Lisboa.

SERRÃO, J. (1963). Dicionário de história de Portugal. Lisboa: Iniciativas Editoriais.

SERTÓRIO, E. & PEREIRA, F. (2004), *Mulheres Imigrante*. Lisboa: Ela por ela.

SOBRAL, J. M. (2007). “Cidadania, Nacionalidade, Imigração: um breve historial das suas inter-relações contemporâneas como referência ao caso português”. In Isabel Estrada Carvalhais, (coord.), *Cidadania no Pensamento Político Contemporâneo*, Lisboa: Principia, pp. 137-163.

SOBRAL, J. M. (2006). “Memória e Identidade nacional”. In SILVA, M.C. ed., *Nação e estado: entre o local e o global*. Porto: Edições Afrontamento, p.27-49.

SOBRAL, J. M. (1999). *Trajectos: O Presente e o Passado na Vida de uma Freguesia da Beira*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

SOARES, L. E.. (2005). “Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo”. In: BILL, MV, ATHAYD, C.; SOARES, L. E. *Cabeça de Porco*. São Paulo: Editora Objectiva.

SILVIA, Sónia (2004), *Vidas em Jogo: Cestas de Adivinhação e Refugiados Angolanos na Zâmbia*, Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa.

TOREN, C. (1993), *Making History: the Significance of Childhood Cognition for a Comparative Antropology of Mind*, Man, 28, 461-478.

TORRESAN, Â. (1994). *Quem parte e quem fica. Uma Etnografia sobre os Imigrantes Brasileiros em Londres*, Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TILLY, C. (1990). “Transplanted Networks”. In MCAUGHLIN, V. (ed.) *Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics*. Nova Iorque: Oxford University Press.

TURNER, V. (1985). “Experience and Anthropology”. In TUNER, Edith (org.), *On the Edge of the Bush: Anthropology of Experiense*, Tucson, Arizona: The University of Arizona Press, 177-204

WALL, S. (2006). “An autoethnography on learning about autoethnography”. *International Journal of Qualitative Methods*, 5(2), Article 9. 2006. Disponível em [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/pdf/wall.pdf](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/pdf/wall.pdf)  
Acesso em: 24/07/2008.

WALL, K., NUNES, C. e MATIAS, A.R. (2005). “Female Migrations Vision: Immigrant Women in Portugal: Migration Trajectories”, Main Problems and Policies, Working Papers Instituto de Ciências Sociais, [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2005/wp2005\\_7.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2005/wp2005_7.pdf)  
(acesso: 06/04/08)

VIEGAS, S. (1996). *Pessoas Presentes, Pessoas Ausentes: Processos de Intersubjectivos de Consciência do Tempo no Envelhecimento*. In (org) ALMEIDA, M. V. *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, , Oeiras: Celta Editora.

# *Anexo*

## **Eu, elas, nós as imigrantes brasileiras<sup>62</sup>**

### **Gleiciani**

Meu projecto migratório iniciou 20 anos antes de minha primeira viagem a Portugal. Na primavera de 1988 desembarcava em terras lusas minha tia Dinha, responsável directa por minha estadia cá. Quando ela saiu do Brasil eu tinha 5 anos e nem fazia ideia do que significava atravessar fronteiras, mas senti, pela primeira vez, a dor da distância. Sem saber, já vivia uma das experiências da imigração: o desligamento do que lhe é próximo.

Em Agosto de 2006 embarquei em Fortaleza com destino a Lisboa munida de muita expectativa. Era minha primeira viagem internacional e estava prestes a conhecer a terra que um dia tinha proporcionado o meu desligamento da “tia querida”. Inicialmente seria uma viagem de férias, mas apareceu a oportunidade de fazer um Mestrado, motivo que veio a se transformar a razão única de minha permanência em Portugal.

Como tantos outros brasileiros tornei-me uma imigrante. De certa forma segui os trilhos de minha tia: eu, como ela, viemos em busca de um amor, ela pelo marido e eu pelas ciências sociais.

Logo nos primeiros tempos apercebi-me de que muita coisa tinha mudado. Eu vinha de uma família de classe média, não rica, que tinha sofrido com as constantes crises financeiras ao qual o Brasil sofreu nas décadas de 1980 e 1990. Filha de dois professores que tinha a educação das filhas uma prioridade. Cresci em um ambiente de valorização do conhecimento intelectual e talvez isso explique um pouco das minhas escolhas na fase adulta. Até a própria opção por “enveredar” pelas ciências sociais parte de como eu e minha família encaramos a actuação política como liderança comunitária e também de como no Brasil as ciências sociais assumem um carácter interventivo.

Em terras estrangeiras a situação era outra, já não mas poderia “viver” das e pelas ciências sociais. Deveria me desligar do papel de bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ, do qual tinha vivido durante

---

<sup>62</sup> Por questões de espaço só pude citar quatro pequenas descrições biográficas. Mas creio que os casos escolhidos são bem ilustrativos.

boa parte do meu percurso acadêmico. Aqui, aprendi que não poderia viver e fazer somente aquilo que mais amo e me dá prazer. Teria que conjugar a reflexão teórica com as “actividades imigrantes”.

Os primeiros meses foram muito difíceis. Eram muitas mudanças: um novo país, uma nova casa, uma nova família, uma nova Universidade e novos amigos. Tudo muito diferente do que eu estava acostumada. Tive que procurar emprego porque a nova universidade é paga, coisa que para mim era difícil, pois vinha de uma Universidade Pública, que no Brasil é “gratuita”. Causava-se confusão esta nova realidade onde o público não significa gratuito. Meu primeiro emprego foi em um restaurante. É aí que o sofrimento foi mais intenso, pois agora o corpo (perna e braços) sofria. Várias vezes chorei durante o expediente a pensar como era doloroso trocar a caneta por uma vassoura. Ora, para quem no Brasil só estudava e em casa tinha quem fizesse todas as tarefas domésticas, era demasiado sofrida essa nova realidade. Custava-me muito trabalhar aquelas longas horas, em pé, sem hora para comer e sem parar um só instante para descansar. O mais duro era aos fins-de-semana, pois entrava às 9h e só sairia às 24h. Um total de 15 horas e trabalho sem descanso. Para alguém que trabalha neste ritmo sobra poucas condições físicas e psicológicas para estudar. Isso fazia com que eu entendesse bem o que minhas interlocutoras queriam dizer sobre sonho de estudar e a frustração de não conseguir. Meus dias de folga do trabalho não eram dias livres, dedicava todos eles ao mestrado e isso teve suas consequências: um desempenho muito aquém do que eu sabia que era capaz. Isso me era penoso, além de fazer actividades que detestava, estas me impediam de me dedicar ao meu grande e verdadeiro amor que era as ciências sociais. As consequências foram muito mais psicológicas do que realmente físicas. A queimadura que tive com o acidente de trabalho, em que caiu sobre o meu corpo água a ferver e ainda hoje carrego a cicatriz, foi muito menos marcante do que o trauma de não me sentir capaz de “fazer ciências sociais” e assim me sentir inferior diante dos colegas de mestrado que nitidamente aproveitavam muito mais a vida académica. Isso sim deixou marcas.

Ao ver que não era possível conciliar este trabalho e estudo resolvi procurar outros rumos. Não dava para continuar no restaurante. Comecei a buscar novo emprego. Essa experiência também deixou marcas, ou melhor, aprendizado. Ao enviar currículos e fazer algumas entrevistas, me deparei com uma empresa que me queria contratar, porém, os serviços extra-secretariado que me ofereciam não estavam nos meus planos. A proposta para ser “acompanhante de luxo” foi prontamente recusada. Não que eu

tenha preconceitos com quem exerce essa actividade, mas ser prostituta não estava nos meus planos. Nunca tinha tido contacto com tais propostas e o medo de ser perseguida por tal “empresa” concretizou-se no dia em que fui seguida pelas ruas de Lisboa. Os dias que seguiram foram complicados, tinha medo de sair de casa, não queria sair nas ruas ou para que lado fosse. Isso durou até o dia em que fui chamada para outra entrevista. Ao perceber que cairia de novo em uma cilada e que o entrevistador me esperava no quarto de hotel tratei de me afastar o mais rápido possível e nunca mais procurei emprego em anúncio de jornal que anunciava serviços de secretária. Até hoje me pergunto porque não denunciei. No meu caso não me aconteceria nada de mau, minha situação legalizada em Portugal me dava esta segurança. A única razão que encontro é o medo, pois no currículo estava dados importante como morada, telefone e eu tinha medo de retaliações. Calei-me até o dia em que resolvi escrever no meu *blog*. A minha denúncia transformou-se em um alerta, pois ainda hoje recebo recados de agradecimento por alertar a todas as brasileiras que certas propostas de emprego podem aparecer.

O trabalho a seguir foi em um pronto-a-vestir. Por lá fiquei 4 meses, em meio as desconfianças da patroa que na entrevista me disse que não contratava brasileira. Fui a primeira. Lá era complicado porque não me conformava em “vigiar” e desconfiar de todos os ciganos e ucranianos que ali entrava. Eu, que me sentia injustiçada por desconfiarem do meu carácter por ser brasileira, teria que duvidar de outras pessoas e julga-las por sua descendência ou etnia. Não suportei muito tempo, não dava para ser controlada e controlar, parecia as teorias de Marx reincarnada nos dias de hoje.

Ao sair dessa loja fui trabalhar em outra em prestigiado bairro de Lisboa. Não que lá fosse melhor que os outros trabalhos, mas por lá fiquei por um bom tempo. Lá consegui conciliar um pouco mais com o estudo e servia também para fazer trabalho de campo, pois convivia com brasileiras (clientes, colegas de trabalho da minha loja e das lojas vizinhas). Foi uma boa experiência, mesmo que muito sofrida. As horas extras sem remuneração, o trabalho estafante e o salário muito aquém de minhas qualificações foram importantes para eu aprender um pouco do mundo para além dos muros académicos, realidade esta que até então eu desconhecia.

Hoje, ao escrever essas linhas, vejo quantas coisas vivi e o quanto aprendi. Essa experiência me proporcionou conhecimentos, tento os que aprendi na universidade como os que aprendi como lição de vida. Tenho uma enorme dívida de gratidão com



todos aqueles que de uma forma ou de outra me ajudaram na concretização da dissertação de mestrado.

## **Liliane**

Cabelos longos, pele clara, corpo pesado, sorriso simpático, voz afinada. Liliane é meiga como seu sorriso. Corpo aparentemente forte que esconde a delicadeza e a ternura da alma. Anda devagar, mas é prudente e avalia os passos que deu. Trouxe na mala o sonho de seguir carreira. Queria trabalhar em sua área. Mas no primeiro mês viu que foi enganada, era melhor trabalhar “nas frutas”. Acordou do sonho quando dormiu a primeira noite no chão duro de uma área. As horas que passou debaixo de sol de Agosto trouxe-a a realidade, o suor que derramou foi a marca do sonho frustrado. Sua voz afinada acalentava-nos em dia de demasiada saudade de além-mar, dando-nos força para seguir e suportar às 15h diárias na cozinha do restaurante.

Em pouco tempo de convivência ficamos amigas. Dividimos segredos, compartilhávamos sonhos. Acompanhei algumas vezes suas conversas ao telefone com o pai. Eram sempre momentos de emoção e o adeus sempre terminava em lágrimas. Eu entendia bem aquele momento. Eu também compartilhava daquele choro. Compreendia porque “Portugal é terra que a gente chora e o pai não ver”.

Liliane era mineira, mais especificamente da cidade de Belo Horizonte. Tinha tido uma infância tranquila. Sua relação com os pais era marcada por muita obediência e carinho, mas os seus olhos não deixavam escapar o desejo de aventurar-se. Filha de uma família de classe média não teve muitas dificuldades em conseguir emprestado o dinheiro para vir para Portugal. Depois de terminar o seu curso técnico viu-se diante da oportunidade de imigrar.

Fui à casa de Liliane uma vez. Era um pequeno apartamento nos arredores de Lisboa. Moravam com ela 8 pessoas, dentre elas uma criança de alguns meses. Dividiam 4 cômodos pequenos. Lili, alcinha carinhosa, dormia em um quarto com mais duas amigas, era um pequeno espaço que só suportava três camas e um armário. O outro quarto era da mãe e do recém-nascido e a sala foi transformada em quarto para abrigar os outros moradores. Tudo ali era dividido. A pequena sala, transformada em quarto também servia de varal, guarda volumes e sala. As malas espalhadas pelo chão davam a ideia de que os moradores estavam de passagem e a qualquer momento poderiam

mudar. A cozinha era talvez o maior espaço da casa, ali tudo era dividido. A casa, a comida, a casa de banho, os quartos, a vida...

Neste dia em que fui lá conheci alguns moradores da casa. Foi um dia interessante e também matei um pouco a saudade de casa. Ouvimos música brasileira, comemos comida brasileira e “batemos um papo” bem brasileiro. Este era o ritual de todos os dias, aos poucos iam chegando de suas jornadas de trabalho e se juntando a mesa da cozinha para conviver entre si.

Fiquei alguns meses sem ver Liliane. Cada uma de nós seguiu caminhos diferentes. Eu fui trabalhar em uma loja e Lili resolveu trabalhar em uma empresa que industrializava frangos. Depois ela me contou como tinha sido sua vida neste período. Trabalhava desde cedo da manhã até à noite. Muitas vezes era obrigada a ficar até mais tarde no emprego, pois como o dono da empresa é que os levava para a casa, porque não tinham outro meio de transporte, ele o fazia quando bem o apetecesse. Lili pegou peso, trabalhou no frio das câmaras, fez um esforço enorme para conseguir sua legalização.

Seu processo de legalização foi um acontecimento à parte. Depois de muito tentar, conseguiu reunir todos os documentos para ir ao SEF. Ao chegar lá viu-se diante da desconfiança por parte dos agentes que questionavam a regularidade da empresa. Liliane desesperou-se e até hoje atribui sua legalização a insistência com que pedia para resolvessem seu problema. Segundo ela, tinha vencido pelo cansaço.

Da última vez que vi Liliane sua vida estava bem mais tranquila. Tinha conhecido um cidadão português e se sentia bastante dividida em voltar ao Brasil definitivamente e ficar em Portugal. A terra parecia mais distante, principalmente porque agora tinha melhores condições de vida, não mais compartilhava a casa com vários brasileiros. Morava sozinha e já organizava a vida para ir pela primeira vez a casa depois de mais de 2 anos em *terras estrangeiras*. Lili dizia-se feliz.

## **Emanuele**

Emanuele tinha 35 anos. Nasceu no interior de Feira de Santana na Bahia. Dizia-se migrante já muito antes de Portugal. Após falecimento dos pais a família resolve ir para São Paulo e logo depois para o Espírito Santo. Alegava que essas mudanças todas eram devido as dificuldades financeiras que a família sofreu logo depois dessa tragédia familiar. No Brasil trabalhava em uma empresa de importação e exportação. Era recepcionista.

Após o convite de uma amiga, que já tinha migrado há algum tempo antes, resolve vir para Portugal porque sentia a necessidade de mudar de vida. Segundo ela, o emprego estável já não a satisfazia, queria realizar o sonho de um negócio próprio e também conhecer uma cultura nova. Emigrar para Portugal era o caminho mais adequado, já que a amiga daria suporte nos primeiros meses.

Chegou em Portugal em Janeiro de 2006. Depois de dois meses desempregada conseguiu trabalho na mesma empresa que a amiga. Diz que mesmo assim sua vida não foi fácil. A sua situação actual está mais estabilizada por conta da autorização de residência. Para ela, “Portugal já é pequeno”, sente-se livre para caminhar por onde quiser. Já não precisa ter medo de andar nas ruas e sua vida já não é de casa para o trabalho. Inicialmente convivia em um ambiente de medo e por isso recusava-se ir a festas e eventos.

Sua experiência nos primeiros tempos não foi fácil e atribui a sua situação de residência legalizada no país por conta do seu esforço no trabalho. Diz orgulhosa que foi seu trabalho que lhe deu essa garantia e que muitas vezes estão mais tempo que ela na empresa ainda não tem esse “privilegio”. Para isso, dizia-se disponível 24h e não poderia dizer “não” as exigências do patrão. Em nome de um objectivo estava disposta a trabalhar quantas horas fosse preciso, mesmo que tivesse que dar expediente em 3 lojas no mesmo dia. Mas reconhecia que as 12h seguidas de trabalho não foram fáceis, mas que agora, “por opção” continuava no mesmo ritmo.

Indagada sobre a possibilidade de voltar definitivamente para o Brasil, reconhecia que ainda não estava nos seus planos, mesmo assim as férias eram esperadas com muita expectativas. Estava prevista sua viagem de férias para o natal deste ano e pela primeira vez voltaria ao seu país.

Emanuele dizia-se feliz e o seu sorriso constante dava-nos esta ideia. Para ela o sonho da família estava prestes a ser realizado e daqui alguns meses a família poderia abrir seu negócio graças ao seu esforço.

Quando conheci Emanuele, em Agosto de 2006, ela tinha uma aparência saudável. O corpo era relativamente forte e a pele de uma menina de 18 anos. Passei alguns meses sem vê-la, mas sempre tinha notícias suas com os colegas em comuns. Foram esses que me alertaram que ela estava a passar por alguns problemas e sua magreza extrema denunciava algo de errado. No dia que nos encontramos para a entrevista tive um susto. Parecia não acreditar no que via. Emanuele estava muito magra e a pele já não era a mesma. Neste dia não me falou nada, mas eu sabia que ela estava a fazer tratamento com psicólogo e que aquele estado de seu corpo não era nada saudável. Segundo nossos amigos mal ingeria comida e trabalhava incessantemente sem necessidade visível. Mesmo assim, naquele dia e nos outros que nos encontramos ela mostrava-se bem e não deixava de mostrar seu sorriso encantador.

## **Francilene**

Francilene chegou em Portugal em Fevereiro de 2007. Era cearense, nascida em Cascavel. Tem 27 anos e uma vida de bastantes viagens. Aos 10 anos foi morar com uma família que por ter boas condições financeiras tinha uma casa de veraneio em Cascavel. Mudou-se para Fortaleza e logo depois para Teresina. Ficou na companhia dessa família até os 13 anos e a partir daí resolveu ficar na casa dos pais.

Por lá passou pouco tempo e logo retorna a Fortaleza para trabalhar como doméstica. Depois de uma atribulada vida escolar resolve estudar na capital neste período. Terminou o Ensino Secundário, mas abandonou o sonho de entrar na faculdade de marketing porque não podia conciliar estudo e trabalho.

Antes de vir para Portugal já tinha 3 anos desempregada e por indicação de familiares veio trabalhar em uma pequena indústria. As despesas com passagens foram pagas pela empresa e ela moraria na casa dos patrões. Não foi uma vida fácil. Passou a receber um pequeno salário para que as despesas com moradia e viagens fossem pagas aos poucos. Recebia 400€, mas com os descontos não passava muito de 200€. Trabalhava na empresa rotulando os sabonetes e depois fazia os serviços domésticos. Dizia-se presa, pois tinha seus horários de folga muito regulados. Após algumas desavenças resolveu sair desse emprego e procurar uma vida melhor.

O início foi difícil, teve que assumir a responsabilidade de ficar sozinha em Portugal, já que não aceitou a proposta de voltar para Fortaleza. Dizia que não aceitava ser mandada embora como se fosse uma bagagem. A partir daí resolveu morar com umas amigas.

Foi acolhida na casa de umas amigas que tinha feito quando havia oportunidade de sair nos dias de folga. Trabalhou por algum tempo como doméstica, mas logo depois conseguiu um emprego em *loja do chinês*. Trabalhava com muitas brasileiras e por isso dizia gostar, pois era muito animado e fazia esquecer o trabalho estafante.

Ceguei a ir com Francilene ao Consulado Brasileiro e ao SEF. Ela tentava sua regularização. Mas antes que pudesse assinar o contracto de trabalho foi “pega” em uma rusga do SEF. Recebeu uma carta para deixar o país em 20 dias. Mas, por conselho de amigos, mudou e agora vive em Cascais.

Uma das últimas vezes que tivemos contacto ela tinha sofrido uma agressão física e uma tentativa de violação. Estava bastante abalada e ainda se tinha escoriações. Mesmo assim não desistia e mantinha-se firme na decisão de ficar em Portugal. Há poucos dias da conclusão desse outro trabalho ela mais uma vez tinha se deparado com o SEF e tinha recebido a segunda carta para se ausentar do país.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.